



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV – JACOBINA  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – PPGED  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – MPED**

**MARIHEN DE SOUZA NOGUEIRA**

**“TU NÃO É HOMEM, NÃO?”: O QUE A JUVENTUDE PENSA SOBRE  
MASCULINIDADES E GÊNERO**

Jacobina-BA

2024

**MARIHEN DE SOUZA NOGUEIRA**

**“TU NÃO É HOMEM, NÃO?”: O QUE A JUVENTUDE PENSA SOBRE  
MASCULINIDADES E GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação – PPGED da Universidade do Estado da Bahia – UNEB- Jacobina, Campus IV, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação e Diversidade.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Souza Pinho

Jacobina -BA

2024

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Bibliotecário:  
João Paulo Santos de Sousa  
CRB-5/1463

Nogueira, Marihen de Souza  
N778t “Tu não é homem, não?”: o que a juventude pensa sobre  
masculinidades e gênero / Marihen de Souza Nogueira.  
Jacobina – BA  
97 fls.

Dissertação conclusão do curso de pós-graduação *Strictu  
Sensu* / Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação  
e Diversidade - PPED, da Universidade do Estado da Bahia –  
UNEB, *Campus IV*, Jacobina. Universidade do Estado da Bahia,  
2024.

Orientadora: Prof. Dra. Maria José Souza Pinho

1. Sexualidade. 2. Masculinidades. 3. Escola. 4. Gênero. I.  
Marihen de Souza Nogueira. II. Universidade do Estado da  
Bahia. Departamento de Ciências Humanas / Campus IV. III.  
Título

CDD – 301.417



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
Autorização Decreto nº 9237/86, DOU 18/07/96, Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95



Mestrado Profissional em Educação e Diversidade

## ATA

Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade - MPED

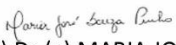
### SESSÃO DE APRESENTAÇÃO DE DEFESA PÚBLICA

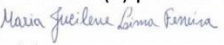
Em 14 de outubro de 2024, às 09 horas(s), no(a) Ambiente Virtual Plataforma Microsoft Teams, do Departamento de Ciências Humanas/Campus IV, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, realizou-se a Sessão Pública de Defesa da Dissertação, do(a) Mestrando(a) MARIHEN DE SOUZA NOGUEIRA, intitulada: "TU NÃO É HOMEM NÃO?": O QUE A JUVENTUDE PENSA SOBRE MASCULINIDADES E GÊNERO". O(a) Professor(a) Dr(a) MARIA JOSÉ SOUZA PINHO, orientador(a) e Presidente da Banca Examinadora, iniciou a sessão apresentando os demais examinadores: Prof.(ª) Dr.(ª) FERNANDO BAGIOTTO BOTTON - UESPI, membro externo e Prof.(ª) Dr.(ª) MARIA JUCILENE LIMA FERREIRA - UNEB, membro interno. A sessão teve a duração de 2h e 32 min e, após a exposição do trabalho e arguição do(a) discente a Banca emitiu o seguinte parecer:


| CONCEITO   | APROVADO (x)<br>10,0 | APROVADO COM<br>RESTRIÇÃO ( ) | REPROVADO ( ) |
|--|----------------------|-------------------------------|---------------|
| NOTA/PARECER   |                      |                               |               |
| O texto final apresenta-se coerente com o referencial teórico adotado, objetivos e questão norteadora em torno da temática da masculinidade, gênero e educação bem delineados, assim como a metodologia pertinente com a proposta da pesquisa. A banca sugere publicações e a confecção de um caderno do projeto de extensão para divulgação entre as escolas. |                      |                               |               |

Para lavrar a presente Ata, eu, Prof. (ª) Dr.(ª) MARIA JOSÉ SOUZA PINHO, presidente da Banca, encerro a presente ATA, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Banca.

Jacobina-BA, 14 de outubro de 2024.


  
Professor(a) Dr.(a) MARIA JOSÉ SOUZA PINHO  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Orientador(a) presidente

  
Professor(a) Dr.(a) MARIA JUCILENE LIMA FERREIRA  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Examinador(a) Interno

  
Professor(a) Dr.(a) FERNANDO BAGIOTTO BOTTON  
Universidade Estadual do Piauí -UESPI  
Examinador(a) Externo

MARIHEN DE SOUZA NOGUEIRA

Discente

Documento assinado digitalmente  
 MARIHEN DE SOUZA NOGUEIRA  
Data: 22/10/2024 14:54:33-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

## AGRADECIMENTOS

É por vocês e para vocês, Arthur e Lucas, meus dois filhos, pois foi ao experienciar a maternidade que despertei para o feminismo e percebi o quanto as questões de gênero e sexualidade me afetavam, e foi ao olhar seus olhinhos atentos quando crianças que eu senti que educar seria para sempre.

Agradeço a minha mulher preferida entre todas que conheço, minha mãe, Marileide Fernandes de Souza, a primeira mulher que eu vi, por ser minha base e referência de mãe e de mulher. (*in memoriam*)

Agradeço imensamente a orientação da professora Maria José Pinho e a sua compreensão em todos os momentos.

Aos meus colegas do curso de mestrado com quem compartilhamos caronas, lanches, conversas, histórias e muito apoio, muito obrigada!

Às professoras do mestrado Profissional em Educação e Diversidade, minha admiração e gratidão pela dedicação e competência nesse curso de pós-graduação, fundamental para a produção do conhecimento na Universidade Pública no interior da Bahia.

Aos estudantes do Colégio Estadual de Jacobina que aceitaram participar desta pesquisa, à coordenação e professores(as) do referido colégio pela receptividade e pela estimada colaboração.

Agradeço ao MMJ-Movimento de Mulheres de Jacobina, no qual falei publicamente pela primeira vez sobre a proposta de pesquisa sendo afetada pelos olhares e pela aprovação das mulheres presentes.

Ao Espaço Estação Arte de teatro pelas rasuras, pelos remendos e por através da arte cênica discutir assuntos como violência contra as mulheres de forma lúdica sem perder o tom da importância.

Para todas as mulheres do mundo, a revolução é feminina, acredite que dias mulheres virão!

“Vou mostrando como sou  
E vou sendo como posso  
Jogando meu corpo no mundo  
Andando por todos os cantos.  
E pela lei natural dos encontros  
Eu deixo e recebo um tanto...”  
(Mistério do Planeta, Novos Baianos)

## **RESUMO**

O presente estudo de mestrado intitulado “Tu não é homem, não? o que a juventude” pensa sobre masculinidades e gênero” investigou como os estudantes compreendem suas masculinidades, na estreita relação com gênero e sexualidade, analisando suas falas, posturas e comportamentos no ambiente da escola. A questão geral da pesquisa é o que os estudantes pensam sobre gênero e masculinidade e o objetivo geral é analisar essas percepções em articulação com os conceitos teórico. Compreende-se que as masculinidades compõem um aspecto estrutural dentro das sociedades patriarcais que moldam as identidades pessoais e as relações sociais. Esta pesquisa de caráter qualitativo, adotou como procedimento metodológico a realização de rodas de conversa com estudantes do Ensino Médio da escola pública estadual da cidade de Jacobina-Bahia. Foram estruturadas três rodas de conversa com estudantes do sexo masculino e foram analisados os relatos e respostas divididos em categorias de temáticas de análise. Diante dos relatos e das falas, verificou-se a presença de posicionamentos opostos aos discursos patriarcais, embora ainda existam ideias imersas em um modelo conservador de masculinidade. É a partir dessa percepção, que se conclui que o que os estudantes pensam sobre gênero e masculinidade constitui parte daquilo que apreendem no ambiente escolar, nas relações entre si, no seio familiar e nos espaços de socialização que participam. Foi possível compreender que o processo de desconstrução da masculinidade hegemônica implica uma posição educacional com um projeto contínuo que possibilite aos sujeitos vivenciar diversos modelos de ser homem, repensando as práticas e posicionamentos principalmente diante do contexto de violências que atinge as mulheres determinado pelas relações desiguais de gênero. Esta pesquisa tem como desdobramento a elaboração de um Curso de extensão, no qual serão aprofundados aspectos percebidos nesta pesquisa com a intenção de contribuir para as discussões de masculinidades na educação básica.

**Palavras-chave:** masculinidades-escola-roda de conversa-gênero-sexualidade.

## **ABSTRACT**

**This master's degree study, entitled "You're not a man, are you? What do young people think about masculinities and gender?" investigated how students understand their masculinities, in their close relationship with gender and sexuality, analyzing their speeches, postures and behaviors in the school environment. The general question of the research is what students think about gender and masculinity and the general objective is to analyze these perceptions in conjunction with theoretical concepts. It is understood that masculinities make up a structural aspect within patriarchal societies that shape personal identities and social relations. This qualitative research adopted as a methodological procedure the holding of conversation circles with high school students from a state public school in the city of Jacobina-Bahia. Three conversation circles were structured with male students and the reports and responses were analyzed, divided into categories of analysis themes. Based on the reports and statements, it was possible to observe positions that are opposed to patriarchal discourses, although there are still ideas immersed in a conservative model of masculinity. It is from this perception that it is concluded that what students think about gender and masculinity constitutes part of what they learn in the school environment, in their relationships with each other, within the family, and in the socialization spaces in which they participate. It was possible to understand that the process of deconstructing hegemonic masculinity implies an educational position with a continuous project that allows subjects to experience different models of being a man, rethinking practices and positions, especially in the context of violence that affects women determined by unequal gender relations. This research has as an outcome the development of an extension course, in which aspects perceived in this research will be deepened with the intention of contributing to discussions on masculinities in basic education.**

**Keywords: masculinities-school-conversation circle-gender-sexuality.**

## **LISTA DE ABREVIACES**

CEJA-Colégio Estadual de Jacobina – Bahia

PAE II- Pesquisa Aplicada à Educação II

DCRB- Documento Referencial Curricular da Bahia

BNCC-Base Comum Curricular Nacional

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PCN´s-Parâmetros Curriculares Nacionais

CNE-Conselho Nacional de Educação

PNE-Plano Nacional de Educação

LGBTQIA+-Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais e mais

ISTs-Infecções sexualmente transmissíveis

CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior

MPED- Mestrado Profissional em Educação e Diversidade/MPED

RS-Revisão Sistemática

UNESCO-Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

CEO-Colégio Estadual de Ourolândia

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>1. INTRODUÇÃO: UMA FEMINISTA PESQUISANDO SOBRE MASCULINIDADES</b>                               |    |
| 9  |    |
| <b>2. CABE SEXUALIDADE AQUI? O LUGAR DO GÊNERO E DAS MASCULINIDADES NA EDUCAÇÃO BÁSICA</b>         | 20 |
| <b>2.1 ESTUDOS DE GÊNERO E O CONCEITO DE MASCULINIDADES: DISCUSSÃO TEÓRICA</b>                     | 28 |
| <b>3. MASCULINIDADE E JUVENTUDE NA EDUCAÇÃO: REVISÃO SISTEMÁTICA</b>                               | 31 |
| <b>3.1 NO MEIO DA COLUNA TINHA UMA HÉRNIA, TINHA UMA HÉRNIA NO MEIO DA COLUNA!</b>                 | 44 |
| <b>3.2 PODE “MENINES” NAS RODAS DE CONVERSA?</b>   | 48 |
| <b>3.3 BRUNINHO E A GIRA DA RODA: A PESQUISA EM SEU MOVIMENTO METODOLÓGICO</b>                     | 53 |
| <b>4. AS CATEGORIAS DE ANÁLISE: O QUE EMERGIU DAS RODAS DE CONVERSA</b>                            | 62 |
| <b>4.2 “PODE USAR LACINHO NA BRINCADEIRA”: O QUE AS JUVENTUDES PENSAM SOBRE O QUE É SER HOMEM?</b> | 65 |
| <b>4.3 “NÃO PRECISA CONVERSA, NÃO, JÁ TÁ NA CABEÇA DO CARA”: VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES</b>      | 72 |
| <b>4.4 “MAN, QUAL FOI, VIADO?”: SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO E MASCULINIDADE</b>                          | 76 |
| <b>5. VAMOS CONVERSAR? PROJETO DE EXTENSÃO</b>   | 79 |
| <b>CONSIDERAÇÕES E (IN)CONCLUSÕES FINAIS</b>   | 83 |
| <b>ANEXOS</b>  | 85 |
| <b>QUESTÕES NORTEADORAS</b>  | 86 |
| <b>QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO</b>   | 87 |
| <b>COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA</b>   | 89 |
| <b>TERMO DE ANUÊNCIA</b>   | 90 |
| <b>REFERÊNCIAS</b>   | 91 |

## **1. INTRODUÇÃO: UMA FEMINISTA PESQUISANDO SOBRE MASCULINIDADES**

De quantos sonhos e desejos somos feitos? Quanto de nós é razão e quanto é emoção? Pode essas duas dimensões se encontrarem, difundirem-se, e serem condensadas na pesquisa acadêmica? Eu me vi dissolvida, diluída e esfarelada durante o longo percurso para chegar até aqui. Transpareci paixão em tempo que buscava postura científica, e tudo que categoricamente tenta subdividir nossas dimensões emergiam compactadas. Eu compreendi que meu percurso profissional e minhas experiências pessoais são faces da mesma eu mestranda pesquisadora, girando numa roda em constante movimento. Que para chegar até aqui, trilhei pelos caminhos da maternidade, da docência, da vida, sem despir de um para vestir outro, eles são flores e frutos da mesma árvore. Eu vim pelos caminhos que outras trilharam antes de mim e alargando a estrada para que outras venham. Eu desejei está onde estou, e não há o que chorar sobre o que deseja. Eu sinto que não é sobre mim, é sobre nós, é sobre olhar para si e vê muitos e muitas. Dá para chegar sozinha, mas juntos o caminho fica mais doce. A pesquisa acadêmica no mestrado profissional em educação e diversidade tende a ser coletiva, configurada no movimento da roda que gira formação, atuação, pesquisa e vida.

Uma das tantas inquietações que sinto quanto à educação escolar enquanto professora de História da Rede Pública Estadual da Bahia e Municipal pela cidade de Ourolândia-Bahia, atualmente afastada das atividades por questões médicas como relato no capítulo 3.1 “Tinha uma hérnia no meio caminho, no meio do caminho tem uma hérnia”, certamente é o movimento dos corpos em posição de saída discreta ou destemida dos estudantes homens quando a instituição escolar realiza eventos ou palestras com temas relacionados ao Dia Internacional das Mulheres, por exemplo, ou qualquer evento que remete a assuntos considerados erroneamente como exclusivos do universo feminino ou das pautas de luta feminista, a exemplo do Programa Dignidade Menstrual, Julho das Pretas, Dia das Mulheres, Violência contra as mulheres.

A retirada silenciosa entendida como liberdade individual combina com o silêncio dos homens na sala de aula durante debates sobre feminicídio e violência sexual, seja por constrangimento ou por total falta de empatia, esse movimento só não

combina mesmo com a relevância da temática, tampouco com os inúmeros casos de feminicídio estampados cotidianamente nos canais de notícias e redes sociais. Por vezes essas fugas são acompanhadas por frases do tipo: “isso é coisa de mulher” ou “é para as meninas aí”, e assim a saída desses estudantes homens nesses momentos de discussão acaba por ser aceito por nós, professores e professoras naquele instante, porque não sabemos muitas vezes como lidar com o comportamento dos estudantes, a demonstração de força e as doses de agressividade, embora pequenas desses estudantes, em que preferíamos considerar essas atitudes como características naturais e inatas dos homens e do universo masculino (RODRIGUEZ, 2019), ou seja, sendo algo próprio dos homens e de sua natureza não há nada por fazer a não ser aceitar tais atitudes.

Essa aceitação não significa a ausência de questionamentos ou de incômodos. A inquietação e as indagações provocadas pela repetição dessas cenas e a resistência em não naturalizar essa situação se tornou âmago nesta pesquisa. Assim, o exercício empreendido neste estudo parte dessas inquietudes visualizadas e vivenciadas no cotidiano da escola nos meus anos de exercício profissional. Compreendemos nesse momento que:

Pesquisa é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa. [...] Contudo, num sentido mais estrito, visando a criação de um corpo de conhecimentos sobre certo assunto, o ato de pesquisar deve apresentar certas características específicas. Não buscamos, com ele, qualquer conhecimento, mas um conhecimento que ultrapasse nosso entendimento imediato na explicação ou na compreensão da realidade que observamos (Gatti, 2002, p. 9-10).

Concordando com a definição de pesquisa apresentado por Gatti (2002), a pesquisa científica aqui proposta busca compreender essa realidade observada ampliando o conhecimento sobre o assunto, indo além das hipóteses do senso comum procurando entender tal prática dentro de um contexto. “Quem estuda e pesquisa se implica, se mobiliza, buscando resposta para um determinado fenômeno” (p.146 Ateliê de pesquisa).

Portanto, os objetos de estudo desta pesquisa “Tu não é homem, não? O que a juventude pensa sobre masculinidades e gênero” são os conceitos de masculinidades e a maneira como são produzidos pelos estudantes homens do Colégio Estadual de Jacobina – Bahia- CEJA na estreita relação que exercem com gênero e sexualidade na diversidade do ambiente escolar, em suas ações e

narrativas, em seus diálogos e reflexões, bem como em suas práticas educativas no contexto escolar.

O título desta pesquisa faz referência a uma pergunta que ouvi em um grupo de adolescentes brincando na porta de casa, enquanto desafiavam uns aos outros a fazerem manobras arriscadas de bicicleta na rua onde moro, a incitação barulhenta e a repetição da pergunta: tu não é homem, não? chamou minha atenção, parei para observar o que acontecia e a frase repetia acompanhada de palavras do tipo: “né homem, não; tu né homem, nada! “.

A questão geral da pesquisa gira em torno da busca pela compreensão sobre o que os estudantes pensam sobre gênero e masculinidade. É importante salientar, já que o objeto de análise desta dissertação de mestrado são os conceitos de masculinidade dos estudantes homens e o que entendemos por masculinidade:

conduta e sentimentos apropriados para os homens” conceitos esses construídos culturalmente de modo diferente em cada sociedade, carregando mudanças e permanências temporais e históricas e em relação com a feminilidade devido o aspecto relacional dos gêneros (CONNELL, 1995, *apud* CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013 p.190).

A masculinidade é entendida como várias formas de ser homem, com o significado do que é ser homem”. Como esse significado não é fixo e varia de acordo com o tempo e o lugar, constataram-se que não existe uma definição estática e definitiva do que seja masculinidade” (PINHO; SANTOS; NOGUEIRA, 2023, p. 136.) Ou seja, temos a existência de diversas masculinidades e essas estão relacionadas com aspectos do que é ser mulher na nossa sociedade e nos dias de hoje, conforme Connell (2015, p.105) existe o caráter relacional do gênero, as performances de gênero que compõem, os papéis sociais se dão na relação entre homens e mulheres no tempo e no espaço das relações tecidas.

Apesar de reconhecer o caráter relacional dos gêneros, esta pesquisa foi realizada somente com os estudantes do sexo masculino do CEJA, devido aos objetivos da pesquisa e pela constatação de que os homens têm dificuldade de se expressar na coletividade e estando entre seus pares as falas fluíram com mais dinamismo, possibilitando a percepção de suas ideias sobre o objeto de estudo desta pesquisa.

Para chegar até esse objeto de estudo dessa pesquisa, os conceitos de masculinidades, gênero e sexualidade em articulação com a educação, que se configura também como ponto de partida, ou para que esse assunto fosse

considerado tema de investigação tendo as masculinidades como foco, foi preciso perceber “as diversas problemáticas que se atravessam no fazer pedagógico da escola, buscando conhecer os elementos que estão (in)diretamente relacionados à dimensão da problemática educacional e/ou pedagógica investigada”. Ana Lucia Gomes SILVA (p.15), já que apenas questioneei aquilo que havia sido normalizado no ambiente de atuação profissional, a pesquisadora em formação que sou precisou compreender a estreita ligação entre meu percurso profissional, enquanto professora, e a dimensão do desejo pessoal, íntimo e intransferível relevante na pesquisa como parte fundamental e indissociável de uma pesquisa em educação, percebendo como os caminhos da maternidade e da docência estão ligados ao ato de pesquisar.

Essa experiência foi potencializada por dois componentes curriculares cursados na trajetória do mestrado. No componente curricular Pesquisa Aplicada à Educação II (PAE II) fomos conduzidos à elaboração de um diário de aula virtual e na disciplina optativa que cursei como ouvinte “Pedagogia Feminista e Epistemologias Decoloniais”, ambas no semestre 2022.2 no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Na disciplina Pesquisa Aplicada à Educação as discussões resultaram na produção de um padlet virtual onde os devaneios de uma mestranda ecoaram em palavras, músicas e imagens.<sup>1</sup>

A disciplina Pedagogia Feminista e Epistemologias Decoloniais foi tão profunda e significativa que gerou a publicação do livro “Experiências (auto)formativas diarizadas na educação universitária: pedagogias feministas e epistemologia decolonial”, no qual narro minha experiência com o feminismo e as possibilidades da pedagogia feminista<sup>2</sup>.

Os diários virtuais produzidos e a leitura dos escritos feitos pelos colegas de mestrado com as observações potentes das professoras Ana Lúcia Gomes da Silva e Juliana Salvadori, mulheres inspiradoras, iam trazendo a presença feminina em espaços de poder, afinal, conhecimento é poder. Essas professoras foram provocando reflexões coletivas com perguntas sobre a pós-graduação, sendo que esses questionamentos já estavam ali em cada um de nós, mas foram emergindo a cada

---

<sup>1</sup> (endereço do diário <https://padlet.com/marihenrosa/di-rio-de-bordo-devaneios-de-uma-mestranda-feminista-estudan-f6gmcf0cmgyzmhmx> )

<sup>2</sup> O ebook digital está disponível [www.ponteseditores.com.br/loja3/pontes-editores-home-2\\_thashed/ebook/lancamento-e-ebook/experiencias-autoformativas-diarizadas-na-educacao-universitaria-pedagogias-feministas-e-epstemologias-decoloniais/](http://www.ponteseditores.com.br/loja3/pontes-editores-home-2_thashed/ebook/lancamento-e-ebook/experiencias-autoformativas-diarizadas-na-educacao-universitaria-pedagogias-feministas-e-epstemologias-decoloniais/)

avançar e cada provocação sobre o nosso desejo na pesquisa. Nós, estudantes de mestrado do MPED 2022.1, em sua maioria mulheres também fomos adentrando timidamente o campo do desejo.

O diário foi composto por narrativas sobre as rodas de conversa nas aulas, sobre as reflexões e debates, exercitando a escrita e a leitura, bem como o posicionamento diante dos conceitos teóricos. Foi um momento muito importante, pois no processo de escrita e leitura dos diários fomos conhecendo os colegas de curso, seus anseios e seus percursos formativos e também conhecendo a nós mesmos e a reconhecendo a importância do mestrado profissional em uma Universidade Pública no interior da Bahia.

Durante a escrita e reescrita constante desse recurso de formação fomos inseridas no universo da pesquisa e da composição, autorizando que nossas experiências profissionais e cotidianas, nossa forma de estar no mundo, nesse contexto de vivências, fossem se diluindo junto com o desejo. No meu caso, além dos aspectos da docência, a participação em movimentos feministas, a maternidade e a história de vida compuseram panoramas fundamentais para a percepção das masculinidades no horizonte da pesquisa. Refletindo sobre o que Warschauer (2004 p.1) disse ao analisar a necessidade de mudanças na educação e no pensamento dos educadores: “As experiências de suas histórias de vida permanecem, frequentemente, como referenciais para sua atuação profissional, pois elas forjaram suas visões de mundo, de escola, de “certo” e “errado”.

O campo do desejo tido como pessoal, próprio e intimista, adquiriu sentido na pesquisa acadêmica e científica imersa nas experiências da docência. A tomada de consciência de que são os nossos desejos que dão sentido ao ato de pesquisar, que são eles que nos fazem levantar, e é onde pulsa nosso sangue proporcionou impulso no caminho da pesquisa científica. Assim, refleti sobre a pergunta: O que eu desejo com essa pesquisa?

O que desejo depende por vezes do lugar onde estou, dos paradigmas que existem e suas possibilidades e do papel social que ora exerço nesse contexto de sermos muitas, tantas e diversas. Como a mãe que me tornei e vou sendo a cada dia depois que tive meus dois filhos, Arthur, hoje com 13 anos e Lucas com 11 anos de idade, desejo e os instruo para que eles sejam homens que não reproduzam, nem pratiquem violência de gênero e sejam aliados na luta pelo fim dessa violência

histórica e duradoura que atravessa as sociedades patriarcais, reconhecendo seus privilégios na estrutura patriarcal construída socialmente.

Lembro que antes de ser mãe temia ser mãe de menina, por temer as violências em que as mulheres são submetidas desde o nascimento. Eu temia ser mãe de meninas por não concordar com a existência de lugares diferenciados para homens e mulheres ou as limitações por sermos mulheres. Quando criança ouvia sempre a frase com certa frequência em muitos lugares: “quem mandou nascer mulher?” Ao questionar por que não poderia fazer algo comum aos homens, como se nascer mulher fosse um fardo pesado demais, uma condenação ou uma limitação determinada pelos órgãos sexuais. Temia as piadas sem graça e os assobios desrespeitosos que sempre causaram desconforto.

Quando me tornei mãe de menino e mais tarde de outro, percebi logo o lugar dos homens na sociedade, expressos nos olhares empolgados da revelação do sexo no exame de ultrassonografia, nas roupas leves e práticas, nos brinquedos infantis dizendo tudo que os meninos podem ser, nas coisas de meninos, materializando um universo pronto com liberdade e todo espaço possível reafirmando a masculinidade enquanto um projeto coletivo (CONNELL, 1995 *apud* CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Mas o medo ainda estava ali, na mãe que fui me tornando aos poucos, o medo de que meus filhos fossem os praticantes de violência de gênero, da percepção nua e crua de que são os homens a perpetuar o machismo como uma relação de poder. Eu sempre me perguntava como educar meninos nesse contexto, qual seria o papel dos homens no enfrentamento à violência de gênero, se tinha e tem espaço para os homens nas pautas feministas.

A leitura de dois livros me ajudaram a compreender a urgência de educar os homens numa perspectiva feminista: Para educar Crianças Feministas de Chimamanda (2017) e Como Educar um filho feminista: maternidade, masculinidade e a criação de uma família de Jha (2021) foram suportes teóricos nos momentos de procura por orientação e a leitura simples e efetiva contribuíram na formação de uma proposta de intervenção que é o produto dessa pesquisa de mestrado.

Essas questões, que ainda busco por pistas e respostas, se juntam com outras tantas de professora e agora pesquisadora confirmando aquilo que Louro (1997, p. 147), diz sobre a pesquisa feminista, que ela “é, então, assumidamente, uma pesquisa interessada e comprometida, ela fala a partir de um dado lugar”. Enquanto feminista

pesquisando sobre masculinidades eu falo de um lugar que é também a docência e a maternidade diluídas.

Enquanto professora da rede pública básica de ensino municipal e estadual da cidade de Ourolândia - Bahia, com 16 anos de exercício profissional, entre tantas histórias compartilhadas e outras tantas silenciadas, as questões de gênero e sexualidade me atravessam e incomodam. Eu desejo entre tantas coisas, que as mulheres sejamos empoderadas ao ter acesso à história de luta das mulheres e do feminismo, e que os homens sejam inseridos nesse acesso para que assim respeitem a história de luta das mulheres e reconheçam seus privilégios por serem homens. Anseio que os homens e as mulheres possam exercer livremente sua sexualidade, que se apropriem de seus corpos com conhecimento e liberdade de ser o que são, que construam formas saudáveis de vivenciar suas experiências e que não fiquem presos aos padrões da heterocisnormatividade. Que sejam acolhidos em sua diversidade e que ao serem acolhidos, os homens possam quebrar o silêncio se assim quiserem, podendo falar dos sentimentos que os afetam ou silenciar no afeto que os acolhe; que os homens entendam que sua masculinidade não precisa expressar violência, que sensibilidade é uma característica humana independente do gênero e que a sexualidade é construída diariamente em conjunto com outros aspectos. Eu desejo que as relações afetivas e sexuais cheguem ao fim sem ser o fim da vida das mulheres envolvidas, que os casos de feminicídio não sejam naturalizados diante dos crescentes números dessa violência, um crime com aspectos históricos que fere a existência de todas as mulheres em todos os lugares de alguma maneira.

O que eu desejo ao fazer essa pesquisa segue entrelaçado, emaranhado em um nó apertado entre o eu mãe e o eu professora, atravessado pelas vivências e experiências no curso da vida que é também o percurso profissional da experiência docente. Ao fazer pesquisa, desejo contribuir ainda que minimamente para as discussões sobre gênero, sexualidade e masculinidades e os afetamentos a sua existência, sem julgar a masculinidade como frágil, saudável ou tóxica. Quero provocar no olhar atento à subjetividade dos envolvidos a possibilidade de uma pesquisa participativa e construir percursos de escuta e fala.

O que eu desejo compõe a dimensão da emoção e não se separa das razões ao perceber que os desejos fazem sentido na cientificidade das pesquisas, pois partindo do questionamento de como os estudantes constroem as masculinidades e

de qual o papel dos homens nas discussões de gênero e sexualidade, pretende-se analisar e compreender os conceitos de masculinidades e seus desdobramentos em práticas e ações cotidianas no contexto escolar através desta pesquisa.

Quando fui questionada por uma estudante sobre o lugar das mulheres nos conteúdos de História e do por que sempre usamos a palavra “Homem ou Homens” para referirmos à humanidade, percebi o que já estava diante dos meus olhos, que a escola muitas vezes reproduz conteúdo que colocam os homens no centro dos conhecimentos científicos, priorizando a heteronormatividade e um currículo patriarcal. As desigualdades de gênero perpetuadas pelo machismo ou pelo determinismo biológico muitas vezes são tão sutis que o abordamos sem perceber de tão enraizado que ele está na sociedade.

O empoderamento feminista de mulheres e de adolescentes que têm acontecido na sociedade, percebido na escola e nos posicionamentos das mulheres em redes sociais, embora ainda não seja na dimensão ideal com mudanças significativas na estrutura social, pode ser constatado pelo acesso nas falas de algumas mulheres e adolescentes sobre temas como corpo, feminicídio e respeito bem como do acesso a produções literárias feministas como Adichie Chimamanda (2017) e Djamila Ribeiro (2018).

Considerando que, em uma sociedade patriarcal, são os homens que detêm os privilégios de poder nessa estrutura, como aponta Pierre Bourdieu (2002) em “A dominação masculina”, dentro dessa lógica da cultura machista e heteronormativa, como é a atuação dos homens nesse contexto? Os homens são chamados para o debate sobre gênero, sexualidade e masculinidades? O estudo das masculinidades é um ponto essencial na compreensão das relações de gênero estabelecidas na sociedade e na escola sendo assim essa investigação busca elucidar essas questões acima citadas tendo as mesmas como objetivos específicos.

A escola é entendida nesta proposta de pesquisa, como um espaço de manifestação de expressões das diversidades existentes na sociedade na qual está inserida, bem como um espaço de produção, reprodução, circulação e silenciamentos da diversidade de gênero e sexualidade. Como os estudantes homens são inseridos nas discussões sobre o tema gênero e sexualidade nas atividades escolares? Como o conceito de masculinidade é construído pelos estudantes na escola? Qual o papel desses estudantes na construção de relações igualitárias que desconstruam as

desigualdades de gênero? Essas questões motivam a busca pela compreensão dos aspectos da masculinidade juvenil. Essa pesquisa interventiva tem caráter de abordagem qualitativa, tendo como dispositivo a roda de conversa para levantamento de dados a serem analisados sob a inspiração e o olhar dos paradigmas da teoria pós-crítica visando suscitar questões e olhares sobre a temática entre os estudantes e fortalecendo o debate sobre masculinidades, gênero e sexualidade no ambiente escolar e na construção de relações igualitárias. As teorias pós-críticas, como uma corrente teórica que influenciou diretamente o campo curricular. Paraíso (2004, p.284), destaca que as teorias pós-críticas estimulam rupturas e mudanças nas práticas educacionais principalmente ao optarem por explicações e narrativas locais e particulares.

As masculinidades não são algo natural determinado biologicamente, tais quais as desigualdades de gênero, são construções sociais e históricas, sendo necessário investigar o papel dos homens e adolescentes no contexto do patriarcado, como se sentem, como podem contribuir e se entendem que, como homens, detêm privilégios e como estes influenciam em aspectos de sua vida e das mulheres em geral. Dialogar com os homens e debater temas como masculinidades são essenciais para a ressignificação dessas masculinidades na formação de adultos e cidadãos mais justos, já que o processo de masculinização é um movimento dinâmico, produzido por meio de práticas e experiências cotidianas Connell (1995) e a compreensão sobre as masculinidades pode ser um caminho de transformação das relações pessoais e de questões importantes.

“Feminista: uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos”, essa foi a definição encontrada por Adichie Chimamanda (2015) quando chamada de feminista. Autodefinir-me como feminista, custou tempo e demandou estudo e entendimento da minha realidade. Quantas vezes me perguntei: O que é ser feminista? Por que ser feminista? Quando penso que somos 52% da população mundial, que carregamos no nosso corpo a vida, parimos a humanidade e embora isso seja essencial para a existência ainda somos alvo constante de violência de gênero pautadas no sexo biológico. As diferenças biológicas existem, não podemos negar. “Homens e mulheres são diferentes” (ADICHIE CHIMAMANDA, 2015, p.19) em termos biológicos e ainda somos organizados tendo o gênero como forte marcador de diferença.

Diante dessa constatação compreendo os feminismos como diversas correntes de pensamento, os feminismos variam de tempo e espaço. Pensar em feminismo negro, decolonial, com diferentes opressões que as mulheres sofrem e atravessamentos como raça e cor que no Brasil são marcadas pelo colonialismo que originou o patriarcado. Sim, eu afirmo ser feminista, e longe dos estereótipos que o termo carrega além de acreditar “na questão de gênero como está estabelecida hoje é uma grande injustiça” (ADICHIE CHIMAMANDA, 2015, p.24) acredito na educação como um caminho de possibilidades para pensar e debater sobre gênero, sexualidade e masculinidades.

Assim, o texto apresentado está organizado da seguinte forma: introdução, capítulos e conclusão. A introdução apresenta os aspectos da trajetória pessoal e profissional da pesquisadora e sua relação com a problemática da pesquisa engajada e implicada no movimento de formação, vida e transformação nas relações sociais e educativas afetadas pelo percurso investigativo.

No capítulo 2, nomeado “**Cabe sexualidade aqui? O lugar do gênero e da masculinidade na educação básica**” o texto descreve e analisa as mudanças e permanências, os avanços e retrocessos das discussões de gênero, sexualidade e masculinidades nos documentos oficiais que orientam o ensino na educação básica bem como apresenta os principais conceitos teóricos que ancoram essa pesquisa e as questões norteadoras e principais referências de uma pesquisa sobre gênero, masculinidades, sexualidade e educação.

O terceiro capítulo intitulado “**Masculinidade e juventude na educação: revisão sistemática**” aborda o panorama das pesquisas em educação, juventude e masculinidades analisando a metodologia usada nas produções científicas publicadas. Nesse capítulo também é abordado os aspectos metodológicos presentes nessa pesquisa, a escolha ética e epistemológica das rodas de conversa como método e metodologia e a mudança de *locus* de pesquisa determinada pelo movimento complexo da docência, da pesquisa e da formação da professora pesquisadora.

No quarto capítulo “**Categorias de Análise- o que emergiu das rodas de conversa**” são analisados os dados qualitativos produzidos nas rodas de conversa no campo de pesquisa, dados esses apreciados sob a ótica da análise temática do conteúdo fazendo uma verificação das falas e das perspectivas dos participantes da

pesquisa em relação ao tema gênero, masculinidades e sexualidades estabelecendo assim uma relação com os principais referenciais teóricos.

O quinto capítulo **“Intervir e a ação: projeto de extensão”** descreve a proposta de intervenção, uma atividade educativa no formato de um curso de extensão, intitulada “Rasurar o gênero e a sexualidade”. Esse curso de extensão, propõe reflexões e discussões a respeito das questões de gênero, com foco na masculinidade, sendo direcionado para educadores, estudantes das séries iniciais e finais do Ensino Médio e Fundamental, interessados pelo assunto e configura-se como uma ampliação das rodas de conversa estabelecidas durante a pesquisa desta dissertação.

## 2. CABE SEXUALIDADE AQUI? O LUGAR DO GÊNERO E DAS MASCULINIDADES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Tendo como objetivo de traçar um perfil histórico sobre o lugar do gênero, da sexualidade e das masculinidades na Educação Básica, este capítulo analisa os documentos oficiais norteadores da educação, percebendo que o lugar do gênero e das masculinidades é um lugar ainda a ser conquistado devido os períodos de avanços sucedidos por momentos de retrocessos.

O primeiro documento analisado é o Documento Referencial Curricular da Bahia (2018), e a escolha de iniciar estudando esse documento se justifica por ele ser o norteador das práticas educativas das escolas da Rede Estadual e a pesquisa ter como *locus* uma escola estadual da Bahia. O DRCB foi elaborado por uma equipe de educadores, com consulta pública e aprovação do Conselho de Educação da Bahia. Entre os eixos estruturantes, o eixo com o subtítulo 5.3. Educação na Diversidade e para a Diversidade, no qual define diversidade como diferença e a diferença entendida como um lugar comum entre as pessoas e constituinte da nossa identidade: Para GOMES, 2002, p.40 “A diferença é, pois, um importante componente do nosso processo de humanização. O fato de sermos diferentes enquanto seres humanos e sujeitos sociais talvez seja uma das nossas maiores semelhanças”. O DCRB reconhece as diferenças não como desigualdades, mas enquanto diversidade:

“O conceito diferença está relacionado a várias questões: questões étnicas, de sexo, de idade, de orientação sexual, de gostos, de religião, de escolhas profissionais, diferenças físicas, alguns de nós somente conseguem ler com óculos, outros não conseguem ver, uns ouvem até o soar dos grilos em noite de inverno, outros somente conseguem ouvir com aparelho auditivo, uns somente andam de muleta, outros de cadeiras de roda, uns conseguem se expressar com todas as letras, outros somente conseguem usar algumas palavras” (FERREIRA, p.62)

Essa diversidade de pessoas compõe a escola, fazendo-se necessário articular práticas e projetos que garantam o acesso e a permanência em direitos e deveres da pluralidade.

“No campo educativo, por exemplo, o significado de ser diferente vai além da ideia de diversidade, se materializa nas pessoas, representa a pluralidade de indivíduos que todos os dias transitam e ocupam os espaços educativos. São sujeitos comuns, pessoas com nome, sentimentos, subjetividades, vivências, dilemas, conflitos. Um ser humano como qualquer outro que tem direitos e deveres e que merece ser entendido e respeitado na sua singularidade.” (FREITAS, 2021, p.95.)

Nesse eixo, a diversidade na educação é vista como importante para cumprir o direito à educação para todos. A escola entendida como um lugar onde as diversidades, inclusive de gênero, sexualidades e orientação afetivo-sexual, estão presentes sendo necessário construir uma cultura de respeito mútuo entre as pessoas que compõem a educação escolar. O Documento Curricular Referencial da Bahia aponta nesse eixo que as questões de identidade de gênero e sexualidade devem ser abordadas de forma contextualizada nas atividades pedagógicas contribuindo assim para o fim das violências e discriminações de gênero e sexual.

As discussões de gênero aparecem no DCRB ainda no tema integrador: Educação para a Diversidade no subitem 6.2.1. Educação para as Relações de Gênero e Sexualidade onde apontamentos reconhecem o papel fundamental da escola nas discussões de questões relacionadas a gênero e sexualidade para o enfrentamento de violências e o conhecimento sobre as mudanças ocorridas no corpo de homens e mulheres ao longo de suas vidas. Um documento normativo elaborado coletivamente com o objetivo de organizar o planejamento curricular das Unidades Escolares e os projetos políticos pedagógicos dessas unidades. O Documento Curricular Referencial-DCRB embora seja inspirado na Base Comum Curricular Nacional-BNCC vai além ao apresentar Educação para as relações de gênero e sexualidade como subtema dos temas integradores Educação para a diversidade. Os temas integradores articulam diferentes áreas do conhecimento sendo interdisciplinares e compreende como questões de gênero e sexualidade são transversais visando tornar a aprendizagem dotada de sentidos e valores auxiliando no processo de aprendizagem dos alunos pois contextualiza os conteúdos do currículo.

Os temas integradores aparecem no documento como possibilidades podendo ser incorporados por cada instituição escolar, no exercício de sua autonomia. Ao reconhecer gênero e sexualidade como dimensões humanas, o Documento Curricular Referencial da Bahia faz distinção entre gênero, sexualidade e identidade de gênero e apresenta os normativos e as legislações que embasam a escolha pelos temas integradores no DCRB, representando um importante referencial de aporte para discutir gênero e sexualidade em sala de aula.

Gênero e sexualidade são entendidos no DCRB como “[...] duas importantes dimensões humanas que estão intimamente relacionadas” (BAHIA, 2018, p.76) e tidas

como “identidades” em constante processo de construção. A abordagem desses conceitos dialoga com a percepção de Beatriz Díez<sup>3</sup> quando ela entende sexo como as características biológicas e físicas do indivíduo, os órgãos genitais visualizados nos exames de ultrassonografia e/ou durante o nascimento e gênero enquanto os “[...] papéis e expectativas que a sociedade tem sobre comportamentos, pensamentos e características que acompanham o sexo atribuído a uma pessoa” (DIEZ, 2020, p.3) que seriam aspectos culturais de uma sociedade referente a normas de comportamento, maneiras de expressão, formas de se vestir do que se espera de homens e mulheres. Em um chá revelação, tão amplamente difundidos em variadas formas nas redes sociais desde o ano de 2023 até os dias de hoje, uma febre nacional, o sexo é órgão sexual visualizado no exame médico de imagem ultrassonografia e apresentado publicamente nos elaborados eventos. O gênero é toda expectativa gerada pelos familiares e amigos ou frustração diante da descoberta do sexo do bebê que vai desde as cores elencadas para tal momento, quase sempre rosa para menina e azul para menino, até a reação das pessoas participantes.

Mesmo antes da revelação do sexo dos bebês virarem um evento midiático, e as construções sobre o gênero da criança gerar comoção, a palavra “gênero” já causava uma discussão em diversos espaços e em diferentes setores sociais, políticos, religiosos e educativos no contexto brasileiro, embora nas últimas décadas carregue junto a si uma referência negativa herdada do momento político entre os anos de 2015 a 2018 quando as discussões de gênero foram pejorativamente denominadas de “ideologia de gênero”. O termo ganhou essa visibilidade devido ao seu uso nos discursos moralistas na campanha presidencial de 2018, impactando fortemente no resultado das urnas.

Esse movimento de caráter conservador em meio aos embates políticos contou com a participação dos meios de comunicação na divulgação de versões distorcidas do Projeto Escola sem Homofobia, apelidado erroneamente e popularizado de Kit Gay e foram fatores determinantes para o resultado das eleições presidenciais de 2018.

O ataque ao gênero na educação e as discussões sobre o papel das famílias e das escolas com censura aos professores através da Escola sem Partido, 2004, coloca o gênero enquanto uma ideologia que ameaça a estrutura da família tradicional

---

<sup>3</sup> BBC News Mundo/11 setembro 2020 <http://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-54123807>

heterossexual e não como uma construção social conforme defendido por estudiosos de gênero e sexualidade.

A sexualidade, as questões de gênero e a diversidade fazem parte da sociedade e, portanto, da escola, porque, afinal, são aspectos que fazem parte dos sujeitos. Segundo Louro (1997), nos documentos oficiais e nas práticas escolares, essa relação nunca foi linear, ela apresenta resistências, avanços e retrocessos, estando intimamente ligada ao contexto político e sofrendo intervenções de grupos religiosos e conservadores da sociedade. Esta pesquisa se volta para as questões cotidianas da escola, mas faz-se fundamental compreender qual lugar do gênero e da sexualidade na Escola.

As discussões sobre masculinidade de jovens na educação escolar estão presentes nas pesquisas científicas conforme constatada em revisão sistemática realizada em bancos de dados da língua portuguesa, sendo um tema com grande potencial e de suma importância socioeducacional, principalmente diante do contexto de silenciamento e retrocesso das questões relacionadas a gênero e sexualidade no cenário de violência em que afeta as mulheres, os dissidentes da masculinidade hegemônica e os que ousam contrariar a heteronormatividade construída historicamente.

Louro (1997) menciona a escola como uma instância importante na reprodução e construção dos gêneros e das sexualidades presentes na sociedade através de suas práticas e aprendizados, e que pode ser tida como um espaço para a construção ou a manutenção das desigualdades que produz a diferença entre os sujeitos nos seus múltiplos mecanismos de "classificação", "ordenamento" e "hierarquização", "a escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna [...] separou os meninos das meninas" (LOURO, 1997, p. 61).

Os documentos oficiais como a Constituição Federal de 1988, lei máxima conhecida como Constituição Cidadã, é a que rege todo o ordenamento jurídico brasileiro desde o processo de redemocratização política em 1988 até os dias de hoje. No Art. 3º define, entre os objetivos fundamentais, a promoção "do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação". Já o Art. 5º traz a afirmação de que "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza" e afirma expressamente a igualdade entre homens e mulheres como preceito constitucional (BRASIL, 1988). Podemos afirmar,

com base na Constituição Federal, que o princípio de igualdade entre homens e mulheres orienta a legislação.

Situando a documentação legal da educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB (BRASIL, 1996), apresentam as questões de gênero e diversidade sexual de forma genérica e subentendida, o que no combate às várias formas de violência não é suficiente, mas dentro de uma análise geral é importante por possibilitar que as discussões sobre igualdade de direitos aconteçam no espaço escolar amparado pela lei introduzindo na documentação da educação uma preocupação com a reflexão sobre as Relações de Gênero no currículo das escolas brasileiras.

Nos Parâmetros Nacionais Curriculares-PCN (BRASIL, 1998), assim como a LDB, não trazem expressamente as questões de gênero e sexualidade. A grande inovação dos PCN é a abordagem sobre pluralidade cultural e relação de gênero em caráter transversal, compondo um de seus cadernos de conteúdos com textos, atividades e oficinas dinâmicas possíveis de serem adaptadas nas salas de aula nas instituições escolares.

Os PCN's são diretrizes elaboradas para orientar os educadores por meio da normatização de alguns aspectos fundamentais a cada disciplina, estes servem como norteadores para professores, coordenadores e diretores, que podem adaptá-los às peculiaridades locais que fomentam as discussões de gênero e diversidade sexual, quando lançam, por exemplo, as orientações sobre Pluralismo e Orientação Sexual, instrumentalizando as escolas para a promoção de práticas e ações sobre o assunto, representando uma possibilidade de repensar práticas educativas. O tema Orientação Sexual é subdividido em: Corpo: matriz da sexualidade, Relações de Gênero e Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS.

Apesar dos PCN's abordarem a diversidade sexual, sexualidade e questões de gênero sob o viés bastante biológico, considera a sexualidade como algo inerente ao ser humano, inclui a importância das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST),<sup>4</sup> e o respeito à diversidade. Em um dos trechos dos PCN's está expressa o contexto que levou a sua elaboração “a preocupação dos educadores com o grande crescimento

---

<sup>4</sup> O termo DST (doenças sexualmente transmissíveis) deixou de ser usual. Atualmente utiliza-se IST para relacionar as infecções sexualmente transmissíveis.

da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco de contaminação com o HIV entre os jovens” (BRASIL, 1997, p. 77).

O contexto histórico dos PCN's é marcado pela perspectiva higienista que via a doença como um fenômeno social, relacionando saúde e moral e buscando uma disciplina dos corpos. Essa perspectiva vai estar presente em alguns momentos da história da educação no que tange às questões de gênero, sexualidade e diversidade. Entre os temas transversais contidos nos PCN's, estão Gênero e diversidade sexual. Considerando as diversas violências e discriminações que acometem a população LGBTQIA+, em 2004 foi criado o Programa Nacional Brasil sem homofobia, o Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra LGBTQIA+ e de Promoção da Cidadania Homossexual, apelidado pejorativamente de “Kit Gay”, esse projeto não saiu do papel sendo alvo de crítica pelos setores conservadores e evangélicos. Os três princípios fundamentais que estruturam o Programa Nacional Brasil sem Homofobia (2004) são: incluir a perspectiva da não discriminação por orientação sexual e de promoção dos direitos humanos de LGBT, nas políticas públicas e estratégicas da União; produzir conhecimento para subsidiar a elaboração, implantação e avaliação de políticas públicas destinadas ao combate à violência e à discriminação por orientação sexual; e entender que o combate à homofobia e a promoção dos direitos humanos de homossexuais é um compromisso do Estado e de toda a sociedade brasileira. O projeto que previa distribuição de materiais de combate à discriminação sexual nas escolas públicas, tal ação foi suspensa devido ao forte apelo moral e as interpretações superficiais do Conselho Nacional de Educação-CNE de 2012. Órgão normativo das políticas educacionais formado pela comunidade civil organizada e pelo governo federal, orienta que os conteúdos trabalhados abordem temas contemporâneos, temas que afetam a vida humana, tendo como exemplo as questões de gênero e sexualidade. O CNE visa medidas educativas que colaborem para eliminar posturas e atitudes discriminatórias como racismo, sexismo e homofobia.

Nesse sentido de retrocessos, o Plano Nacional de Educação-PNE (exercício 2014-2024) foi aprovado sem os trechos que falam de gênero. O documento oficial normativo mais recente é a Base Nacional Comum Curricular-BNCC de 2017, uma iniciativa do Ministério da Educação para regulamentar o conjunto de aprendizagens da educação. A BNCC apresenta em sua versão final a palavra gênero só quando se

refere a gênero textual, gênero literário e gênero musical e a palavra sexualidade aparece em sua dimensão biológica na área de ciências da natureza com ênfase em fisiologia e anatomia, ficando restrita ao 8º ano e com a ausência em outras áreas do conhecimento e em outras séries.

Ao silenciar as questões de gênero e de sexualidade na BNCC, essas questões não deixaram de existir, já que são aspectos da nossa construção enquanto humanos e sociais e elementos indispensáveis para compreender as relações sociais e as hierarquias na escola e em toda sociedade brasileira, somos atravessados pelo gênero e pela sexualidade, pela raça, etnia e aspectos sociais que nos compõem, como apontam Seffner e Picchetti (2022, p. 32), ao afirmarem que não falar de gênero não faz com que esse deixe de existir, mas vai “atrapalhar que se compreenda como ele atua” contribuindo para a misoginia, homofobia, lesbofobia e transfobia na escola.

Não tem menção explícita ou implícita do termo gênero na BNCC e isso demonstra uma resistência à diversidade. O apagamento dos termos gênero e orientação sexual é um retrocesso se comparada aos PCN's e vai de encontro com outros documentos oficiais do mesmo contexto. Quando a escola não traz esse debate ela prioriza outro discurso nessa omissão e acaba ensinando de forma subliminar, oculta a violência, preconceito e desigualdade. O currículo oculto representa tudo o que os alunos aprendem diariamente em meio às várias práticas, atitudes, comportamentos, gestos e percepções que vigoram no meio social e escolar. O tratamento superficial dos direitos humanos tratado de forma genérica no texto da BNCC não é efetiva ao enfrentamento de preconceitos e violências, a resistência à diversidade sexual na escola cria obstáculos à elaboração de atividades, discussões e projetos.

O termo masculinidades não aparece na BNCC, embora a palavra homem apareça algumas vezes como sinônimo de humanidade, o que não contribui para desconstruir desigualdades entre homens e mulheres construídos historicamente e herdados do patriarcado. Esse silenciamento pode ser entendido como um retrocesso tendo em vista que “todos os artefatos culturais [...] livros escolares, propagandas, notícias, imagens, políticas públicas, etc., são portadores de pedagogia da sexualidade e do gênero” (SEFFNER; PICCHETTI, 2022, p. 32), onde encontra gênero e sexualidade nas atividades físicas, nos corredores, nas práticas pedagógicas, nos livros didáticos, nas apresentações escolares. Muitos desses

saberes estão imersos nas práticas heteronormativa e sexista que considera como norma aspectos da sexualidade heterossexual, silenciando quem transgredir essa norma. Na dissertação *Masculinidades bicha: trajetórias escolares das bichas no ensino médio*. O autor afirma que:

É muito raro encontrar uma escola que tenha em sua cultura tanto uma prática de reflexão e investigação quanto questões que estejam relacionadas a outras possibilidades de gêneros e sexualidades que não correspondem a heteronormatividade. (JÚNIOR 2022, p. 75)

As práticas heteronormativas consideram o fato de ser hétero, ou seja, relacionar-se sexualmente com pessoas do sexo oposto, como uma norma aceita e reproduzida em discursos e práticas que caminha junto com aspectos da cultura escolar. Segundo Júnior (2022), as outras possibilidades de vivenciar o gênero e a sexualidade além da possibilidade hétero encontram nos ambientes escolares resistências devido ao fato da cultura escolar encontrar-se consolidada e concretizada dentro da estrutura de poder heteronormativa. Sobre isso, Louro (1997, p. 57) fala: “A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas”.

Nossa sociedade é historicamente organizada em torno das questões de gênero e sexualidade, “as relações de gênero fazem parte constitutiva de nossa sociedade, cotidiano e subjetividades, todos constituindo uma cultura profundamente generificada e sexualidade” (SEFFNER; PICCHETTI, 2022, p. 29). Estas questões estão na escola mesmo que elas não estejam nos documentos oficiais e nas orientações, o gênero e a sexualidade fazem se presentes na sala de aula, nos conteúdos escolares, impressa nos corpos daqueles que compõem escola, sendo silenciadas ou estampadas em diversos momentos.

Em meio a tantos retrocessos, o DCRB representa um avanço por legitimar as discussões de gênero e sexualidade reconhecendo a importância de atividades pedagógicas pautadas na diversidade. Vale ressaltar que a rede pública de Ensino do Estado da Bahia institui a Campanha de Empoderamento das Mulheres e Enfrentamento ao Machismo, medidas estabelecidas na Portaria nº 519/2022, publicada pela Secretaria da Educação do Estado que cria também o Comitê Multidisciplinar de Mobilização para o Empoderamento das Mulheres e Enfrentamento ao Machismo. Por meio de ações pedagógicas essa medida visa conscientizar os

estudantes sobre os direitos das mulheres e combater o machismo que tem fortes raízes históricas em nossa sociedade. Segundo a campanha, a criação do comitê é um reconhecimento da necessidade urgente de ações educativas de combate ao conjunto de crenças, práticas sociais, condutas e atitudes que promovem a negação da mulher como sujeito em diversos âmbitos.

Nesse sentido é possível perceber que cabe gênero, sexualidade e masculinidade na educação, já que as pessoas que compõem o cenário escolar são dotadas desses aspectos, embora a relação entre gênero e sexualidade nos documentos oficiais escolares seja uma história de pequenos avanços sucedida de retrocessos de acordo com o contexto histórico presente.

## **2.1 ESTUDOS DE GÊNERO E O CONCEITO DE MASCULINIDADES: DISCUSSÃO TEÓRICA**

Compreendemos a existência de diversas interpretações do conceito de gênero resultantes dos processos históricos de desenvolvimento do conhecimento, para tanto nesse estudo consideramos o gênero como uma construção e categoria fundamental no questionamento das diferenças sexuais tidas como naturais e nos aproximamos dos estudos que abordam o conceito de gênero como uma categoria analítica e relacional (SCOTT, 2012; LOURO, 2014; CONNELL, 2013).

O conceito de gênero é compreendido por Scott (2012) e Louro (2014) como construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. De acordo com Louro (2014, p. 26), — é no âmbito das relações que se constroem os gêneros e, por esta razão, mesmo que — ainda que os estudos continuem priorizando as análises sobre as mulheres devido ao histórico de silenciamento e apagamento da história da humanidade, as pesquisas têm sido também direcionadas aos homens (LOURO, 2014, p. 26).

O silenciamento e apagamento das mulheres por séculos apresentavam-se como pautas urgentes nas manifestações femininas do século XIX, na chamada primeira onda e no movimento sufragista que lutava pelo direito ao voto às mulheres. Negadas de humanidade, de participação política, dos estudos e de vida social.

“Ao falar de gênero estamos nos referindo às feminilidades e as masculinidades” (LOURO, 1997). E as problematizações como o conceito teórico de gênero, ganham força na segunda onda do feminismo, final da década de 1960

estimulando os estudos da mulher colocando as mulheres como objeto e sujeito de estudos, questionando o lugar das mulheres nos espaços públicos.

Nos estudos feministas, o gênero configura-se como ferramenta de análise e política distinto do sexo. Ao compreender que “não se nasce mulher, torna-se mulher” Simone de Beauvoir (2016) estabelece a distinção de gênero e sexo rompendo com a lógica biológica que determinava papéis sociais de acordo com o sexo de nascimento, ao pensar que tornar-se mulher, ou seja, aprende socialmente e culturalmente a ser mulher, o mesmo pode ser compreendido com o homem. “A diferenciação entre gênero e sexo é de fundamental importância para a compreensão da masculinidade” (BOTTON, 2007, p. 112). Para romper com a naturalização condicionada a questões biológicas e compreender as masculinidades como construções sociais, como tais podem ser desconstruídas e reconstruídas considerando sua ligação com aspectos históricos das sociedades como tempo e espaço.

Desde os anos 1970 e 1980, porém, os Estudos das Masculinidades (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013) vêm se consolidando como um novo campo de pesquisa em articulação com estruturas e instituições sociais compreendendo os fatores históricos das masculinidades não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos e as masculinidades vêm se tornando um objeto de estudo.

Pensadas dessa forma, podemos verificar a existência de tipos diferentes de políticas da masculinidade no decorrer do tempo. Assim, nos anos 70 surge uma nova consciência em torno das perspectivas e probabilidades de mudanças nas relações de gênero na pauta dos Movimentos de Libertação das Mulheres, de Libertação dos Gays e de Libertação dos Homens (CONNELL, 1995).

As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário particular (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250). Isso significa dizer que a masculinidade, ou melhor, as masculinidades, não são compreendidas apenas como ações ou características individuais, são frutos das práticas sociais levando-se em conta as relações que se dão nessas práticas, seja na relação com a família, com os amigos, nos relacionamentos amorosos e, portanto, também no espaço escolar. Nesse sentido, é importante compreender que os jovens estudantes

ao materializar práticas de masculinidades estão refletindo aspectos historicamente construídos na sociedade e na cultura ocidental.

Na cultura ocidental, segundo compreende Grossi (2004), a definição de masculinidade está relacionada diretamente com a forma cultural pela qual vivenciamos nossos prazeres e desejos corporais. A sexualidade, a masculinidade são tidas como ativo sexualmente, como aquele que penetra o corpo de outra pessoa.

A estudiosa também ressalta como construção do modelo de masculinidade hegemônica em nossa cultura, traz em si aspectos da agressividade como características inatas do sexo masculino, bem como a ausência de demonstração de afeto e sentimento, “uma das características tradicionais da masculinidade é justamente a negação de qualquer sensibilidade ao homem” (GROSSI, 2004, p. 23). Sendo que as novas formas de vivenciar as masculinidades tem como foco central a expressão de emoções e sentimentos “que assim como todos os comportamentos humanos não são naturais, eles são apreendidos em nosso processo de socialização” (GROSSI, 2004, p.23). E é nesse sentido que Connell e Messerschmidt (2013), exaltam a importância que os homens tenham uma compreensão mais profunda a respeito de si próprios, especialmente no nível das emoções, isso constitui uma chave para a transformação das relações pessoais, da sexualidade e da vida doméstica.

Compreender e discutir as masculinidades reconhecendo suas diversas formas de atuação embora a sociedade patriarcal privilegie um modelo como ideal, como acontece sua construção entre os estudantes, é fundamental também, pois as masculinidades estão profundamente implicadas na violência organizada (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Essa violência afeta diretamente as mulheres pelo crescente feminicídio e também aqueles homens que não correspondem ao ideal de masculinidade que “[...] é traduzido nas categorias de: jovem, heterossexual, cisgênero, branco, forte, rico e viril.” (RODRIGUEZ, 2019 p. 277).

Conforme apontam Connell e Messerschmidt (2013), são os homens e meninos os controladores do acesso a igualdade de gêneros e as masculinidades padrões socialmente construídos de práticas de gênero. Nesse sentido, pesquisas sobre masculinidade e juventude são relevantes no entendimento da construção das masculinidades e no questionamento das formas materializadas de acesso a igualdade de gênero diante das várias possibilidades da construção das práticas de gênero .

### **3. MASCULINIDADE E JUVENTUDE NA EDUCAÇÃO: REVISÃO SISTEMÁTICA**

Compreender os papéis de gênero articulados de maneira interseccional com os conceitos de sexualidade construídos ao longo de nossa vida e intimamente ligados com a sociedade é fundamental, bem como a cultura vigente e a maneira como nos relacionamos com os outros pode contribuir para o processo de consolidação do enfrentamento das desigualdades de gênero.

O cenário escolar representa um espaço de manifestação de expressões da diversidade existentes na sociedade na qual está inserida, bem como de produção, reprodução, circulação e de silenciamentos. Diante disso, surgem as perguntas: Quais os trabalhos científicos realizados e publicados com estudantes homens do Ensino Médio, articulados como os temas masculinidades, gênero e sexualidade? Quais as metodologias utilizadas, tendo como sujeitos da pesquisa científica jovens estudantes? Quais as principais referências teóricas que discutem masculinidade no espaço escolar? Essas questões nortearam a produção dessa revisão sistemática, traçando um panorama atual das pesquisas sobre masculinidade, juventude e educação escolar.

Para este levantamento e compilação, utilizamos o método de organização de dados a partir da Revisão Sistemática, e assim construímos uma discussão sobre como a categoria Masculinidades está sendo estudada pelos educadores/as e pesquisadores/as do país. Segundo Creswell (2007), este levantamento pode contribuir para responder a uma pergunta claramente formulada, utilizando métodos sistemáticos e explícitos para identificar, selecionar e avaliar criticamente pesquisas relevantes, coletar e analisar dados de estudos incluídos na revisão.

A educação escolar, por ser uma atividade humana e social, as abordagens sobre gênero e sexualidade ocorrem de maneira subliminar ou perceptíveis nos diferentes espaços da escola, nas relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, seja no silêncio dos conflitos, pautados no sexismo ou colocando o gênero masculino em um lugar de superioridade. A homofobia, a desigualdade de gênero e a discriminação baseada em critérios de orientação sexual estão entre as injustiças sociais e formas de violência que ainda

persistem na sociedade apesar de todo o processo tecnológico e o crescente acesso à informação.

As questões que envolvem as temáticas de gênero, sexualidade e masculinidade, como gravidez na adolescência, violência contra a mulher, machismo, feminicídio, homofobia, ISTs, são muito importantes para o contexto da educação em sexualidade. Dessa forma, é fundante desconstruir preconceitos e discriminações, pois muitas vezes as escolas apresentam-nas num viés prescritivo, cujas experiências desses sujeitos são desconsideradas, quando deveriam ser problematizadas. O cotidiano escolar é um lugar de disputas, resistências e permanências em especial quando trata-se de questões de gênero e sexualidade por isso é importante que o PPP-Projeto Político Pedagógico considere essas questões e amplie tais debates no cotidiano escolar.

Os modelos culturais do que é ser feminino e masculino foram construídos historicamente nas sociedades. O sistema patriarcal em que todos e todas assumem obrigações morais sob a liderança do sexo masculino, estrutura relações baseadas em hierarquias e poder, inferiorizando o sexo feminino. Os jovens crescem reproduzindo esse modelo? O que é ser homem em nossa sociedade? Como discutimos isso no ambiente escolar? Pensando nisso, objetivou-se realizar essa Revisão Sistemática no intuito de visualizar como as masculinidades adentram o espaço escolar e como essa discussão está pontuada nos trabalhos científicos.

Essa é uma análise qualitativa dos principais trabalhos científicos encontrados durante a Revisão Sistemática realizada nas seguintes bases de dados: banco de teses e periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES) e no banco de dissertações do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade/MPED da Universidade do Estado da Bahia/UNEB.

Realizada em julho de 2022, usamos os descritores “adolescência e gênero”, “juventude e masculinidade”, “masculinidades e escola”, “sexualidade e masculinidade” e “gênero e masculinidade”, aplicando os seguintes filtros na busca, de acordo com cada categoria: tipo: mestrado e doutorado; recorte temporal: 2017 a 2022; grande área de conhecimentos: ciências humanas; área de conhecimento: educação; área de avaliação: educação; área de concentração: educação escolar. O recorte temporal da busca por trabalhos científicos dos últimos cinco anos visou localizar produções recentes e limitar o campo de busca.

Os descritores foram combinados assim em dois termos distintos, usando o operador booleano "AND", para localizar estudos sobre os dois temas em intersecção com o objetivo de especificar a busca devido ao grande número de trabalhos científicos depositados nos bancos de dados.

Os artigos foram selecionados de acordo com os critérios de inclusão: trabalhos publicados e disponíveis integralmente nas bases de dados científicas elencadas e em versões PDF ou *on-line*, com divulgação autorizada; trabalhos recentes (publicados a partir de 2017 até 2022), porém que já possuam aprovação pela comunidade científica; trabalhos sobre o tema masculinidade na perspectiva da educação escolar básica (Ensino Médio); trabalhos que trazem estudantes como os sujeitos da pesquisa e disponíveis em língua portuguesa.

Os critérios de exclusão usados na seleção dos artigos foram: trabalhos que não estejam disponíveis integralmente nas bases de dados pesquisadas ou que não tenham divulgação autorizada; trabalhos anteriores ao ano de 2017 e que não tratem de conceitos clássicos relacionados à área de interesse desta RS; trabalhos que não estiverem em língua portuguesa; trabalhos que apresentem o conceito de masculinidade apenas na área de saúde, sem relacionar com a educação, e trabalhos que não apresentem os estudantes como sujeitos participantes da pesquisa.

No banco de dissertações do MPED, a busca foi feita com os mesmos descritores usados no banco de dados de periódicos da CAPES, e foi localizado vários trabalhos científicos de grande importância com a temática Gênero e Sexualidade evidenciando a contribuição do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade para a discussão do tema. Ressaltamos a existência de diversas pesquisas sobre gênero, sexualidade, juventude e escola, mas como a busca tinha como foco a masculinidade, com o uso específico desse termo e dentro dos critérios estabelecidos nenhum dos trabalhos do MPED foi selecionado para análise nessa revisão sistemática.

Como forma de organizar e selecionar os artigos de maior relevância de acordo com as questões propostas, ao realizar as buscas com os descritores nas fontes de pesquisa definidas e aplicação dos filtros, os trabalhos foram classificados como artigos encontrados (elencando o quantitativo), artigos selecionados (com base nos critérios de inclusão para a leitura do resumo) artigos descartados (de acordo com os critérios de exclusão) e os artigos analisados (aqueles selecionados para a leitura na

íntegra e análise, por atenderem a demanda da questão de pesquisa e dos objetivos desta Revisão Sistemática).

Na análise dos números, é possível perceber uma grande quantidade de artigos tomando como base os descritores - 488 no total, sendo que apenas 5 foram lidos. Os 483 artigos excluídos, embora encontrados na busca com os descritores, não correspondiam ao objetivo da busca.

**Quadro 1 - Número de artigos encontrados**

| <b>Descritores</b>                  | <b>Artigos encontrados</b> | <b>Artigos selecionados</b> | <b>Artigos descartados</b> | <b>Artigos analisados</b> |
|-------------------------------------|----------------------------|-----------------------------|----------------------------|---------------------------|
| <b>Adolescência e masculinidade</b> | 89                         | 2                           | 89                         | 0                         |
| <b>Juventude e masculinidade</b>    | 65                         | 2                           | 63                         | 2                         |
| <b>Masculinidade e escola</b>       | 154                        | 1                           | 153                        | 0                         |
| <b>Sexualidade e Masculinidade</b>  | 94                         | 2                           | 94                         | 0                         |
| <b>Gênero e masculinidade</b>       | 86                         | 7                           | 83                         | 3                         |
| <b>Total</b>                        | 488                        | 14                          | 483                        | 5                         |

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados do Banco de dados da CAPES. Busca feita em 16/07/2022

Como resultados da busca foram encontrados um total de 488 artigos: 483 artigos foram descartados, 14 selecionados, e ao final 5 foram analisados, com leitura integral dos trabalhos. O número significativo de artigos por descritores, mesmo com uso de filtros, deve-se à abrangência dos termos e ao grande número de produções científicas no banco de dados da CAPES.

Os 14 artigos selecionados foram escolhidos por estabelecer relação com o tema da busca e a linha de pesquisa, sendo 5 teses e 9 dissertações. Realizamos a leitura dos resumos e elaboramos um quadro, no qual foram inseridas as seguintes

informações: descritores, título, autor(a), ano de publicação, outras informações e justificando a seleção para análise integral do artigo com base nos critérios de inclusão ou de exclusão.

Dos 14 artigos, 6 foram desconsiderados por não tratar do tema masculinidade na perspectiva da educação escolar básica, 1 por não apresentar os estudantes como sujeitos colaboradores e 2 por não estarem disponíveis integralmente nas bases de dados pesquisadas. No total, 9 artigos foram desconsiderados de acordo com os critérios de exclusão e 5 artigos foram analisados na íntegra.

**Quadro 2 - Dados dos artigos**

| <b>Descritores</b>               | <b>Título</b>  | <b>Autor(a)</b>                | <b>Ano de publicação</b> | <b>Outras informações</b>  | <b>Selecionado para análise?</b>  |
|----------------------------------|--|--------------------------------|--------------------------|--|---|
| <b>Adolescência e gênero</b>     | Concepções e relatos de adolescentes com altas habilidades ou superdotação sobre aspectos psicossociais da sexualidade       | REIS, Veronica Lima dos.       | 2018                     | 240 F. Doutorado em Educação Escolar Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho (Araraquara) | Não. Os trabalhos para serem incluídos devem tratar do tema masculinidade na perspectiva da educação escolar básica |
| <b>Adolescência e gênero</b>     | Adolescência e beleza: o olhar atual da juventude escolar  | OLIVEIRA, Rafael Miranda       | 2018                     | 90 F. Mestrado em Educação. Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto                           | Não. Os trabalhos para serem incluídos devem tratar do tema masculinidade na perspectiva da educação escolar básica |
| <b>Juventude e masculinidade</b> | Construção das masculinidades de jovens em contexto escolar em uma comunidade de zona rural                                  | FREITAS, Jose Rossicleiton de. | 2021                     | 125 F. Mestrado Profissional em Educação Universidade Regional Do Cariri, Crato                          | Sim. Atende aos critérios de inclusão elencados no protocolo dessa revisão sistemática.                             |
| <b>Juventude e masculinidade</b> | Juventudes e masculinidades: conversando sobre gênero com estudantes em uma escola pública no município de Feira de Santana. | SANTOS, Neide Pinto dos.       | 2019                     | 152 F. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Feira De Santana             | Sim. Atende aos critérios de inclusão elencados no protocolo dessa revisão sistemática.                             |

|                                    |   |                                     |      |   |  |
|------------------------------------|---|-------------------------------------|------|---|--|
| <b>Masculinidade e escola</b>      | Cartas pedagógicas: masculinidades e escola   | SOUZA, Igor Neves de.               | 2021 | 76 F. Mestrado em Ensino e Processos Formativos. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (São José Do Rio Preto)           | Não. Serão desconsiderados os trabalhos que não apresentem os estudantes e do gênero masculino como sujeitos participantes da pesquisa.  |
| <b>Sexualidade e Masculinidade</b> | Concepções de masculinidades em um grupo de jovens universitários   | SILVA, Alessandra Maria Cardoso da. | 2021 | 32 F. Mestrado Profissional em Educação Sexual Instituição de Ensino: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Araraquara) | Não. Os trabalhos para serem incluídos devem tratar do tema masculinidade na perspectiva da educação escolar básica e serão desconsiderados trabalhos que não estejam disponíveis integralmente nas bases de dados pesquisadas ou que não tenha divulgação autorizada. |
| <b>Sexualidade e escola</b>        | “É algo socialmente construído”: gêneros e sexualidades na escola entre percepções de docentes e estudantes | ABREU, Rachel Luiza Pulcino de.     | 2019 | 270 F. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro                                    | Não. Os trabalhos para serem incluídos devem tratar do tema masculinidade na perspectiva da educação escolar básica em relação ao gênero e a sexualidade.  |
| <b>Gênero e masculinidade</b>      | As relações de sociabilidade e as (re)interpretações de gênero e masculinidades                             | FRANCA, Elisete Santana da Cruz.    | 2018 | 186 F. Doutorado em Difusão do Conhecimento IFBA - Senai/CIMATEC - LNC - UNEB - UEFS  | Sim. Atende aos critérios de inclusão elencados no protocolo dessa revisão sistemática.  |

|                               |  |  |      |   |   |
|-------------------------------|--|--|------|---|---|
|                               | de jovens no contexto escolar  |  |      | Instituição de Ensino: Universidade Federal da Bahia, Salvador  |   |
| <b>Gênero e masculinidade</b> | Trabalho e vida pessoal: um estudo sobre a masculinidade a partir da perspectiva do homem          | RIBEIRO, Fabiana de Fatima Matos Queiroz | 2019 | 141 F. Mestrado em Administração Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte    | Não. Os trabalhos para serem incluídos devem tratar do tema masculinidade na perspectiva da educação escolar básica.                  |
| <b>Gênero e Masculinidade</b> | Relações de gênero e indisciplina escolar: masculinidades em jogo                                  | NETO, Claudio Marques da Silva           | 2019 | Undefined F. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo                              | Não. Devem ser trabalhos publicados e disponíveis integralmente nas bases de dados científicas elencadas e em versões pdf ou on-line. |
| <b>Gênero e masculinidade</b> | A formação das identidades sexuais e de gênero: experiências de estudantes gays no espaço escolar' | BORGES, Diego Viana                      | 2019 | 63 F. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal de Pelotas, Pelotas Biblioteca Depositária: Setorial | Não. Os trabalhos para serem incluídos devem tratar do tema masculinidade na perspectiva da educação escolar básica.                  |
| <b>Gênero e masculinidade</b> | Mind the trap: construção de masculinidades juvenis e suas implicações com o desempenho escolar    | SILVA, Luciano Ferreira da.              | 2018 | 240 F. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre                 | Sim. Atende aos critérios de inclusão elencados no protocolo dessa revisão sistemática.   |

|                               |  |                         |      |   |  |
|-------------------------------|--|-------------------------|------|---|--|
| <b>Gênero e masculinidade</b> | Discursos de gênero no espaço escolar: quais referências de masculinidades? São Luís – MA 2019 | BOGEA, Arthur Furtado.  | 2019 | Undefined F. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Maranhão, São Luís | Não. Serão desconsiderados trabalhos que não estejam disponíveis integralmente nas bases de dados pesquisadas ou que não tenha divulgação autorizada. O trabalho não possui divulgação autorizada. |
| <b>Gênero e masculinidade</b> | Relacionamentos afetivo-sexuais: narrativas de jovens contemporâneos                           | SOARES, Renata da Rocha | 2019 | 91 F. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Luterana Do Brasil, Canoas           | Sim. Atende aos critérios de inclusão elencados no protocolo dessa revisão sistemática.  |

**Fonte:** Elaborado pela autora com base no Banco de Dados da CAPES em busca feita em 16/07/2022.

Pensar em pesquisar sobre masculinidades entre jovens estudantes do Ensino Médio é pensar na escola como local de pesquisa e de produção de conhecimento. É compreender os dilemas e desafios do espaço escolar como potências, buscando por meio do estudo científico compreender, conceituar e construir caminhos possíveis para minimizar as demandas que surgem no ambiente escolar e que motivam e justificam o ato de pesquisar. Por isso, os artigos selecionados nesta Revisão Sistemática tratam do tema masculinidade articulado com as temáticas de gênero, sexualidade e juventude na escola, *locus* importante para problematização das relações de gênero, sexualidade e masculinidade.

Nesse sentido, a dissertação de mestrado de Santos (2019), intitulada *Juventude e masculinidades: conversando sobre gênero com estudantes em uma escola pública no município de Feira de Santana - BA*, ressalta o contexto atual de retrocessos e resistências dos debates em torno de gênero e sexualidade na sociedade e, conseqüentemente, na escola, considerando este um momento importante para as pesquisas sobre masculinidade na educação devido ao grande potencial e à necessidade do debate de gênero na instituição escolar para a desconstrução de relações desiguais. Santos (2019) considera que as pesquisas sobre masculinidade na educação são ainda recentes no campo acadêmico, com poucos trabalhos que trazem a articulação entre masculinidades e juventudes no contexto educacional.

Compreendendo a escola como uma produtora de conhecimento, a tese de doutorado “As relações de sociabilidade e as (re)interpretações de gênero e masculinidades de jovens no contexto escolar” de autoria de Franca (2018), a escola é analisada como espaço de construção de saberes onde as relações de sociabilidade influenciam na construção das masculinidades. Embora perceba a presença marcante nas escolas da pedagogia heteronormativa, Franca (2018) notou que nos momentos de sociabilidade e interação entre os jovens a masculinidade e a feminilidade são negociadas, reafirmadas, construídas e performatizadas. Essa performance com aspectos característicos da masculinidade construída ao longo do tempo, muitas vezes materializada em práticas como o comportamento dos meninos e influenciando no seu desempenho escolar.

A relação entre o desempenho escolar dos meninos e a masculinidade é o ponto de discussão de Silva (2018), na tese de doutorado “Mind the trap: construção

de masculinidades juvenis e suas implicações com o desempenho escolar”. Ao problematizar questões relacionadas com a construção da masculinidade hegemônica e os privilégios, Silva (2018) denomina de armadilhas alguns privilégios em ser homem, pois, ao se materializar esses privilégios da masculinidade, os meninos tendem a não ter um bom desempenho escolar, caindo em um artifício, por não conseguirem avançar nos estudos e como reflexo não terem bons empregos.

Soares (2019), em sua dissertação “Relacionamentos afetivo-sexuais: narrativas de jovens contemporâneos” analisa os relacionamentos afetivo-sexuais de jovens meninos estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Porto Alegre, a partir de suas narrativas, representações e discursos. Para a autora, o modo como os jovens vivenciam seus relacionamentos está relacionado com as possibilidades e os limites de viver as masculinidades na sociedade contemporânea. Os discursos machistas e heteronormativos reproduzidos pelos jovens são potenciais da masculinidade hegemônica, que se caracteriza por aspectos de virilidade, força e heterossexualidade, presentes também nos relacionamentos afetivos e sexuais. Ao refletir sobre a educação para os meninos e as regras do que foi conceituado de masculino e feminino, aponta como as pesquisas sobre gênero, masculinidade e juventude contribuem para a construção de relações de respeito.

Dos trabalhos científicos apresentados e analisados nessa Revisão Sistemática, somente o trabalho de Freitas (2021) apresenta uma proposta de intervenção, oficinas formativas e um produto final, ou seja, a produção de um livreto. A proposta de intervenção e o produto final da pesquisa são aspectos diferenciais e característicos de um mestrado profissional. O artigo de Freitas (2021) tem como *locus* de pesquisa uma escola de campo, discutindo como se configuram as masculinidades juvenis diante da educação reguladora do gênero, com valores e comportamentos de caráter heteronormativo e homofóbico.

A leitura desses artigos possibilitou acesso a trabalhos científicos sobre o tema masculinidade associado às temáticas de gênero e sexualidade, a diversidade metodológica, referenciais teóricos atualizados e, principalmente, a constatação da potencialidade das pesquisas em educação, tendo a escola como campo fértil de produção do conhecimento.

As abordagens desses artigos têm relação com a construção da masculinidade da juventude na escola, indo desde às armadilhas da masculinidade, os

relacionamentos afetivo-sexuais, processo de sociabilidade e o desempenho escolar dos estudantes. São pesquisas científicas de abordagem qualitativa, com objetivos diversos, mas que abordam o conceito de masculinidade em articulação com a juventude e a educação escolar.

Para inserir os jovens estudantes homens no debate sobre gênero, sexualidade e masculinidade, sem fazer um julgamento de valores, ouvindo e acolhendo seus relatos, discursos, narrativas, opiniões sobre o tema investigado e construir uma investigação consistente com os princípios éticos da pesquisa, os autores utilizaram uma diversidade de estratégias de produção e registro de dados. Os instrumentos de pesquisa usados mais comumente foram as entrevistas semiestruturadas, questionários, observação participante e o grupo focal.

Silva (2021) chama de bricolagem de diferentes metodologias usadas no seu processo de pesquisa como conversas com professores e funcionários, formação de grupos de discussão e diário de campo, método de pesquisa, participação observante e registro em caderno de campo. São citadas também as entrevistas individuais e observações do cotidiano escolar como metodologias de pesquisa.

Nos cinco artigos analisados, as principais referências teóricas aparecem de forma semelhante, evidenciando a importância dos autores em cada conceito trabalhado. No que tange ao conceito de masculinidade hegemônica, a principal referência é Robert W. Connell (1995), citado em todos os artigos analisados devido seus estudos sobre a diversidade e pluralidade das masculinidades em movimento constante de construção.

Na categoria de gênero e sexualidade, são citados e analisados os estudos de Guacira Lopes Louro (1997) e Joan Scott (1995). Louro (1997) compreende que gênero e sexualidade são construídos culturalmente, carregando a historicidade e o caráter provisório das culturas como relações de poder, hierarquias, subordinações e distinções. O gênero é uma categoria teórica de análise histórica, como defende a historiadora francesa pós-estruturalista Joan Scott (1997), e se refere a um conjunto de significados e símbolos construídos com base na percepção da diferença sexual e que são utilizados na compreensão das relações sociais associadas aos mecanismos de poder. Scott (1997) critica a noção de gênero associada às diferenças biológicas e conceitua gênero numa perspectiva social. A classificação homem ou mulher é um

reflexo da época e da sociedade, sendo esse conceito fundamental ao situar no espaço e no tempo as pesquisas.

A educação é entendida nessas pesquisas como uma prática social de homens e mulheres em determinado tempo e espaço, que acontece em diferentes lugares, como na família, no trabalho, na escola, na comunidade, é considerada uma importante dimensão no desenvolvimento da cidadania. Considerando a amplitude da dimensão do processo educativo, essas pesquisas analisam a educação escolar. A escola é entendida como uma das instâncias sociais importantes na construção dos gêneros, das sexualidades e das masculinidades através de suas práticas, valores, discursos e interação. Nesse sentido, as referências que aparecem nos artigos sobre educação escolar trazem as importantes contribuições de Candau (2013), Seffner (2020), Silva Júnior (2016) e Gatti (2005), entre outros nomes.

As compreensões sobre o conceito de juventude são estudos baseados em Esteves (2008), Abramovay (2008) e Dayrell (2016), autores que se dedicam ao estudo da juventude como potencial de pesquisa.

A Revisão Sistemática é uma importante etapa da pesquisa científica. Na leitura das produções científicas que se aproximam do objeto de estudo foi possível perceber que as pesquisas sobre masculinidade, juventude e educação escolar usam da metodologia composta pelo ouvir, registrar e analisar. Essa constatação possibilitou pensar e elaborar a metodologia desta pesquisa e refletir sobre estabelecer uma relação de confiança na qual os meninos possam falar sobre a masculinidade.

Entre os artigos analisados, podemos ressaltar que, a proposta de intervenção e de um produto final na pesquisa em educação da dissertação de mestrado profissional de Freitas (2021) foi fundamental para refletir na proposta a ser desenvolvida na pesquisa. A proposta de intervenção deve ser construída juntamente com os participantes da pesquisa, a partir de suas demandas, valorizando seus anseios e levando em consideração os possíveis resultados, podendo ser uma oficina, grupo de estudo, rodas de conversa sobre suas percepções e abordagens da temática gênero e sexualidade, entre outros. A proposta de intervenção pode auxiliar os docentes e estudantes na apropriação dos conceitos e transformação de valores e atitudes.

A partir da análise dos estudos científicos sobre masculinidades, notamos que tais pesquisas visam contribuir para melhorar a abordagem do tema e o

desenvolvimento de conhecimentos que possam subsidiar atitudes na construção de uma sociedade igualitária. Entretanto, essa discussão é ainda incipiente na área de educação, em diálogo com as juventudes, sendo historicamente um tema pesquisado na área de saúde. Dessa forma, esta Revisão Sistemática amplia e contribui para se pensar o campo dos estudos sobre gênero, mais especificamente na educação dos meninos e na luta por equidade de gênero.

Em outras palavras, o tema masculinidade em articulação com as temáticas juventude e educação escolar é um campo de estudo recente nas pesquisas em educação, evidenciado pelo quantitativo de artigos publicados e publicados na área de educação.

### **3.1 NO MEIO DA COLUNA TINHA UMA HÉRNIA, TINHA UMA HÉRNIA NO MEIO DA COLUNA!**

Confesso que hesitei muito para relatar essa questão de saúde nesta dissertação de mestrado, não sei se por não entender a complexidade ou por considerar irrelevante neste momento, não queria que a hérnia na coluna lombar fosse uma pedra no meio do caminho da pesquisa, parafraseando Carlos Drummond de Andrade no poema No meio do Caminho (1928, revista de antropofagia) embora ela já fosse. Mas como disse minha orientadora Maria José Pinho em uma das orientações “não podemos descolar sujeito e objeto, pesquisadora e pesquisa”, fazendo-me sentir que se essa questão de saúde me acompanhou durante as disciplinas, remexendo meu corpo e o lugar da pesquisa ela merece ser relatada.

Não poderia esquecer da existência de uma hérnia de disco no meio da coluna, as dores são constantes e foi a justificativa da parada das minhas atividades do mestrado, da vida profissional e da vida pessoal por quase um ano. A Hérnia de Disco em questão é na L4 e L5, uma lesão que ocorre quando o revestimento do disco da coluna sofre desgaste causando dor e imobilidade, identificada pelo CID-Código Internacional de Doenças por M51.2

Esse acontecimento causou tantas lágrimas, dor e descrença na capacidade de continuar a escrita da dissertação. Afastada do trabalho por tempo indeterminado, ainda aguardando a cirurgia de retirada da hérnia e tendo que lidar diariamente com limitações, dores e ressignificação à existência e de tudo que acreditava ser minha vida

Durante minha trajetória profissional enquanto professora concursada da disciplina História, fui removida a pedido meu de outra unidade escolar por causa da distância desta da minha residência, cheguei no CEO, como é carinhosamente chamado o Colégio Estadual de Ourolândia, conhecido também como Adélia em referência ao nome da escola quando essa funcionava em um prédio municipal. Eu muitas vezes sentia que estava no céu, perto de casa, com carga horária ampliada, e apesar das várias questões relacionadas à educação pública como carência de material, burocracias e exaustão, a instituição tem como marca central o acolhimento afetuoso dos estudantes. Afastar-me do CEO por questões de saúde foi difícil, trabalhar fora de casa era meu jeito de estar no mundo, de imprimir o que sinto, de comunicar o que penso, de expressar quem sou no espaço público do mundo. Foi um misto de saudade dos colegas e amigos, e um deslocamento de lugar e sentido, o que eu vou fazer agora? Tendo em vista que “a relação estabelecida entre investigador, *lócus* e sujeito de pesquisa é outra característica importante, já que o contato é direto e tende a ser prolongado “(p.149, ateliê de pesquisa).A necessidade de mudar o *lócus* de pesquisa parecia ser um desafio, reestabelecer uma ligação com o novo local de pesquisa e construir uma relação que possibilitasse a pesquisa acontecer de maneira dinâmica e efetiva.

O *lócus* de pesquisa viável diante da hérnia no meio da coluna, foi na cidade de Jacobina-Bahia, onde resido, não necessitando de deslocamento. O Colégio Estadual de Jacobina, CEJA, foi escolhido nesse contexto, por ser um colégio de porte médio, que oferece ensino médio na modalidade tempo integral e reconhecido pela sua atuação no contexto educacional da cidade. Um fator que também influenciou na escolha foi o fato de já conhecer os profissionais que lá atuam, e por já ter estado na escola em períodos eleitorais para votação ou durante as provas do ENEM-Exame Nacional de Ensino Médio como certificadora do INEP-Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa. O novo *lócus* não me parecia de todo estranho, fiz contato com a coordenadora, apresentei a proposta de pesquisa e planejei o cronograma das rodas de conversa, tendo recebido bastante apoio e entusiasmo na realização da pesquisa.

Em 2023, quando as rodas de conversa estavam planejadas para serem iniciadas no Colégio Estadual de Jacobina, minha mãe faleceu, eu me sentia suspensa no ar, como se nada tivesse sentido, somada às dores físicas a dor na alma dilacerava e eu buscava sentido em existir, não fazia sentido conduzir rodas de

conversa sobre masculinidades, precisei de um tempo, de um espaço e de um distanciamento de quase tudo. Eu olhava os livros, os textos, e pensava: preciso compreender o que sinto agora antes de compreender o que penso e o que o outro pensa!

Depois de um tempo para acomodar as emoções, retorno das conversas via app, troca de informações, apresentação da proposta das rodas de conversa, conseguimos ajustar a agenda para um encontro presencial entre a pesquisadora, a coordenação e professores do Colégio Estadual de Jacobina-Bahia/CEJA. O encontro aconteceu na tarde de terça-feira, no início do mês de julho de 2024 na sala dos professores no turno vespertino, era retorno das férias juninas, algumas bandeirolas ainda giravam pelos corredores.

O percurso de minha casa até o CEJA dura aproximadamente 15 minutos de caminhada, eu ando um pouco devagar para não forçar a coluna e já que não consigo apressar os passos saio de casa uns minutos antes. Vou aproveitando o caminho para refletir sobre aspectos da pesquisa e principalmente sobre a “hérnia no meio do caminho”. Durante esse percurso eu ia pensando também se a proposta das rodas de conversa seria viável de adaptação na Colégio Estadual de Jacobina já que elas haviam sido pensadas para o contexto de outra cidade e outra escola, e reconheço que a localização geográfica altera o público e muda o contexto das discussões sobre gênero, sexualidade e masculinidades. Nesse caminho, de casa até o colégio local da pesquisa, ora eu circulava nas calçadas entre as pessoas, ora entre os carros e motos e percebia algumas coisas que talvez já estavam ali no meu cotidiano, mas que eu não havia dado a devida importância. Por ser um bairro residencial, nas portas das casas tinham alguns homens sentados conversando, em algumas casas mulheres varrendo as calçadas, em outras algumas mulheres sentadas com crianças. Eu pensei e tive total certeza de que não é possível analisar nenhum aspecto da sociedade sem pensar no gênero e na sexualidade como marcadores de diferença.

Durante essa caminhada, algumas mulheres passaram por mim com roupa de academia, indo ou voltando da prática de atividade física. Dois homens passaram de carro e buzinaaram. As meninas demonstraram certo desconforto e proferiram algumas palavras que eu não consigo entender pelo barulho dos carros. Pensei apenas nas formas sutis de assédio muitas vezes naturalizadas. O bairro Ladeira Vermelha é o

bairro mais próximo da escola, é um bairro quase totalmente residencial, onde as pessoas ainda sentam nas portas e conversam cordialmente.

Quando eu cheguei ao colégio, eu já havia ido outras vezes e em uma dessas oportunidades fiquei admirada com os desenhos e pinturas nas paredes das escolas e até escrevi um artigo sobre os grafismos presentes naquele espaço. O CEJA é uma escola bastante espaçosa, arborizada com uma ampla biblioteca e no pavimento superior ficam as salas de aula. Cheguei no colégio perto do intervalo. Ao chegar encontrei um amigo de longa data e a conversa sobre assuntos distintos da pesquisa ajudou a acalmar a mente e a ansiedade foi se desfazendo. Confesso que eu estava com uma certa saudade da escola, especialmente da movimentação juvenil pelos espaços da escola, da ocupação do pátio, das conversas, gírias e brincadeiras, do cotidiano tão próprio da escola. Alguns estudantes pelo pátio me olharam com curiosidade. Na sala dos professores fui recebida de forma muito carinhosa, reencontrei colegas de trabalho de outra escola da rede estadual, foi um momento de encontro bem interessante e animador, apresentei os objetivos da pesquisa e a metodologia.

Eu permaneci na escola por um período de mais ou menos uma hora entre conversa com a coordenação, com os professores, com a bibliotecária, que já foi minha vizinha. Então foi um clima bem familiar, de confraternização, de reencontro, de conversa e alinhamento da pesquisa. Na sala dos professores uma professora me apresentou um projeto com o objetivo de discutir sobre a objetificação do corpo das mulheres na literatura, principalmente das mulheres negras. Trocamos algumas ideias, falamos um pouco sobre o cenário atual da educação, sobre o contexto de burocracia que a educação está vivendo, com a implantação de sistemas e de como está sendo um período de adaptação essa nova realidade. A professora salientou ainda como é ilusório a ideia de que porque os estudantes têm acesso à informação pela internet, e acesso amplo a redes sociais, eles terem acesso ao conhecimento, ressaltou que os estudantes têm dificuldade ainda em assimilar as informações, e transformar essas informações em conhecimento incorporando uma prática de respeito mútuo no convívio com os colegas em sala de aula. A professora citou exemplos de situações em que os meninos se comportam com atitudes preconceituosas e machistas seja em falas ou gestos não só com as meninas, mas

também com os meninos, principalmente aqueles que são mais afeminados, sensíveis. Ou seja, aqueles que distorcem da heteronormatividade.

É importante salientar que França (2018, p. 149) aponta o que confirma a citação da professora: “Várias pesquisas realizadas sobre as questões gênero e sexualidades na escola revelam que existe um tabu e uma segregação das pessoas com práticas sexuais que fogem ao estabelecido pela heteronormatividade.”

Ao apresentar a pesquisa, falei sobre os estudantes pesquisados e uma professora perguntou por que só meninos, eu já esperava por tal questionamento. Expliquei que neste momento de aproximação do campo e coleta de dados era importante ouvir os meninos na tentativa de compreender como a masculinidade é construída e assim pensar em uma proposta de intervenção intencional. Quando eu abordei como o tema havia sido pensado como relevante para pesquisa, ao perceber a ausência e silenciamento dos meninos diante de temas como violência contra as mulheres, os professores relataram que é importante fazer esta discussão com os meninos.

Foi um momento bastante interessante, confirmei a relevância das temáticas abordadas na pesquisa, mesmo diante da mudança do *locus* de pesquisa. A data de contato com a turma foi marcada para a semana seguinte, dia 10 de julho de 2024.

### **3.2 PODE “MENINES” NAS RODAS DE CONVERSA?**

Quase sempre quando desejamos alterar a dinâmica de um espaço, seja uma sala de aula ou outro ambiente, para que os presentes possam olhar no olho do outro, ou ouvir mais do que falar, compartilhar algo em comum, a roda de conversa aparece nesses contextos. A roda de conversa dinamiza, desmarca hierarquias, elimina o centro, proporciona que as pessoas que participam da roda sejam vistas por todos e vejam os outros também. Ver, olhar, ouvir, escutar, ser visto e ouvido, aspectos que muitas vezes parecem perdidos no tempo com o advento da tecnologia digital e a inserção do ver e ouvir por intermédio das telas.

Refletindo sobre minha história de vida, identifiquei como desenvolvi um gosto particular pelas Rodas de Conversa e por que esse foi o método elencado para a pesquisa, primeiramente esse deslocamento da centralidade proporcionado pelo formato da roda foi o ideal para o protagonismo dos participantes da pesquisa e esse protagonismo foi percebido nas reuniões dos MMJ-Movimento de Mulheres de

Jacobina, quando sempre nos sentamos em círculos e as discussões fluem. Foi também na Dança Circular quando movimentamos nossos corpos em uma roda e nas oficinas de teatro do Espaço Estação Arte que sentar ou dançar em roda se tornou um aspecto comum.

Mas conforme constata Warschauer (2004) “na educação escolar formal, a Roda é pouco presente, devido a muitos fatores. Entre eles, a perspectiva de homogeneização, padronização e organização de espaços, tempos e currículos, estruturados de tal maneira a deixar poucas oportunidades para a manifestação das diferenças e singularidades, poucas possibilidades no cotidiano escolar para a inclusão do diverso (p.3), inclusive na primeiro contato com os participantes da pesquisa eles estavam sentados em fileiras e quando a primeira roda de conversa aconteceu e eles foram deslocados para a sala destina para a roda, alguns resistiram a ficar no círculo formado pelas cadeiras, adentrando a roda um tempo depois que ela aconteceu o que pode indicar que a escola ainda organiza seu cotidiano numa perspectiva de padronização ou que houve apenas um estranhamento por parte do participante em questão e sua reação inicial foi de distanciamento seguido por uma aproximação e incorporação ao formato proposto.

Dispor-se em rodas tem uma nostalgia ancestral, remete a um imaginário e uma memória afetiva das brincadeiras de criança. Dispor-se em roda desloca a centralidade dos sujeitos, circula a palavra, gestos e linguagem corporal, rompe com as estruturas demarcadas espacialmente. Dispor-se em roda e conversar. E nesse movimento produzir dados que podem ser categorizados, analisados e interpretados numa pesquisa qualitativa, pois se “[...] a roda de conversa não é algo novo, a ousadia é empregá-la como meio de produção de dados [...]” (MOURA; LIMA, 2020, p.80). Como dispositivo, a roda de conversa possibilita a construção coletiva e colaborativa de conceitos, troca de experiências e reflexão.

Sendo uma pesquisa de natureza qualitativa e pelos objetivos da pesquisa, a roda de conversa foi se desenhando como o dispositivo mais adequado para produção de dados, principalmente por "permitir a ressonância coletiva, a construção e reconstrução de conceitos e argumentos pela escuta e pelo diálogo com os pares e consigo mesmo" (MOURA; LIMA, 2020, p.79). Tendo em vista que a pesquisa foi construída colaborativamente entre os participantes e a pesquisadora, com o objetivo de participação coletiva no debate onde os participantes tiveram “voz e vez no

processo de coprodução de conhecimentos” (XIMENES; PEDRO; CORRÊA *et al.* 2022, p.11).

As rodas de conversa como um dispositivo de pesquisa seguiram uma metodologia para que se alcancem os objetivos propostos. Inspirado em Moura e Lima (2020), as rodas de conversa tiveram eixos temáticos para cada momento das rodas com questões impulsionadoras da conversa e foram sendo ampliada de acordo com o que foi emergindo no andamento das rodas; o ambiente foi preparado com antecedência para a roda de conversa, organizando de modo a potencializar o dispositivo; a metodologia da roda de conversa e da pesquisa foi explicada inicialmente aos participantes, solicitada a autorização para gravar e depois transcrita, organizada em eixos de análise, com categorização e análise crítica e interpretativa dos dados.

Compreendo que o dispositivo “roda de conversa” foi o dispositivo ideal nesse momento de produção de dados, por contemplar o problema de pesquisa ao descentralizar a pesquisa individual de cada participante e possibilita a visualização e propicia a conversa e a escuta. “A conversa, na pesquisa que desenvolvemos, é um espaço de formação, de troca de experiências, de confraternização, de desabafo” (MOURA; LIMA, 2020, p.75). Onde o “pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão” (MOURA; LIMA, 2020, p.76).

A Roda de Conversa Dialógica enquanto uma prática organizada que parte dos diálogos e busca desenvolver a reflexão do sujeito sobre sua própria realidade (PEREIRA, 2018). A inspiração dessa experimentação no campo com o dispositivo roda de conversa provém de Paulo Freire (1978) e do Círculo de Cultura, quando o autor se apropria do diálogo para a produção de conhecimento com o objetivo de desenvolver a competência de ler e escrever criticamente.

O diálogo coletivo contribuiu para partilhar experiências sobre as masculinidades entre os jovens estudantes criando um ambiente de fala e escuta onde “as colocações de cada participante são construídas a partir da interação com o outro, sejam para complementar, discordar, sejam para concordar com a fala imediatamente anterior.” (MOURA; LIMA, 2020, p.79). Construindo assim um debate reflexivo e construção de saberes sobre a temática a partir de experiências vivenciadas e socializadas nas rodas de conversa constituindo também um espaço de construção

de dados para a pesquisa. A conversa não se dá somente pela fala e pela escuta, os silenciamentos e o corpo também comunicam algo “importante para nos mostrar que conversamos com todo o corpo” conforme aponta (PEREIRA, 2018).

A roda de conversa enquanto um dispositivo de pesquisa se conecta com as questões epistêmicas, éticas, ontológicas e políticas da pesquisa. O objetivo de criar um ambiente de diálogo impulsionado por eixos temáticos dentro do eixo gerador Masculinidades, os eixos temáticos de acordo com os problemas da pesquisa visaram impulsionar as discussões sem que em meio da conversa o assunto se perdesse com conversas paralelas já que os participantes eram todos colegas de turma, embora na roda de conversa o assunto deve fluir com liberdade. “A força da conversa está, portanto, na sua capacidade de fazer percursos outros que não os esperados, reconduzindo a “descoberta” para as pesquisas” (PEREIRA, 2018).

Embora sabendo que as conversas nos levam para caminhos não previstos e desafiam um modelo de ciência que acredita que o rigor está na previsão e no controle dos dados (PEREIRA, 2018), o planejamento não excluiu as demandas do grupo que surgiram no movimento da roda de conversa, as conversas sobre a maneira como eles se relacionam com seu próprio corpo foi uma demanda que surgiu nas conversas e não tinha sido previamente planejada como assunto das rodas.

Através das rodas de conversa realizadas foi possível “evidenciar como ela se constituiu num caminho para o aprendizado da convivência, ao mesmo tempo que propiciava a construção dos conhecimentos de forma integrada e com sentido” (WARSCHAUER (2004, p.2)

As rodas de conversa criaram um grupo de discussão aberto aos participantes estudantes, que apesar da duração prevista de uma hora para cada encontro todos os três encontros extrapolaram o horário previsto, pois sempre o assunto despertava uma fala que levava a outra fazendo a roda girar com respeito e compreensão, mesmo quando eles riam das falas não era um riso de repressão, era muitas vezes pela maneira como o colega expressava sua opinião e todos acabavam rindo, deixando o ambiente mais dinâmico.

As rodas de conversa aconteceram programadas para as segundas-feiras pela manhã, durante o mês de julho de 2024, com duração de uma hora cada momento, em uma sala de aula preparada para isso, sem interrupções. Anterior do início das rodas de conversa estive na sala de aula, me apresentei como pesquisadora do

mestrado, falei dos objetivos da pesquisa, li o termo de Consentimento Livre e Esclarecido, entreguei para serem lidos e assinados, pelos pais ou responsáveis, expliquei que os dados só serão divulgados em forma de artigos científicos e sem identificação. Tirei dúvidas, pedi autorização para gravação da roda em áudio para posteriormente ser transcrita com objetivo de auxiliar nos dados a serem analisados.

Nesse primeiro contato, um dos estudantes questionou o porquê de somente homens serem convidados a participar das rodas de conversa. Expliquei os objetivos da pesquisa. Foi quando falei que nesse momento seriam somente “meninos” que um deles perguntou se poderia “menines”. Eu havia pensado que poderia ser questionada sobre pesquisar somente com participantes homens e essa seria uma pergunta a surgir durante a apresentação como havia sido feita pelos professores também. Estamos diante de um contexto em que falamos ou ouvimos com frequência por exemplo “boa noite a todas, todos e todes”, em referência ao gênero neutro, em nome da inclusão daquelas pessoas que não se identificam com o binarismo homem/mulher. Antes da justificativa, a professora da turma pediu que o estudante que fez o questionamento explicasse o que era “menines”. Ele muito firme falou que menines se tratava de meninas que não se identificavam como meninas e se sentiam meninos, mas ressaltou que ele era menino.

Sim, poderia menines sim, seria inclusive enriquecedor para a pesquisa, foi assim que respondi explicando os objetivos da pesquisa que justifica a participação apenas de meninos nesse momento das rodas de conversa e falei sobre a proposta de intervenção contemplar tanto meninos quanto meninas e menines. O que estava em questão ali naquele questionamento era uma suposta oposição entre sexo biológico de nascimento e gênero construído socialmente que desembocam na identidade de gênero.

De acordo Freitas (2021) como o conceito de identidade de gênero está atrelado ao relacionamento da pessoa com o próprio corpo, “a identidade de gênero diz respeito, portanto, aos significados e traços que o indivíduo porta e associa como sendo masculinos ou femininos” (p.142), esses traços são tanto físicos como personalidade, habilidades, interesses e conforme SANTOS (2013):

As identidades, sejam elas sexuais, de gênero, raça, etnia, etc., não são um produto acabado, senão um processo contínuo que nunca se completa, constituídas culturalmente, subjetivando-se em seu espaço e tempo. Os

sujeitos são, portanto, fluídos e se inventam no transcurso de complexas histórias, fundadas no sistema de pertencimento. (SANTOS, 2013, p.83)

É claro, que já elenquei identidade de gênero como um dos temas da proposta de intervenção, diante desse questionamento na apresentação da proposta de estudo, considero relevante discutir essa temática.

### **3.3 BRUNINHO E A GIRA DA RODA: A PESQUISA EM SEU MOVIMENTO METODOLÓGICO**

Esta pesquisa é imersa no campo dos desejos, na labuta cotidiana da escola, identificando no campo de atuação profissional uma problemática a ser pesquisada, requer uma metodologia de pesquisa que auxilie no esclarecimento das questões formuladas com base na problematização.

Os modos de pensar, de compreender o conhecimento são modos do nosso tempo, do nosso lugar e, portanto, “Os modos como fazemos nossas pesquisas vão depender dos questionamentos que fazemos, das interrogações que nos movem e dos problemas que formulamos” (PARAISO, 2014, p.23). Pensando em Paraiso (2014), o questionamento que instigava a investigação era: Como discutir temas como gênero, sexualidade e masculinidade com os estudantes sem julgamento moral? Como estimular a conversa de estudantes homens, tendo em vista que pela minha experiência em sala de aula eles falam pouco sobre sentimentos, sobre si, elencam o silêncio como resposta e saem das discussões de gênero.

As escolhas metodológicas na pesquisa qualitativa em educação são escolhas éticas e políticas alinhadas às problematizações contidas no movimento da pesquisa. Nesse sentido, tendo em vista que os participantes da pesquisa são jovens estudantes e que as questões sobre masculinidades podem levantar julgamentos morais, fez-se necessário pensar em um caminho metodológico que considere essas pautas relevantes na pesquisa. E eticamente eu precisava criar um ambiente seguro, onde os estudantes homens pudessem falar sem julgamento e diante de uma mulher.

Ser pesquisadora mulher e querer me aproximar das diferentes vivências de masculinidades foi uma experiência enriquecedora e desafiadora que me fez pensar sobre a constituição de uma masculinidade hegemônica que busca ser colocada como inquestionável e intocável (SANTOS, 2019, p.4).

Foi nesse sentido que a leitura do livro *Masculinidade da quebrada* (2020), além de elucidar a proposta de como criar um ambiente seguro para os meninos falarem também apontou uma possibilidade da existência nas rodas de conversa de um personagem através do qual, os meninos pudessem falar de si em quanto falam do outro. Esse personagem foi um boneco de pano, construído por mim de maneira manual, o molde foi feito usando como base o meu filho Lucas delineando seu corpo de 1,60m no pano de algodão branco esticado no chão da sala. Depois costurei o tecido dando formato de um corpo simples, com pernas, braços, cabeça. O enchimento foi feito com enchimento de almofadas que tinha em casa e que peguei com as vizinhas, depois de pronto parece um manequim de loja de vestuário, um boneco de pano sem gênero, nome, personalidade ou sexualidade, pronto para ser moldado com base nas concepções dos estudantes sobre gênero, sexualidade e masculinidade.

Antes de iniciar as oficinas, já havia reparado no primeiro contato quando convidados e explicado os termos da pesquisa que os meninos adolescentes tinham postura e vestimenta de jovens adolescentes, como deveria ser, e senti uma insegurança em levar o personagem boneco de pano que remetia a brincadeiras infantis para a roda de conversa onde os meninos não tinham nada de características infantis, já apontavam na maneira de ser que queriam distanciar da infância e serem vistos e lidos como adolescentes. Mas a dúvida também se sem o boneco de pano eles teriam abertura para falarem fez com que o personagem fosse presença marcante nas rodas de conversa.

De acordo com Gatti (2002): “O desenvolvimento de habilidades para a pesquisa só se faz no próprio trabalho de pesquisa” (p.69). Isso fez muito sentido, foi durante as rodas de conversa que fui delineando os rumos da pesquisa e compreendendo que “O método não é um roteiro fixo, é uma referência” (GATTI, 2002 p.69), e na constante construção na prática, a metodologia pensada foi fornecendo uma orientação, mas sem aprisionar a pesquisa” (GATTI, 2002 p.70). Tem um pouco de intuição na pesquisa científica, preparei também para ler os silêncios e tinha outras possibilidades como as mesmas questões norteadoras das rodas em escrito como alternativa para se a conversa nas rodas não fosse satisfatória, se ficassem tímidos e acanhados para falar, o que não aconteceu.

No primeiro olhar, ao chegar na sala organizada em círculo com o boneco de pano em uma das cadeiras, os meninos já sugeriram que ele era um homem como eles, já chamaram “dele” e já deram um nome que foi consenso entre todos “Bruninho”. Segundo os participantes da pesquisa, o boneco era um boneco, pois estava sem roupa e mesmo que fosse uma boneca “estaria de calcinha de pano, né pró?”.

As pesquisas pós-críticas constituem como uma opção para o percurso metodológico desta pesquisa sobre Masculinidades e juventudes, que contempla as duas principais categorias teóricas a serem discutidas nesta pesquisa e outras categorias emergidas dos dados. Por isso, esta pesquisa se insere e se inspira nas pesquisas pós-críticas. Paraíso (2004, p.288) constata que a teoria pós-crítica recebe influências da filosofia da diferença, do pós-estruturalismo, do pós-modernismo, da teoria queer, dos estudos feministas e de gênero, dos estudos multiculturalistas, pós-colonialistas, étnicos, ecológicos etc. contribuindo para uma educação mais crítica onde a intervenção na realidade tem o poder de transformá-la.

Ao buscar na subjetividade dos sujeitos participantes da pesquisa a compreensão e análise de como os conceitos de masculinidades são construídos, e tendo como aporte os estudos de gênero e sexualidade, conforme apontam Meyer e Paraíso (2014), nossa forma de pesquisar, diz respeito ao modo como vivemos, a forma como indagamos e de como enxergamos os problemas em torno do objeto de estudo, numa menção clara que as perguntas movem o sentido e a direção metodológica de uma pesquisa em educação, não sendo sempre uma escolha da pesquisadora quase sempre é uma opção da identificação do problema formulado a ser pesquisado. Sem um método definido com espaço para sua construção, o sentido e direção da construção metodológica considera o que já foi produzido, ressignificando, interrogando e problematizando. No caso do presente estudo, o ponto central foi entender como as masculinidades se constroem no contexto educativo.

A partir das discussões estabelecidas em cada eixo temático, foram analisadas as informações presentes nos diálogos, as falas dos participantes aparecem entre aspas, sem identificação, respeitando a identidade e confidencialidade.

Os jovens são vistos como sujeitos sociais, que “constroem um determinado modo de ser jovem” (DAYRELL, 2003, p.24) essa construção parte de suas experiências, cotidiano. Portanto, “construir uma noção de juventude na perspectiva

da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento.” (DAYRELL, 2003, p.42)

Sentados em círculos, as rodas de conversa foram inspiradas e adaptadas do livro Masculinidade quebrada: Memórias de um processo com meninos periféricos, seguindo os respectivos roteiros:

**Quadro 2 - Roteiro das Rodas de Conversa**

| Nº da roda | TEMA  | OBJETIVO  | METODOLOGIA  | QUESTÕES NORTEADORAS   | RECURSOS   |
|------------|---|---|--|--|--|
| 01         | Conceito de homem e papel dos homens na luta pelo fim da violência contra as mulheres | Analisar o que os estudantes entendem por ser homem e como compreendem sua responsabilidade e participação nas lutas feministas                     | -Sentados nas cadeiras em círculo<br>-Cartaz com dados sobre violência contra as mulheres para leitura individual compartilhada<br>-Escrita individual em papel impresso com as questões: O que precisa ser para ser reconhecido como homem? E o que precisa esconder para ser visto como homem? | - O que podemos inserir no boneco de pano para que ele seja visto como um homem (acessórios, atitudes, comportamentos.)<br>-Como se sentem ou o que pensam a ler notícias de violência contra as mulheres?<br>- O que precisa ser para ser reconhecido como homem? E o que precisa esconder para ser visto como homem? | -Boneco de pano<br>-Cartaz<br>-Papel impresso  |
| 02         | Onde aprendemos a ser homem   | Compreender como os participantes se relacionam com outras pessoas, a relação paternal, quem admiram na construção do que entendem por serem homens | -Sentados em círculos os estudantes são estimulados a falar com perguntas. As falas são livres, sem interrupções. As questões são direcionadas ao boneco de pano e ao falar sobre si os estudantes falam citando suas experiências algumas vezes a por meio do boneco.                           | Qual o lugar das mulheres na rede de afetos deles? Quem procuram quando desejam desabar, conversar? Quem eles admiram e se inspiram a ser o homem que são ou que desejam ser   | -Boneco de pano e seus acessórios<br>-questões pré-elaboradas e questões que surgem a partir das falas |
| 03         | Sexualidade e masculinidades possíveis  | Conhecer como os participantes se relacionam afetivamente e sexualmente e o como gostariam de viver sua masculinidade                               | -Sentados em círculos os estudantes são estimulados a falar com perguntas direcionadas e com questionamentos que surgem em suas falas . As falas e os silêncios são espontâneos e o respeitada a   | Por quem sente atração física e afetiva? Homem ou mulher? Com quem ele se relaciona? Como ele aprende sobre sexualidade? Onde eles aprendem sobre sexualidade? Qual papel da escola ? Quais são as mudanças que acontecem no   | -Boneco de pano e seus acessórios<br>-questões pré-elaboradas e questões que surgem a partir das falas |

|  |  |  |   |  |  |
|--|--|--|---|--|--|
|  |  |  | opinião individual. Ao citar algum exemplo utilizo o boneco de pano como um personagem. | corpo? Se ele fosse uma mulher ele poderia ter esse mesmo comportamento? |  |
|--|--|--|---|--|--|

Na primeira roda de conversa, com o tema “o que é ser homem e qual papel dos homens na luta pelo fim da violência contra as mulheres”, foi possível perceber um certo desconforto quando abordada questão da participação dos homens na luta pelo fim da violência contra as mulheres. Numa sala com cadeiras em círculos pedi que cada participante se apresente falasse como se sentia naquele momento, foi a maneira encontrada para estimular a fala e criar uma relação de confiança durante a primeira roda de conversa. Eram dez estudantes e apresentei uma terceira pessoa, eles logo chamaram de homem, perguntando o nome dele. Eu perguntei por que eles achavam que eram um homem, alguns falaram devido as “pernas grossas de jogador caro”, outro “está sem roupa” ou “não tem peito de mulher”. Já deram logo um nome “Bruninho”, segundo eles devido a semelhança física com um colega que não estudava mais na turma. Todos concordaram e o boneco de pano, de confecção manual, já tinha um nome.

Quando questionei sobre o que podemos inserir nesse boneco para que ele se torne um homem? Fui mostrando alguns acessórios que levei, algumas camisas entre elas uma camisa de time e uma blusa tomara que caia, somente um estudante falou que ele poderia usar a blusa tomara que caia, como a maioria votou pela camisa de time, Bruninho foi vestido assim. Alguns citaram um boné estiloso, um tênis, um cordão. Para o próximo encontro me comprometi a trazer os acessórios e completar o boneco de pano de forma que ele representasse um homem de acordo com as sugestões dos estudantes participantes da pesquisa.

E quanto ao comportamento e as atitudes? Como “Bruninho” deveria se comportar para ser um homem. Eles citaram que a maneira sentar, de falar e de andar são maneiras de um homem e argumentaram que “até mulher veste camisa de time” não sendo possível diferenciar só com as roupas se uma pessoa é homem ou mulher. Um dos participantes argumentou que “dá pra saber que não é mulher pelo jeito, tem um jeito de homem que mulher não tem”.

Como um dos objetivos da roda de conversa 1 era compreender como os meninos entendem sua participação nas lutas feministas e nas violências contra as mulheres, levei impresso cartazes com os seguintes dados atualizados sobre violência da mulher:

- “Brasil é o quinto país que mais comete violência contra mulheres.” (fonte: Segundo o Alto comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos)
- “Brasil é o país que mais mata pessoas trans” (fonte: Segundo Dados da ONG Transgender Europe);
- “Em 2023 foram registrados 3.181 casos de violência contra a mulher a cada 24 horas, oito mulheres sofrem com crimes como agressões, torturas, ameaças e ofensas, assédio ou feminicídio.” (Fonte: Rede de Observatórios de Segurança)
- “70% dos casos de feminicídio são cometidos pelo companheiro ou ex-companheiro da vítima.”(Fonte: Rede de Observatórios de Segurança);
- “Em 2023, a Bahia registrou 108 feminicídios.”<sup>5</sup>

Distribuí aleatoriamente os dados impressos e solicitei que cada um lesse a notícia recebida e falasse seu sentimento a respeito. Durante esse momento observei como eles reagem a cada notícia lida, foi possível perceber em alguns uma agitação na cadeira, um olhar de espanto e desconforto. Abri para discussão sobre qual o papel dos homens diante desses dados, como eles se sentem e o que pensam, foi uma discussão interessante que analisarei no capítulo 4.3 “Não precisa conversa não, já tá na cabeça do cara”: violência contra as mulheres.

Para finalizar a roda de conversa 1 cada participante recebeu uma folha em branco com as seguintes questões:

- O que você precisa ser para ser considerado homem?
- O que você precisa esconder para ser considerado homem?
- O que gostaria de fazer sendo homem? Como gostaria de viver?

De forma anônima cada um respondeu. Essa seria uma discussão oral, mas devido ao tempo não foi possível conversar com eles sobre o que eles relataram na

---

<sup>5</sup> Fonte: Rede de Observatórios de Segurança

escrita. Encerrei agradecendo a presença e marcando a data do próximo encontro na próxima semana, no mesmo dia da semana e no mesmo horário.

Na segunda roda de conversa, com o tema: Com quem eu aprendo a ser homem, preparei a sala com antecedência, organizei o boneco de pano, “Bruninho,” com os acessórios sugeridos na roda de conversa anterior. Antes da roda de conversa começar, alguns estudantes já perguntavam ao me ver chegando na escola se eu trouxe “Bruninho”, se “Bruninho veio, se estava bem”. Ao começar a roda de conversa e os estudantes adentrarem à sala, Bruninho foi a atração, eles interagiam com o boneco, tiravam foto com ele, admiravam as vestimentas e comentavam sobre os jogos Olímpicos. Quando eles sentaram, relembrei o encontro anterior, e apresentei o boneco com os acessórios sugeridos, havia dois participantes que não estavam na roda anterior. Falei sobre Bruninho ter rede de afetos que pode ser a família e os amigos, perguntei quem eram as pessoas que fazem parte de sua rede de afetos. Um instante de silêncio e muitas falas e comentários. “A pesquisa qualitativa possibilita estudar as emoções, gestos, esses aspectos “se tornam objeto de ciência que lidam com homens e mulheres e se interessam por aspectos da realidade que não podem ser quantificados, trabalhando com motivações, crenças, valores, o universo simbólico e suas significações” (SILVA, 2020 p.150)

Estimulei ainda mais a roda com os questionamentos: Qual o lugar das mulheres na rede de afetos deles? Quem procuram quando desejam desabar, conversar? Quem eles admiram e se inspiram a ser o homem que são ou que desejam ser. Como percebi que nas falas as amigadas da escola, colar as bolinhas de papel e fios de lã e circular no boneco, os participantes escolhem a proximidade com o boneco. Pedi que eles observem a rede de apoio e discuti sobre o que aparecer como rede de apoio. Encerrei agradecendo a presença e marcando a data do próximo encontro.

Na terceira roda de conversa, percebi desde a chegada que os estudantes se sentiam mais seguros para falar. Já sabiam meu nome, me tratavam como professora, falavam comigo perguntando se estava tudo bem. Em alguns momentos revelaram preocupação com o fato de estar sendo gravada as falas, e eu expliquei a ética desta pesquisa e a confidencialidade. O clima era divertido, com comentários sobre esporte, especificamente vôlei feminino. Aproveitei o assunto para questionar sobre Sexualidade e masculinidades possíveis, com o objetivo de conhecer como os

participantes se relacionam afetivamente e sexualmente e o como gostariam de viver sua masculinidade. Como o boneco já tem um nome, aparência física, acessórios, família e amigos, era o momento de compreender por quem o boneco sente atração física e afetiva? Homem ou mulher? Com quem ele se relaciona? Como ele aprende sobre sexualidade? Quais são as mudanças que acontecem no corpo do boneco? Incentivar o debate como a pergunta: Se ele fosse uma mulher ele poderia ter esse mesmo comportamento?

Essa roda de conversa foi uma escuta coletiva, outros apontamentos e questionamentos emergiram da própria roda em sua dinâmica, havia um roteiro pré-estabelecido embora muito mais tenha sido falado na roda de conversa. Finalizar essa roda foi difícil, extrapolamos o horário e senti que muito ficou por conversar com os estudantes. Encerrei agradecendo e finalizando as rodas de conversa, sem finalizar a conversa. Eles se despediram de mim com um até logo, pró e de Bruninho, com um “a gente se bate por aí, mano”.

#### 4. AS CATEGORIAS DE ANÁLISE: O QUE EMERGIU DAS RODAS DE CONVERSA

As categorias de análise que emergiram das rodas de conversa compõem o capítulo 4 deste estudo de mestrado. Nos títulos, utilizei as próprias falas dos estudantes durante as rodas de conversa.

Diante dos dados das rodas de conversa “[...]a tematização de conteúdo como dispositivo de análise de dados dentro das pesquisas qualitativas.” (FONTOURA; MACHADO; SOUZA. 2020, p.145) apresentou-se como a metodologia de análise para o alcance dos objetivos do estudo.

Para isso foi realizado os passos da tematização de conteúdo: Transcrição textual, texto sintetizado e redução textual a palavras-chave e esses elementos estão relacionados em toda análise das falas emergidas nas rodas de conversa. A transcrição textual das rodas de conversa gravadas em áudio, apesar de demandar tempo, foi um momento importante para refletir sobre as conversas, ouvindo as exposições dos participantes e revendo seus posicionamentos como possibilidades de análise. Após a transcrição textual das gravações, o texto foi sintetizado, pois na roda de conversa a liberdade de falar leva alguns participantes a dizerem muito sobre assuntos do cotidiano que eles chamam de “resenha” entre si que configura um importante ponto de análise. O texto foi sintetizado reduzido a temas e categorias. “[...] organizar, categorizar, sistematizar, analisar e comparar os dados levantados, procedendo à triangulação, discutindo os achados e dialogando com a literatura existente...” (FONTOURA; MACHADO; SOUZA. 2020, p.153).

Os subcapítulos “Pode usar lacinho na brincadeira”: o que a juventude pensa sobre o que é ser homem? ; “Não precisa conversa não, já tá na cabeça do cara”: violência contra as mulheres e “Man, qual foi, viado?”: sexualidade, educação e masculinidade foram elencados com base na organização das falas dos participantes encontrando temáticas e traços comuns entre estas, verificando confrontos e antagonismos de ideias e posicionamentos, organizando-as em três blocos temáticos: Masculinidades, Violência e Sexualidade.

**Quadro 3 - Análise temática: Passo 1**

| <b>Refletir sobre o relato</b>  | <b>Diferença de percepção</b>  | <b>Traços comuns</b>   |
|---|--|--|
| “Que pode usar lacinho desde que seja pai de menina e na brincadeira” | Percepção de existência de objetos, utensílios de meninos e de meninas como opostos.               | Permitido usar coisas que remetem à construção social do universo feminino, desde que condicionado ao ato de brincar |
| “Eu já brinquei de boneca ”   | Relata uma situação como maneira de demonstrar que as brincadeiras de criança não definem um homem |  |

**Quadro 4 - Análise temática**

| <b>Bloco temático da roda de conversa</b>                          | <b>Possível tema</b>   | <b>Possível categoria</b>  |
|--|--|--|
| O que é ser homem/ Papel dos homens nas pautas de lutas feministas | Conceito de homem e papel dos homens na luta pelo fim da violência contra a mulher. Compreender como os participantes se relacionam com outras pessoas, a relação paternal, quem admiram na construção do que entendem por serem homens e mulheres | Masculinidade/Violência/ violência de gênero                     |
| Onde aprendemos a ser homem  | Relacionamento, a relação paternal construção do que entendem por serem homens   | Afetividade e admiração/ construção do conceito de masculinidade |
| Sexualidade  | Relacionamento afetivo e sexual  | Sexualidade e masculinidades possíveis                           |

As conversas foram analisadas nas três categorias temáticas Masculinidades, Violência contra as mulheres e Sexualidade, em que as falas são citadas e analisadas relacionando com os referenciais teóricos buscando compreendê-las no contexto escolar.

#### **4.1 “NÃO QUERENDO SER MACHISTA”: QUEM SÃO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA?**

Neste capítulo falaremos sobre os estudantes, participantes da pesquisa. Os sujeitos do presente estudo são jovens, homens, estudantes do segundo ano do Ensino Médio, com faixa etária entre 16 a 18 anos. Consideramos que os estudantes são atravessados pelas diferenças de gênero, raça/etnia, aspectos econômicos, etc., bem como trazem para o cotidiano da escola diferentes experiências e vivências de masculinidades.

No primeiro momento da pesquisa aplicamos o questionário, previamente elaborado pela pesquisadora, com 12 jovens que se colocaram à disposição para participar desta etapa da pesquisa e são os mesmos que participaram das rodas de conversa. O instrumento é composto por 15 perguntas sobre dados de identificação, informações econômicas e sexualidade.

A maioria dos jovens que responderam ao questionário se encontrava na faixa etária entre 16 e 18 anos; todos se identificam como do sexo masculino. Em relação à identidade de gênero e identidade sexual, os 12 se declararam cisgênero e heterossexual.

Dos 12 jovens, todos moram com a mãe e o pai, ou somente a mãe, 2 deles trabalham em tempo parcial e nenhum declara ter algum tipo de necessidade especial, sendo, portanto, o ambiente familiar e doméstico como forte fator na construção das masculinidades juntamente com outros ambientes.

Com relação às profissões dos pais, foram sinalizadas várias profissões, a exemplo de: revendedora, eletricista, dona de casa, serviços gerais, fazendeiro, bancária, vigilante, contador(a), bombeiro, vendedor, professora, motoqueiro, comerciante e pedreiro. Os dados acima apresentados demonstram que em sua maioria, a escolaridade dos pais é baixa e, apesar de alguns ingressarem no Ensino Superior, as ocupações por eles/elas sinalizadas não requerem exigência de uma certificação universitária.

A percepção de que os participantes da pesquisa são oriundos de famílias de trabalhadores auxilia no entendimento dos posicionamentos dos sujeitos pesquisados pois,

A classe dominante, que detém os meios de produção, acumula a maior parte dos bens geradores de capital e assim promove a desigualdade social. A desigualdade é em grande parte gerada pela

concentração de poder e dinheiro nas mãos dos capitalistas que controlam as nações. (FEREIRA. 61)

Quando perguntados sobre sua cor ou etnia, algumas dúvidas surgiram quanto à opção da resposta, diante disso expliquei que deveriam elencar a cor ou etnia que se identificam. Nesse contexto, 2 não souberam responder, 1 se identificou como amarelo, 1 como branco, 5 se identificam como pardos e 3 como pretos. Compreendo a “identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e diálogos.” GOMES (2002, p.39) Precisando de uma análise específica para entender a relação entre cor/etnia e masculinidade e escola, embora podemos afirmar que “[...] a escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra” (GOMES, 2002 p.39).

Então, podemos afirmar que esse estudo foi realizado com jovens estudantes entre 16 a 18 anos do sexo masculino, heterossexuais e cisgênero, em sua maioria pardos e pretos quase todos residentes da zona urbana do município de Jacobina-Bahia.

#### **4.2 “PODE USAR LACINHO NA BRINCADEIRA”: O QUE AS JUVENTUDES PENSAM SOBRE O QUE É SER HOMEM?**

Esta questão: O que as juventudes pensam sobre ser homem? esteve presente em todo esse processo de pesquisa desdobrando-se em outras perguntas como: O que é ser homem? Mais especificamente, o que é ser homem neste momento para os estudantes em processo de construção de suas identidades? Quais os conceitos de masculinidades estão presentes entre os estudantes participantes deste estudo?

“Pesquisar relações de gênero e masculinidades com jovens na escola constitui um desafio porque não se trata somente de acolher posicionamentos diferentes, mas também, de crenças que fundamentam a construção social e cultural do que é ser homem e ser mulher embasados em fundamentos conservadores e excludentes. No entanto, é também enriquecedor quando o encontro entre as diferentes experiências juvenis potencializa novos olhares, desnaturalizando e fomentando outras construções sobre gênero, pautadas no acolhimento da diferença e da diversidade”. (SANTOS, p.37)

Nas rodas de conversa, a descentralização das falas possibilitou um lugar de fala e escuta contínua, muitas vezes os estudantes ouviam e ao falar citavam o que o colega tinha falado, citando-o e afirmando partilhar da mesma opinião configurando a construção dialógica do conhecimento. Embora alguns tenham falado mais que os outros, nenhum participante deixou de exercer o direito de fala sendo respeitado em seu momento e escutando com atenção a fala do colega, mesmo quando provocava riso coletivo. Além das falas e escutas, os participantes expressavam por meio de risos, olhares, movimento na cadeira ou com objetos como caneta e também com o silêncio.

Durante as rodas de conversa, para que a escuta fosse acolhida sem julgamento, trazia sempre em mente que “As masculinidades e feminilidades são permanentemente construídas e reconstruídas pela cultura formativa e educativa ou pelos valores e referenciais de homem e de mulher construídos na sociedade.” (ABREU, 2019, p.23), ou seja, a maneira de ser homem está em constante construção e envolve o contexto histórico, social e cultural de cada estudante. Os posicionamentos dos participantes da pesquisa são entendidos e analisados como parte da cultura e da sociedade.

O perfil dos participantes é um perfil de jovens estudantes, vivenciando mudanças no seu corpo e nas formas de sentir o mundo. O termo Juventude é entendido neste estudo tendo como referência Abramovay (2015, p. 23):

O termo juventude refere-se a um ciclo ou a um quase não ciclo de vida, definido mais por uma passagem entre a infância e a condição de adulto. Durante esse período, se produziram singulares mudanças biológicas e psicológicas, que derivariam em formas de ser e estar na sociedade e de reagir ou se inserir nas culturas modeladas pelos adultos, em especial os mais significativos – como pais e professores – e por normas sociais estabelecidas.

Compreendo que a definição de juventude está relacionada ao tempo e ao espaço onde vivem os jovens, a questões políticas e culturais da sociedade. Na atualidade, no Brasil, juventude ou jovem compreende a faixa etária entre 15 a 29 anos, segundo a UNESCO (2004). No Brasil, é convencionalmente considerada jovem uma pessoa na faixa etária entre 15 aos 24 anos. Assim, os participantes deste estudo estão na faixa etária entre 16 e 18 anos e são considerados jovens, por isso as vezes os chamo por meninos por considerar o termo homem mais apropriado para adultos. Abramovay (2015) lembra que a sociedade nos apresenta uma diversidade de

juventude que em suas práticas que possuem diferentes modos de interagir, de viver, com marcadores sociais de raça, classe, gênero. O termo “juventudes” no plural contempla as múltiplas diversidades existentes na juventude, as desigualdades sociais e a necessidade de uma articulação entre as políticas públicas e educação para as juventudes.

Além das alterações físicas e psicológicas, como “mudanças no corpo” onde alguns cita que: “achei estranho os pelos crescendo” ou não se sentiram confortável “não gosto de pelo no corpo, odeio, se pudesse tirava tudo”, “onde eu puder rapar eu raspo”, “eu acho pêlo no corpo feio, parece um lobisomem”, que aspectos da infância vão ficando para trás, “minha mãe falava assim :o menininho cresceu” e “a voz ficou grossa, era fininha” comparando algumas vezes com “as mudanças nas meninas são mais atrás, com 10 ou 11 anos, e são mais expostas, vê logo que já é uma mulher” e entendem que “a mulher cresce mais rápido que o homem”, “até mentalmente, homem é zoada até morrer”, “menino se comporte igual gente”. A juventude vivencia um momento importante de construção do que é ser homem.

A construção do significado de masculinidade entre as juventudes é algo social e histórico, “ao se identificar como homem ou mulher, o indivíduo não apenas auto identifica como também se identifica com um grupo de pessoas que compartilham a mesma categoria de pertencimento” (WANG; JABLONSKI; MAGALHÃES ,2006 p.43.) Assim, a construção para se tornar um homem é pessoal e coletiva, pois a masculinidade se revela nas práticas das ações sociais (Connell & Messerschmidt, 2005). A masculinidade não é uma questão que diz respeito só ao homem. O homem é individualmente aquilo que se constrói na coletividade. (Freitas, 2021, p.107).

A construção da masculinidade começa com algumas negações nas falas dos participantes: “não querendo ser machista, mas homem que é homem não usa essas roupas curtas ou saia de mulher não”, aponta, antes de citar aspectos do universo masculino para compor o boneco de pano Bruninho e justificando a escolha da camisa de time em oposição à blusa de tomara que caia. Em outra fala de um dos participantes da pesquisa evidencia a noção de masculinidade como a negação de desejo sexual por outros homens e a necessidade de esconder os sentimentos tão comuns aos seres humanos: “Para ser considerado homem preciso esconder sentimentos e gosto sexual por outros homens”.

Um outro participante relatou o que compreende por ser homem: “Na sociedade, os homens são aqueles que praticam relação com outro gênero”, compreende que ser homem está relacionado com a sexualidade, com o gênero que se relacionam, partilhando uma noção de masculinidade em que o gênero e a sexualidade se diluem.

Ao relatar “que pode usar lacinho desde que seja pai de menina ali na brincadeira, dentro de casa, na rua não”, expressam uma percepção de existência de objetos, utensílios de meninos e de meninas como opostos sendo permitido usar coisas que remetem ao universo feminino desde que condicionado ao ato de brincar. “Eu já brinquei de boneca, quando era criança, eu brinquei uma vez com as bonecas de minha irmã, escondido da minha mãe e do meu pai”. Essa compreensão de coisa de menino e coisa de menina limita as possibilidades dos sujeitos vivenciarem as dimensões e diversidades do gênero, da sexualidade e da masculinidade.

Analisando essa fala, podemos perceber que nessa situação os participantes da pesquisa demonstram que as brincadeiras de criança não definem um homem, embora França (2018, p.94) aponte que “brincar potencializa as aprendizagens do ser homem e do ser mulher”. O que torna homem de acordo com o relato dos estudantes são especificidades como “Jeito de sentar, homem tem um jeito de sentar diferente de mulher”, que embora “Não sei nem explicar, dá pra identificar um homem, quando você vê o pescoço, o rosto”, ser homem remete a um universo particular onde existem determinados “Têm sinais, tem gestos, tem a voz” “se você tiver uma irmã seu quarto vai ser azul e o dela rosa” “no chá revelação, é rosa ou azul”.

“Tem as características físicas, o corpo do homem é diferente do corpo da mulher” e apontam para além de aspectos físicos, “A personalidade que identifica o homem”, que para ser homem “tem que ter muita coisa”. Ainda ressaltam que “O homem pode até fingir ser mulher” e que “Já vi mulher vestida como homem, mas dá pra saber que é homem, tem um jeito de homem”.

Um dos participantes em sua fala aponta para o estranhamento causado quando os papéis de gênero são invertidos, sugerindo a existência de um problema, quando aquilo que foi construído socialmente é interrompido numa possível desconstrução do que se convencionou ser jeito de vestir de mulher e jeito de vestir de homem: “A namorada do cara veste blusa de time do namorado, ai pode” eles até

falam que acham bonito quando isso acontece, porém o “problema é quando o cara quer vestir as roupas da namorada”.

Se existem roupas de menino e roupas de menina, então os espaços escolares também são organizados de acordo com o gênero dos estudantes como observa Silva (2018):

Neste mundo dividido também pelo gênero, cada um tinha seu lugar. Havia um lugar para o homem e havia um lugar para a mulher. Um lugar para o menino e outro para a menina. E que, na escola, o lugar da menina era a sala de aula e o do menino, o pátio. O perigo é, portanto, o fato de que esses verbos no passado usados nas últimas frases não ficam apenas no passado. (SILVA, 2018 p.18)

Quando questionados sobre as atividades extraclasses, os estudantes responderam que “as atividades são sempre mista” e quando usam a quadra esportiva, eles relataram que “se as meninas quiserem brincar, porém, chamar a gente não chama não, se elas chegarem junto a gente deixa de boa”, numa clara contradição de atividade mista e da dificuldade de envolver as meninas nas atividades esportivas junto com os meninos, pois “há constantemente uma valorização do masculino em detrimento do feminino no ambiente escolar. Isso faz parte de uma norma, de algo considerado normal” (SILVA, 2013, p.39).

O assunto girava a roda de conversa em torno do futebol masculino, percebi que eles consideram que a escola é boa “no dia do baba, é o melhor dia, a gente espera o dia do baba, é muita resenha” e já falavam de alguns ídolos do esporte, questionei quem eles admiram, quem são referências na sua vida, os estudantes quase unanimemente citaram o jogador de futebol Neymar. Essa questão segue a lógica de que buscamos inspirações para construir nossas referências no percurso da existência. Ao citarem o jogador Neymar, eles justificaram que o jogador mantém projetos sociais que ajudam muitas pessoas, que ele é uma pessoa que “veio de baixo”, conquistou muitas coisas com seu talento e tem se mostrado um bom pai. Também fizeram questão de salientar que o admiram enquanto jogador e reconhecem que ele não tem um comportamento adequado devido às frequentes aparições nas mídias sociais por causa de seus relacionamentos afetivo-sexual. Um dos participantes citou a frase “Errei, fui moleque” que teria sido dita pelo jogador Neymar em uma declaração sobre um dos seus relacionamentos com suspeita de traição.

É preciso no primeiro momento estar disposto a escutar as juventudes, os seus modos de pensar e fazer-se presente no cotidiano escolar. Pesquisar

com jovens é um convite a despir-se dos modos do ser adulto e se permitir ser interpelado pelas vozes, expressões e culturas juvenis, considerando que as juventudes constituem um momento singular na vida, com valor em si mesmo. (SANTOS, 2019, p.37)

Um dos participantes citou: “Meu pai, meu avô” como referências na sua construção do que compreende por ser homem. França (2018) considera que é no ambiente familiar onde acontece o processo de construção da ordem de gênero, sendo nas aprendizagens no seio da família em especial através da figura masculina do pai que os conceitos de masculinidade hegemônica são fertilizados.

Um outro falou ser “Minha mãe, que é meu pai e mãe”, nesse momento houve um silêncio total na sala, uma espécie de reconhecimento pelas mulheres que fazem o papel de pai e mãe em muitas famílias brasileiras.

Ser homem, na sala de aula, pode significar, para o menino, uma necessidade imposta pela sociedade, “o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade”, ou seja, sua condição de ser homem; homem aqui entendido como heterossexual, dono de uma masculinidade hegemônica que se distingue de outras formas de ser homem, ou de outras masculinidades. (SILVA, 2018, p.15)

Em uma das falas evidencia o papel construído em torno do homem enquanto “Ser guerreiro, saber evitar problemas e resolvê-los”, “Ter uma personalidade forte” “Manter a postura masculina”, “Ter personalidade alfa, bruta”, “Personalidade masculina”, o que confirma os conceitos de masculinidade hegemônica, “ideias que legitimam um único modelo de masculinidade, a hegemônica nos padrões da heteronormatividade.” (FRANÇA, 2018 p.162)

A visão de homem como o provedor, que resolve os problemas, que tem que ser forte, bruto e alfa continua forte no imaginário associando à ideia de verdadeiro homem a adjetivos como força, brutalidade e vigor. Esses termos são considerados quase como sinônimos de masculinidade, como se ao falar “postura masculina” e “personalidade masculina” já incorporasse um conjunto de ideias próprias e essa definição não precisasse ser explicada por pertencer a um conjunto de códigos do contexto patriarcal: “Mesmo nos tempos atuais, a *construção* dos indivíduos do gênero masculino ainda é pautada fortemente nos valores fundamentais da sociedade patriarcal.” (COSTA, 2016, p.11).

E para manter essa imagem de homem, há uma busca por ocultar “sentimentos e emoções”, bem como esconder “seu lado fofo” que seria o oposto daquilo que

precisam demonstrar para serem lidos socialmente como homens. Ao esconder a “Masculinidade frágil”, os meninos são desumanizados numa tentativa de tornar-se homem, destituindo das características fundamentais apreendidas socialmente na infância e incorporando atitudes condizentes com seu conceito de homem.

“O comportamento que a maioria das culturas e das sociedades costuma definir- e, conseqüentemente, reforçar - para os homens como adequadamente masculino é construído por meio de um conjunto de manobras de defesa: temor às mulheres; temor à expressão de qualquer tipo de feminilidade, particularmente sob a forma de ternura, de passividade, de dependência ou mesmo de cuidados dispensados aos outros; e, evidentemente, temor a ser desejado por outro homem ou de desejá-lo. Isto é, as atitudes do homem comum podem ser assim descritas: ser grosseiro, fanfarrão e briguento; tratar com violência e tornar as mulheres seus fetiches; buscar amizade apenas dos homens, mas odiar, desprezar e maltratar os homossexuais; falar rudemente; desconsiderar as atividades das mulheres.” (COSTA, 2016, p.5).

Alguns citaram as questões biológicas como maneira de definir o que é ser homem: “Ter órgão genital”, “Ter órgão genital masculino”. Mas não podemos esquecer que “O menino não é apenas um corpo que biológica ou fisiologicamente é tido como tal, como um menino. Ele é isso também, mas não apenas isso. Ele é o que se diz dele. O que é ser um menino? É muito mais do que ter um corpo reconhecido como um corpo de menino. É, ao fim e ao cabo, tudo aquilo que se diz que um menino é.” (SILVA, 2018, p.35). As características biológicas são usadas muitas vezes como argumentos para a disseminação de práticas de desigualdade de gênero. As diferenças biológicas existem, sim, mas não devem ser argumentos para manutenção de desigualdades.

A masculinidade hegemônica tem como fortes características aspectos como virilidade, força e heterossexualidade reproduzida em comportamentos e discursos, na maneira como vivenciam sua sexualidade e as possibilidades da masculinidade, isso foi evidenciado quando um dos participantes falou sobre seu desejo enquanto homem é: “Andar em um carro a 200 km, viver intensamente com muita adrenalina, dinheiro e mulheres.”

O que os estudantes pensam sobre ser homem correspondem aquilo que é apreendido e ressignificado a partir das vivências possibilitadas tanto na vida social

quanto no ambiente escolar. Percebido isso, essa pesquisa ao elaborar uma proposta de produto em formato de curso de extensão visa ampliar as discussões proporcionando aos participantes a percepção de formas múltiplas de ser homem e das possibilidades de convivência com as diferentes maneiras de viver as masculinidades.

#### **4.3 “NÃO PRECISA CONVERSA, NÃO, JÁ TÁ NA CABEÇA DO CARA”: VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES**

Historicamente, as relações de gênero são atravessadas por paradigmas sobre os papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres, que reverberam em preconceitos, discriminações e desigualdades, bem como em expressões de violência contra a mulher, nos diversos contextos sociais. (SOMBRA 2021, p.1)

A ONU-Organização das Nações Unidas considera fundamental “eliminar todas as formas de violência contra as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas”, previsto na (ODS) 5-Igualdade de gênero. A violência contra as mulheres é considerada um grave problema de saúde pública conforme aponta SOMBRA; LEONARDO (2021) e a desigualdade entre os gêneros homem e mulher, construída historicamente, revela-se como um dos principais fatores a desencadear a violência contra as mulheres.

As violências diversas que são submetidas as mulheres, são cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher na Lei Maria da Penha: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial – Capítulo II, art. 7º, incisos I, II, III, IV e V e atingem mulheres de diferentes culturas, classes sociais, raças e etnias, não isentando nenhuma da possibilidade de ser vítima de algum tipo de violência, somente por ser uma mulher.

Apesar da existência de leis como a Lei 13.104/2015 (Lei do Feminicídio) e a Lei nº 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), as violências contra as mulheres persistem, sendo a própria existência da lei um indício de que algo não vai bem na sociedade e faz-se necessário um sistema de punição. As importantes leis de proteção às mulheres vítimas de violência colocaram no plano público uma violência doméstica, privada, ocultada no espaço particular dos lares.

Entende-se que a desigualdade de gênero seja passível de desconstrução, o que evidencia a necessidade de se promover reflexões sobre as relações sociais entre homens e mulheres, visando à sua ressignificação e, conseqüentemente, à promoção da equidade de gênero. (SOMBRA; LEONARDO, 2021, p.4)

Para além de mecanismos de lei, precisamos de educação. Uma educação que incorpore em suas práticas maneiras de educar para a equidade de gênero e para que possamos viver como disse um dos participantes da pesquisa: “Gostaria de viver em uma sociedade neutra, sem assédios ou feminicídios”, evidenciando que a luta pelo fim das violências contra as mulheres também é uma luta dos meninos que se tornaram os homens da nossa sociedade. Essa fala demonstra uma consciência de que os meninos também são vítimas de assédio e violência sexual. Um crime subnotificado ainda e de acordo com a revista FAPESP (2024):

No Brasil, 9,4 milhões de pessoas sofreram violência sexual alguma vez na vida; dentre elas, está 1,8 milhão de meninos e homens, segundo a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2022, elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>6</sup>.

Embora violência de gênero e sexual não seja exclusiva das mulheres e das ausências de notificação quando acometem os homens, são elas as maiores vítimas. Quando na primeira Roda de Conversa, os participantes leram as notícias impressas sobre violência contra a mulher, um deles argumentou que “os dados não veem o lado dos homens que apanham” e um outro participante interferiu explicando que “o número de homens que apanham de mulher não chega a 1% de casos”. Um outro participante falou que: “E que os homens têm vergonha de falar e de denunciar que apanha ou que sofre abuso”, confirmando que eles têm conhecimento sobre a falta de notificação de casos quando as vítimas são homens.

Durante a leitura das notícias foi possível perceber o movimento dos corpos dos participantes, demonstrando um certo incômodo, se mexiam na cadeira, ou liam e questionavam se a notícia era verdadeira.

Quando questionados sobre a sensação ao ter conhecimento dos casos de violência contra a mulheres, alguns falaram sobre a “sensação de vergonha com tanta violência” e “uma certa sensação de culpa pelas mortes”.

---

<sup>6</sup> Fonte: <https://revistapesquisa.fapesp.br/violencia-sexual-contrahomens-e-subnotificada>

Demonstraram-se surpresas com o número de feminicídio na Bahia. Em 2023 foram 108 feminicídios registrados, segundo dados da Rede de Observatórios de Segurança e diante dos outros casos que e relatam “o número é alto de violência e assédio contra as mulheres, né”. Todos sabiam o que significa feminicídio e reconheceram que alguns homens são violentos, apesar de citarem que “Acho de boa terminar o relacionamento” sabemos que o homem é induzido a manifestar constantemente sua masculinidade, frequentemente através de atitudes e de comportamentos violentos” (COSTA, 2016, p.16).

Quando falamos de assédio, eles citaram casos que presenciam na academia e de um acontecimento na escola onde estudam quando um professor foi acusado de assédio pelas alunas, e a forma deles participarem foi apoiando os protestos e assinando o abaixo-assinado para afastar o professor.

“Lá na rua que meu pai trabalha é uma buzina doida o dia todo quando passa uma mulher”, esse foi o relato de um dos participantes da pesquisa sobre situações de assédio que ele presencia no cotidiano, explicando que mora próximo de um ponto de moto táxi e quando “passa uma mulher os caras ficam doido, olhando, dá psi, fala piada, assedia mesmo” e que outros homens ao passarem de carro buzina. Um outro participante perguntou se ele não fala com o pai e ele justificou que “falo nada, velho é cabeça fechada não vai mudar não, é de outro tempo”, expressando que o diálogo é impossibilitado pela crença de que a partir de uma certa idade já não se muda de atitude. As juventudes atualmente se apropriam das discussões de gênero de forma diferente da geração de jovens da década passada e, em sua maioria, se colocam contrárias à defesa do retorno do conservadorismo. (SANTOS, 2019 p.131)

Uma clara tentativa de se distanciar das práticas machistas evidenciando que os jovens compreendem que essas práticas ainda acontecem e não condizem com o cenário desta geração.

Essa crença de que as práticas machistas não são possíveis de serem mudadas esteve presente em outros momentos da roda de conversa. Apesar de eles saberem que a maioria dos casos de feminicídio acontecem com a não aceitação do parceiro/companheiro da vítima do término do relacionamento afetivo/sexual e considerarem de “boa terminar o relacionamento, acabou, acabou, a fila anda”, acreditam que essa pauta: “Oxe, nem precisa conversa, não, já tá na cabeça do cara isso aí” e que ao cometer o feminicídio o autor “faz quando tá alcoolizado essas coisas,

perde a cabeça” e “Bebe pra tomar coragem, sem beber não faz nada não”. Atualmente, têm sido noticiados diversos casos de feminicídio e no Brasil os índices desse tipo de violência têm crescido nos últimos tempos, evidenciando que os responsáveis pela violência são os seus próprios parceiros.

Há uma contradição nos discursos, pois quando questionados sobre o que eles como meninos e futuros homens podem fazer para contribuir para o fim da violência contra as mulheres eles citaram que além de “não cometer o crime”, podem “Tentar aconselhar os amigos” e afirmaram que “A gente fala entre a gente, conversa, resenha” sobre os casos quando acontecem próximo ou quando tem grande repercussão midiática.

Os participantes demonstraram durante a roda de conversa que reconhecem o papel fundamental da educação na contribuição de sua formação enquanto cidadãos e enquanto possíveis aliados na luta pelo fim das violências que acometem as mulheres que é uma das pautas mais importantes dos movimentos feministas, embora ainda prevaleça um imaginário de que as violências de gênero e sexuais são atos de uma outra geração: “Na nossa geração não acontece, porque tem mais aprendizado que antigamente”, o que não é confirmado diante dos dados de violência apresentados durante as rodas de conversa, somente em 2023, a Bahia registrou 108 feminicídios.”<sup>7</sup> Pensar assim é desconhecer e minimizar a luta das mulheres pela vida, dos movimentos feministas pelo país, das constantes denúncias de crimes que afetam as mulheres, pensar assim não contribui para construir uma sociedade com equidade de gênero, pois antes de qualquer pauta feminista de luta vem a luta pela vida, pelo direito de existir. Cabe a escola também desconstruir essa visão reducionista e negacionista de que a violência contra as mulheres é uma prática de gerações passadas. As juventudes tem um papel fundamental na luta pela equidade de gênero, pelo fim do machismo, nas pautas feministas e na sociedade com respeito e dignidade para as mulheres de todos os lugares do mundo. Pensando nisso, pretendo problematizar essas questões no curso de extensão: vamos conversar: masculinidades, gênero e sexualidade em pauta.

---

<sup>7</sup> Fonte: Rede de Observatórios de Segurança

#### 4.4 “MAN, QUAL FOI, VIADO?”: SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO E MASCULINIDADE

Durante todas as rodas de conversa, na permanência dos espaços da escola, *locus* da pesquisa, ou observando as conversas dos meus filhos e dos amigos deles, percebi que os meninos desta geração estão se tratando amigavelmente de “viado”. O uso do termo, neste momento e nestas situações, que pejorativamente remete ao homem homossexual, não causa constrangimento e nem ofensa, tem se tornado um tipo de gíria de tratamento a exemplo de: “ei, viado, me passa a caneta!” ou “Fala aí, viado”.

De acordo com Wikipédia, o termo viado, gíria e pejorativo define o que “é próprio de homossexual ou do sexo masculino, e compreendendo que “a cultura opera com seus dispositivos para regular, estigmatizar e penalizar os corpos que não se inscrevem nas normas da sociedade heterossexista. (FRANÇA, 2018, p.166)

O uso do termo mesmo que na brincadeira pode revelar uma tentativa de disfarçar o preconceito com aqueles que subvertem a ordem heterossexista e heteronormativa: a pedagogia da heteronormatividade consiste na reprodução de saberes sobre o sexo pautado na visão binária, biologizante e higienista, sem apresentar as diversas formas de viver as sexualidades. (FRANÇA 2018, p.33)

Não dá para afirmar se a disseminação do uso do termo viado é apresentado sem a carga negativa que acompanhou o termo e ainda segue relacionado à homossexualidade, já que o próprio uso da palavra viado é pejorativo quando o correto para se referir a pessoas que sentem atração física, afetiva ou sexual por pessoas do mesmo sexo é “homossexualidade ou homossexual”.

Tendo em vista o tom de descontração, brincadeira e como eles dizem “resenha”, também não dá para saber nesse sentido se estamos vivenciando uma geração com liberdade de expressão, respeito à homossexualidade ou aceitação da masculinidade subalterna, a “masculinidade subalterna é aquela que foge ao padrão estabelecido culturalmente como “normal” que foi convencionado pela cultura patriarcal para as representações sociais dos homens”. (FRANÇA 2018, p.143) citando CONNEL (2013), o que é possível afirmar é que por meio das brincadeiras os meninos afirmam, reafirmam ou negam sua masculinidade nos espaços de socialização em que vivenciam.

Essa percepção se configura importante já que acontece no ambiente escolar e “A escola é, para esta pesquisa, o lugar do acontecimento. É preciso que se diga isso: tudo isso faz sentido no ambiente escolar. É nele que se observou; é nele que se fez pesquisa; é nele que se encontram os personagens deste trabalho” (SILVA, 2018, p.18) e é na escola onde “Várias pesquisas realizadas sobre as questões gênero e sexualidades na escola revelam que existe um tabu e uma segregação das pessoas com práticas sexuais que fogem ao estabelecido pela heteronormatividade. (FRANÇA, 2018, p.149).

Esse termo reapareceu na roda de conversa quando eles descreveram com detalhes um conflito ocorrido no espaço da escola “teve uma briga esses dias” falou um deles embora ressaltando que “o comportamento dos meninos é mais comentado que o das meninas” como se houvesse uma divisão sexual no tratamento dos conflitos no ambiente escolar. Um outro logo respondeu “entre meninas e um “viado”. O uso do termo aqui se refere claramente “àqueles homens que não representam a virilidade nas suas práticas sociais ou que se aproximam das performances femininas”. (FRANCA, 2018, p.143)

Quando um dos participantes ressaltou que a briga foi entre meninas e meninas, um outro retrucou rapidamente: “ele fala que ele é menina quem sou eu pra dizer que não é?”, “ele tem bigode daqueles policiais que batem” .

A escola que historicamente atua nas práticas disciplinadoras responsáveis por impor limites, reforçar a repressão é também o espaço da diversidade de corpos, de identidade de gênero e sexual. Os estudantes heteronormativos, conforme identificação no questionário aplicado no primeiro momento da pesquisa, relacionam com aqueles que apresentam uma masculinidade tida como transgressora numa relação de distanciamento tanto que eles não sabem nem o nome próprio do estudante, o tratamento como um personagem, apesar de afirmarem que “a escola trata ela de boa” ao mesmo tempo relatam que “a escola não toca no assunto, todo mundo é amigo, brinca junto”.

Nas falas deles apareceram relatos do tipo: “relacionamentos afetivos com mulheres”, “gosto do sexo oposto”, “Boiceta gênero fluido, uma mulher cheia de tatuagem na cara, que se considera homem”, “Homem que se veste de mulher e pega um homem que também se veste de mulher”, [risos] “no Tik Tok tem tudo”, se referindo a uma plataforma virtual de vídeos.

Os participantes da pesquisa relataram que o clima na escola é positivo e que os “professores são de boa”, embora considerem que “o que estraga a escola são as regras, vir de calça num calor desse”, “devia ter videogame na escola”, “poderia liberar pra vir de chinelo” também confirma que a escola realiza atividades sobre sexualidade, “tem palestra, debate sobre gênero e sexualidade na escola”.

De maneira muito natural eles falam de seus relacionamentos afetivos heterossexuais, afirmando que entre eles meninos a relação “entre a gente é suave”, que “a gente se cumprimenta, mas não do jeito das meninas”, “quando tá muito tempo sem se vê dá um toquinho de mão de leve, um abraço é escondido”, “Quando ficam triste? “a gente não fica triste, a gente faz resenha, zoa e esquece, não tem como ficar triste, não”, “quando tô triste os caras animam, joga um Fifa e esquece.”

Para Soares (2019), o modo como os jovens vivenciam seus relacionamentos afetivos e sexuais está relacionado com as possibilidades e os limites de viver as masculinidades em uma sociedade que ainda considera produz práticas e discursos heteronormativos.

A representação de afeto entre os meninos busca diferenciar-se da forma de demonstração de afeto entre as meninas, entre os meninos o tratamento exalta uma certa agressividade. Um dos participantes da pesquisa falou assim “relaciono com homens só no murro” numa confirmação da diferença entre as forma de relacionamento afetivo que é estabelecida por eles de acordo com o gênero .Tendo em vista essa fala com tom de agressividade podemos ressaltar que “[...] alguns estudiosos de gênero explicam a agressividade masculina, o medo da intimidade e a homofobia como tentativas desesperadas de garantir a masculinidade tão arduamente conquistada”.(BORIS;BLOC.20, p.49.), compreendemos que a fala do participante exalta a defesa da sua masculinidade ao limitar as possibilidades de relacionamento. Compreendendo a narrativa dos estudantes “como sujeitos de uma cultura heterossexual reproduzem, apenas, os próprios significados e representações que discursivamente produziram suas subjetividades, e, concomitantemente, seus valores, seus olhares, suas convicções, sua posição de sujeito” (SANTOS, 2013, p.139), não cabe julgar fora da ótica de um sistema patriarcal e heteronormativo que sistematiza e influência nas ações.

Analisando as narrativas dos jovens pesquisados, problematizo as construções feitas por eles sobre como aprendem sobre sexo enquanto ato sexual. Todos os

estudantes pontuaram que conversam entre eles sobre sexo e sobre prevenção de IST- e que “a gente aprende com os manos” e “a gente conversa”. Alguns falam que através de filmes adultos sobre pornografia também apreendem sobre o assunto, embora reconhecem o lado negativo dos filmes “já tirei os filmes pornográficos da minha vida”, consideram o hábito de ver filmes pornográficos “é um vício”, “filme, filme não vi”, “filmes que mostram o peito, a bunda, pra cá pra trás”.

As representações sociais dos comportamentos historicamente atribuídos ao masculino e ao feminino repercutem na escola, reproduzindo e naturalizando a desigualdade de gênero nas relações sociais entre homens e mulheres, e, conseqüentemente, perpetuando os padrões de masculinidade hegemônica no espaço escolar.” (SOMBRA; LEONARDO, 2021, p.6)

Essas representações são aprendidas em diversos espaços. Um dos participantes citou que “a gente vê os héteros nas novelas, filmes, na igreja, esses são exemplos de momentos em que os comportamentos de homens e mulheres são ensinados mesmo que de maneira subliminar.”

Um participante disse que ouvia frequentemente do seu pai que “se eu não crescer homem ia me capar” e ser homem nessa expressão significa “se não gostasse de mulher”, ilustrando bem a obrigatoriedade de ser hétero e de como isso é entendido como ser homem. A maneira como o ambiente familiar influencia na construção do que é ser homem apareceu também quando foi citado que os pais permitem que eles transitem em alguns aspectos do que consideram feminino, mas estabelecem limites por exemplo “deixar o cabelo crescer eles deixam, só não deixa colocar brinco”.

## **5. VAMOS CONVERSAR?: PROJETO DE EXTENSÃO**

Torna-se pertinente citar Adiche Chimamanda (2017), quando nos diz que é preciso educar crianças feministas, e acrescenta que um dos pontos fundamentais para ensinarmos as nossas crianças e jovens é sobre os privilégios e as desigualdades que se encontram assentadas na nossa cultura e hierarquizam as relações de gênero, por isso, faz-se importante agir na educação.

Visando contribuir com o debate de gênero, masculinidades e sexualidade na escola e em espaços não formais, a proposta busca ampliar o diálogo com os relatos e falas emergidos das rodas de conversa usadas como metodologia dessa pesquisa.

O Mestrado Profissional, enquanto campo de produção de conhecimento que acontece no espaço profissional docente visa responder às questões problematizadoras suscitadas na pesquisa. Além de ser um campo teórico, tem seus desdobramentos práticos por propor que “os discentes precisam desenvolver um Produto/Processo Educacional (PE) que necessita ser aplicado em um contexto real, podendo ter diferentes formatos”. (RIZZATTI *et al*, 2020, p. 02).

Um produto com caráter colaborativo que proporcione a continuidade da aproximação do campo teórico com a prática, assim sendo, a atividade de intervenção escolhida para ser desenvolvida foi um curso de extensão com rodas de conversa de formação pedagógica pensada a partir das percepções e concepções apreendidas nas rodas de conversa durante o campo de pesquisa e produção dos dados analisados.

A discussão da temática é direcionada aos professores, professoras e demais profissionais ligados à educação, aos estudantes do Ensino Médio, aos participantes da pesquisa e também a comunidade e organizações. O objetivo é possibilitar a ampliação do debate e promover conversas sobre esse assunto, suas problematizações e desdobramentos e para interessados de diversas faixas etárias e níveis de ensino.

O curso de extensão intitulado “Vamos conversar? Masculinidade, gênero e a sexualidade em pauta” é parte da ideia das possibilidades de recriar e reinventar as discussões com diversos recursos criando um ambiente de discussão e aprendizado, conforme descreve Anastasiou e Alves (2004) quando dizem que:

“É lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, favorecido pela forma horizontal na qual a relação humana se dá. Pode-se lançar mão de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo, experiências práticas, enfim, vivenciar ideias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva.” (ANASTASIOU e ALVES, 2004, p. 96)

Tendo em vista o caráter colaborativo e participativo da pesquisa, a proposta parte das demandas percebidas no caminho da pesquisa, valorizando os anseios de forma coerente e democrática, propiciando um ambiente de discussão, com troca de conhecimentos, enriquecendo o debate sobre os temas, minimizando preconceitos e formulando práticas pedagógicas. Essas questões não envolvem apenas conhecimentos específicos sobre os conceitos históricos, mas como diz Louro (2004), envolve um posicionamento político, pois necessitam ultrapassar as fronteiras da

formação profissional e saberes didáticos, sendo uma tomada de partido, um posicionamento diante do tema.

É fundamental também nesse processo de construção do conhecimento que configura a proposta, que os estudantes tenham espaço e lugar de fala, para expor suas narrativas e silenciamentos, com acesso a informações de fontes seguras sobre os temas para fortalecer o diálogo e minimizar preconceitos que envolvem a questão construindo assim suas identidades de gênero e sexualidade, em um ambiente de escuta e acolhimento.

O objetivo da proposta do curso de extensão “Vamos conversar? Masculinidade, gênero e a sexualidade em pauta”, é fomentar discussões e colaborar com a elaboração de mecanismos que possam ampliar a participação dos estudantes homens nas discussões e debates acerca das masculinidades, gênero e sexualidade. Pretendemos realizar as rodas de conversa nos espaços escolares e não-escolares ampliando o conhecimento e produzindo mecanismos de ampliação das discussões das rodas de conversa.

Partindo dessa perspectiva, a proposta presente em formato presencial, podendo ser adaptado para o formato on-line. Sua dinâmica foi estruturada para ser desenvolvida em eixos de discussão com duração de uma hora cada encontro, sendo que a cada mês serão disponibilizadas 8 horas de discussão presencial e/ou on-line em diferentes espaços. A proposta foi planejada para ser desenvolvida durante os anos de 2025 e 2026.

Esse curso de extensão “Vamos conversar? Masculinidade, gênero e a sexualidade em pauta” com enfoque no diálogo e na participação baseado nas vivências dos sujeitos, valoriza suas histórias de vida, conhecimentos e experiências e usa como metodologia jogos, dinâmicas e músicas. Os conteúdos seguem elaborados de acordo com a conscientização relacionada à temática de cada mês, considerando que nesse momento há uma espécie de colaboração para a tratativa do tema devido a divulgações nas ruas, mídias sociais e canais de comunicação, o que, possivelmente, promove uma sensibilização em torno do tema, potencializando as conversas.

### **Conteúdos:**

- Fevereiro Não é não: Respeita as minas.

- Maio laranja: Combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes.
- Maio vermelho: Visibilidade menstrual e Luta pela saúde da mulher.
- Junho arco-íris: Mês do orgulho LGBTQ+: Heteronormatividade, Identidade de gênero e sexual.
- Julho das pretas: Raça, gênero e sexualidade.
- Agosto mês dos pais: Como educar crianças feministas?
- Setembro Amarelo: “Um homem também chora”: o estigma masculino.
- Novembro negro: Masculinidade e raça

Esse curso de extensão pode ser aplicado ao longo do semestre letivo nas unidades escolares ou em instituições de educação a distância, em espaços não escolares, como comunidades rurais, associações, movimentos sociais, organizações civis.

As atividades do curso de extensão “Vamos conversar? Masculinidade, gênero e a sexualidade em pauta” será transformada em uma cartilha com ilustrações garantida uma identidade visual. A versão impressa e on-line será entregue a escola onde a pesquisa foi realizada e disponibilizada para os professores e professoras para que seja usada e consultada quando julgar necessária. O material continuará aberto a sugestões de matérias e atividades, podendo ser alterado e adaptado a realidades no qual o projeto acontecerá, no decorrer da execução das ações e atividades. Isso garanti a aplicabilidade da proposta bem como o respeito as especificidades locais. Por envolve um planejamento e pesquisa visando uma execução com possibilidades reais de aplicação nas escolas pode ser incorporada nas disciplinas curriculares com discussões em sala de aula e também possibilita ser executada as ações em momentos eventuais e datas comemorativas além de ser viável em ambientais não-formais. Sendo assim, as atividades de extensão da proposta : Vamos conversar “Masculinidade, gênero e sexualidade em pauta” corresponde aos anseios, questionamentos e discursões iniciadas e percebidas durante o percurso da pesquisa e busca fomentar de maneira efetiva as discussões de gênero, masculinidades e sexualidade na sociedade.

**Quadro 5** - Cronograma do curso de extensão

| <b>Cronograma 2025/26</b> | <b>Fevereiro</b>  | <b>Maio</b>   | <b>Maio</b>                              | <b>Junho</b>  | <b>Julho</b>                                 | <b>Agosto</b>                    | <b>Setembro</b>  |
|---------------------------|-------------------|---|--|---|--|----------------------------------|--|
| <b>Tema</b>               | Respeita as minas | Combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes | Visibilidade menstrual e saúde da mulher | Mês do orgulho LGBT+: Heteronormatividade, Identidade de gênero e identidade sexual | Julho das pretas: gênero, sexualidade e raça | Como educar crianças feministas? | Setembro Amarelo: “Um homem também chora”: o estigma masculino |
| <b>Carga Horária</b>      | 8 h/mês*          | 8 h/mês   | 8 h/mês                                  | 8 h/mês   | 8 h/mês                                      | 8h/mês                           | 8 h/mês  |

OBS: \*8 horas mensais refere-se ao conjunto das atividades de planejamento, organização, pesquisa, confecção de material e execução das ações.

## **Tema: FEVEREIRO NÃO É NÃO: Respeite as minas**

**Público-alvo:** Adolescentes, pais, educadores e comunidade em geral.

**Cronograma:** Fevereiro de 2025/2026

**Objetivo Geral:** Discutir consentimento, violências sexuais e fomentar práticas de respeito entre os participantes.

**Objetivos específicos:**

- Pensar sobre as formas de assédio sexual na sociedade;
- Conhecer o que é consentimento;
- Entender o sentido de não e de sim no consentimento;
- Compreender os tipos de violência e como combater;
- Aprender como denunciar;

**Conteúdos:**

- Conceito de Consentimento (definições de Oxford Languages);
- Projeto de lei 228/23;
- O que diz as leis hoje?
- Os tipos de violência
- Não é não: Diferença entre assedio, estupro e importunação sexual;

- Disque denúncia.

## **Metodologia:** 02 Rodas de conversa

### **Roda de Conversa 1**

- Perguntar aos participantes o que eles entendem por consentimento; Anotar em um cartaz e expor.
- Levar as situações problema impressas ou exibir no datashow e dividir a turma em grupos pedindo que eles pensem em soluções para a situação (sugestões de situações estão no anexo de atividades do livro Tuca e Juba).
- Cada grupo apresenta oralmente sua solução; explicar o conceito de consentimento, a lei 228/23 e o que a lei diz hoje (Sugestão utilizar o material” Rodas de conversa: Educação em sexualidade nas escolas: Não consentimento e violência” podendo exibir em forma de slide.

### **Roda de conversa 2**

- Iniciar perguntando quais os tipos de violência eles conhecem e já ouviram a frase: Não é não, pedir que falem sobre o que compreendem por essa frase, se sabem como denunciar em situações de assédio, estupro ou importunação sexual.
- Aula expositiva sobre os tipos de violência e por que Não é não
- Diferença entre assédio, estupro e importunação sexual; Disque denúncia 180.
- Realizar as atividades do anexo Tuca e Juba coletivamente para compreender as situações em que o Não é não e quando o Sim é não também. <https://ifan.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Caroline-Arcari-Pipo-e-Fifi.pdf>
- Realizar as atividades de ligar os conceitos as definições correspondentes para assim compreenderem os tipos de violência sexual, atividades no livro de Tuca e Juba. <https://ifan.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Caroline-Arcari-Pipo-e-Fifi.pdf>

- Criar cartazes com a frase Não é Não, pode criar desenhos, cards digitais, poesias, músicas.

**Recursos:** Datashow; Atividades impressas; Cartolina; Papel metro; Caneta;

**Avaliação:** Participação oral; Produções propostas;

### **Material Complementar**

#### **Sugestões de filmes e documentários:**

- Inacreditável
- Confiar
- The tale
- Spotlight – segredos revelados
- Sonhos roubados
- Mundo sem porteira
- Projeto crescer sem violência

Fonte: <https://www.childhood.org.br/8-series-e-filmes-que-trazem-o-tema-da-violencia-sexual-infantil/> Acesso em outubro/2024

#### **Sugestões de músicas:**

Camila, Camila -Banda Nenhum de nós

#### **Sugestões de páginas do instagram:**

<https://www.instagram.com/brasilmetoo/>  
Movimento contra o assédio e o abuso

**Referências:**

Rodas de conversa: Educação em sexualidade nas escolas (Não)consentimento e violência sexual.

**Tema: MAIO LARANJA: Combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes**

**Público-alvo:** Crianças, adolescentes, pais, educadores em geral.

**Cronograma: Maio/2025/2026**

**Objetivo geral:** Promover a prevenção e o combate ao abuso sexual e a proteção de crianças e adolescentes

**Objetivos específicos:**

- Promover a prevenção e a proteção de crianças e adolescentes
- Conhecer o corpo dos meninos e meninas
- Reconhecer as partes que podem ser tocadas e as que não podem
- Identificar pessoas de confiança e ambientes seguros

**Conteúdo:**

- Identidade- o corpo dos meninos e o corpo das meninas diferenças e semelhanças;

**Metodologia:****02 rodas de conversa****Roda de conversa 1**

- Tocar a música a música “Não pode tocar não” de autoria desconhecida. <https://www.youtube.com/watch?v=Xjlar8a0XWk> , pode projetar a letra da música.
- Mostrar com um boneco ou desenho as partes do corpo que podem ser tocadas e as que não podem;

- Levar o Semáforo do Toque mostrando as partes do corpo que podem ser tocadas por outras pessoas com a cor verde, as partes do corpo que requerem atenção ao serem tocadas por outras pessoas e partes do corpo que não podem ser tocadas ao não ser por cuidadores, médicos e pais em situação de cuidado, exame e higiene.
  - Caixa com situações para as crianças sugerirem soluções;( em anexo)

## **Roda de Conversa 2**

- Contar ou exibir o vídeo da história do livro Não me toca seu boboca e perguntar o que aprenderam com a história;
- Conversar sobre formas de denunciar;
- Caixa com frases sobre direitos das crianças e adolescentes (em anexo)
- Desenhar pessoas que confiam e lugares onde se sentem seguros;

### **Recursos:**

- Atividades do livro Pipo e Fifi disponível no link <https://ifan.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Caroline-Arcari-Pipo-e-Fifi.pdf>
- Desenhos de meninos e meninas;
- Caixa com frases sobre direitos das crianças e adolescentes;
- Caixa com situações para as crianças sugerirem soluções

**Avaliação:** Avaliar a interação e a participação das crianças nas atividades propostas, observar as falas, gestos e movimento dos corpos durante as rodas de conversa.

### **Material complementar:**

### **Sugestão de filmes e documentários:**

- Desenho Defenda-se <https://livedetrabalho infantil.org.br/noticias/reportagens/desenho-animado-ensina-criancas-se-defenderem-de-abuso-sexual/> (pode ser exibido para os participantes da roda de conversa)
- Não me toca seu boboca-história infantil contada <https://www.youtube.com/watch?v=thHBuFB6KSU> (pode ser exibido para os participantes da roda de conversa)

**Sugestão de músicas:**

- Toque do sim toque do não Tio Som e Tia Laila
- Eu amo o meu corpinho”, de Neusa Maria

**Sugestão de páginas de instagram:**

**Referências:** Arcari,Caroline.Pipo e Fifi:ensinando proteção contra violência sexual .Ilustrações :Isabela Santos-5 ed.Curitiba:Ed Caqui, 2018.

**Anexos:**

<https://www.youtube.com/watch?v=dUEuILLugno>

<https://ifan.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Caroline-Arcari-Pipo-e-Fifi.pdf>

## **Tema: MAIO VERMELHO: VISIBILIDADE MENSTRUAL E LUTA PELA SAÚDE DA MULHER**

**Público-alvo:** Meninas na menarca e mulheres que já menstruam

**Cronograma:** Maio 2025/2026

**Objetivo geral:**

- Realizar a Alfabetização menstrual de mulheres e meninas

**Objetivos específicos:**

- Proporcionar um conhecimento básico sobre o corpo feminino e o funcionamento do ciclo menstrual;
- Conhecer o ciclo menstrual e as fases da Lua;
- Realizar atividades de autopercepção como mandala lunar;
- Reconhecer os diferentes métodos de higiene pessoal disponível para mulheres que menstruam;
- Desmistificar a ideia de menstruação como algo tabu e negativa;

**Conteúdo:**

- Alfabetização corporal
- Sentido e significado da útera (útero)
- Fases do ciclo menstrual e a relação com as fases da Lua
- Autocuidado
- Métodos de higiene pessoal menstrual
- A menstruação na cultura indígena

## **Metodologia:**

### **Oficinas**

#### **Oficina 1**

- Meditação guiada de presença.
- Apresentação do nome e idade e tempo de menarca;
- Dinâmica respondendo à questão Menstruar para mim é...., dá um tempo para pensarem na resposta e escrever, depois socializar.
- Leitura coletiva do livro Minha mãe sangra;
- Alfabetização corporal: conhecendo o corpo feminino desenhando e pintando um desenho de um útera;
- Conhecendo os métodos de higiene durante a menstruação ( absorventes, coletores, calcinha higiênica )
- Ressignificando para TPM-Tempo para mim e o que fazer nesse momento;

#### **Oficina 2**

- Assistir o vídeo da indígena Weena Tikuna sobre como é menstruar numa aldeia;
- Conversar sobre a menstruação em outras culturas;
- Como preencher uma Mandala Lunar, atividade de autopercepção e auto-observação.
- Como plantar a Lua;
- Meditação de relaxamento e gratidão;

#### **Recursos:**

- Livros, atividades impressas ( desenho da útera, mandala lunar), datashow, papel ofício, lápis, caneta, lápis de cor, hidrocor, métodos de higiene para demonstração.

**Avaliação:** Participação nas atividades.

**Material complementar:**

**Sugestão de filmes e documentários:**

- Documentário Absorvendo o Tabu

**Sugestão de músicas:**

- Cíclica-Joana Terra

**Sugestão de páginas de instagram:**

**Referências:**

**MEURER, Berenice V.S.O diário de Adelaine: Um conto sobre os ciclos femininos e as fases de vida da mulher.Ed. do Autor,2024.**

**PACHECO, Cláudia. A mamãe sangra.Editora: Arte Letra, 2023.**

## **Tema: JUNHO ARCO\_IRIS :MÊS DO ORGULHO LGBTQI+**

**Público-alvo:** Adolescentes, pais, educadores e comunidade em geral.

**Cronograma:** Junho 2025/2026

**Objetivo geral:** Compreender as diferentes formas da diversidade sexual e a urgência em promover a inclusão e a igualdade.

**Objetivos específicos:**

- Compreender a diversidade sexual a partir das letras da sigla LGBTQI+;
- Discutir sobre o que é ser homem?
- Conhecer a luta pelos direitos à diversidade de gênero e sexualidade e de existência de grupos marginalizados;
- Conceituar Masculinidades, heteronormatividade, identidade de gênero e identidade sexual;

**Conteúdo:**

- Masculinidades;
- Heteronormatividade,
- Identidade de gênero e identidade sexual;
- Respeito e inclusão.

**Metodologia:**

## **2 rodas de conversa**

### **Roda de conversa 1-**

- Em uma roda de conversa, entregue em um papel diferentes identidades de gênero e sexual como: homens, mulheres, homossexuais, lésbicas, heterossexuais, bissexuais.
- Solicite que cada participante interprete com gestos e falas como seria o comportamento e as ações de acordo com cada identidade recebida. Podem surgir perguntas diante dos termos e isso é positivo pois o conhecimento é construído constantemente. Ao interpretar os outros participantes devem tentar adivinhar qual personagem está sendo interpretado, é importante ressaltar que isso corresponde a estereótipos. Durante a interpretação pergunte como se sente na sociedade para cada personagem, vamos percebendo assim os preconceitos que envolvem as identidades de gênero e sexual.
- Após as interpretações, saliente a diversidade presente na sociedade e sobre a importância dessa diversidade, lembrando do respeito e da inclusão. Explique o significado de cada sigla ou peça que os participantes pesquisem.

### **Roda de conversa 2**

- Selecione uma das músicas sugeridas no material complementar para exibir, leve a letra da música impressa para os participantes acompanharem. Conversar sobre aspectos da diversidade sexual e de gênero presentes na música.
- Levar dados da violência contra homossexuais e lésbicas no Brasil para serem analisados e ouvir a opinião dos participantes sobre o que pensam e que ações sugerem para por fim a essa violência.

### **Recursos:**

- Datashow; Atividades impressas; Cartolina; Papel metro; Caneta;

## **Avaliação:**

- Participação, interação e exposição oral.

## Material complementar:

### Sugestão de filmes e documentários:

1. XXY (Lucía Puezó, 2006)
2. Tomboy (Céline, Sciamma, 2012)
3. De gravata e unha vermelha (Miriam Chnaiderman, 2015)
4. Laurence Anyways (Xavier Dolan, 2012)
5. Transamerica (Duncan Tucker, 2005)
6. Minha Vida em Cor de Rosa (Alan Berliner, 1997)
7. Vestido nuevo (Sergi Pérez, 2008)
8. “Tle Light”, HolySiz (Benoît Pétré, 2014)
9. Contra a corrente (Javier Fuentes-Leon, 2009)
10. Hoje eu quero voltar sozinho (Daniel Ribeiro, 2014)

### Sugestão de músicas:

- Homem com H, de Ney Matogrosso.
- Gay (Interlúdio), de Gloria Groove.
- Toda Forma de Amor, de Lulu Santos.

- Flutua, de Johnny Hooker e Liniker.
- Meninos e Meninas, de Jão.
- Paula e Beбето, de Milton Nascimento.

Sugestão de páginas de instagram:

Museu da diversidade: <https://www.instagram.com/museudadiversidadese sexual/>

Universo LGBT <https://www.instagram.com/universolg bti/>

**TEMA: SETEMBRO: “UM HOMEM TAMBÉM CHORA”: O ESTIGMA MASCULINO**

**Público-alvo:** Adolescentes, pais, educadores e comunidade em geral.

**Cronograma:** Setembro 2025/2026

**Objetivo geral:**

**Objetivos específicos:**

- Refletir sobre os papéis de gênero estabelecidos socialmente
- Conceito de masculinidades
- 

**Conteúdo:**

- Papéis de gênero
- 

**Metodologia:**

**Roda de Conversa com um boneco de pano sem rosto ou identidade**

**Roda de conversa 1:**

- Apresentar o boneco (a roda também pode ser feita sem ele), dar um nome ao personagem perguntar o que precisa ter de acessório para o personagem ser um homem;
- Exibir a Música “Homem também chora” /Gonzaguinha;
- Conversar sobre a música, os sentimentos e emoções que sentiram ao ouvi-la;

- Intermediar as conversas com as questões: O que você/ou boneco precisa ser para ser considerado homem? O que você /ou o boneco precisa esconder para ser considerado homem? O que gostaria de fazer sendo homem? Como gostaria de viver?
- Elaborar um Painel sobre o homem que sou /o que gostaria de ser.

## **Roda de conversa 2**

- Iniciar a conversa apresentando o boneco com os acessórios sugeridos
- Exibir o documentário ou trechos O silêncio dos homens
- Conversa sobre o documentário
- Elaborar um Painel respondendo as questões: Qual o lugar das mulheres na rede de afetos deles? Quem procuram quando desejam desabar, conversar? Quem eles admiram e se inspiram a ser o homem que são ou que desejam ser?

Trechos do filme “O silêncio dos homens”

Painel- o homem que sou /o que gostaria de ser.

**Recursos:** Datashow, boneco de pano, música, documentário

**Avaliação:** Participação ativa nas rodas de conversa.

**Material complementar:**

**Sugestão de filmes e documentários:**

1. The mask you live in ·
2. Eu não sou um homem fácil ·
3. Moonlight sob a luz do luar.
4. Macho alfa

**Sugestão de músicas:**

Super homem-Gilberto Gil

Todo Homem-Caetano Veloso

**Sugestão de páginas de instagram:**

<https://www.instagram.com/masculinidadequebrada/>

<https://www.instagram.com/papodehomem/>

**Referências:** O SILÊNCIO dos homens. Direção Ian Leite e Luiza de Castro. Produção Cecilia Leite. Realização de Monstros Filmes.

São Paulo: Papo de Homem e Instituto PDH, 2019.Youtube (61 min.AVI, son, color. ).

## CONSIDERAÇÕES SEM FINAIS

Se a maneira de olhar para essa questão de investigação: o que os jovens pensam sobre masculinidade” vai provocar rupturas filosóficas ou epistêmicas nos estudos de gênero ou na maneira de conceber a inserção dos meninos em pautas feministas na escola, isso eu ainda não sei, e pode até ser pretensão fantasiosa, mas que os mergulhos nas etapas da pesquisa e nos estudos já têm feito diversos furos em mim, deslocado meu modo de perceber as realidades e de entender os sujeitos da pesquisa como frutos do seu espaço e seu tempo e a escola como lugar de grande potencial de pesquisa. Por esses furos ecoam ideias e visões, mas também, num movimento dialético, vai sendo lugares de chegada, de mudança e permanência de muitas novas filosofias.

Inclusive, sobre o método e a metodologia para construir um percurso de pesquisa que contemple a juventude e os homens sem fazer um julgamento moral ou ético, sem fazer juízo de valor ou considerar que as respostas são já óbvias, pode, sim, usar o lúdico, pode, sim, levar um boneco de pano que parece brincadeira de criança e, por intermédio dele, falar de assuntos que os afetam, os movem, os paralisam.

Neste estudo, eu aprendi a perceber que não perdemos a cientificidade necessária à pesquisa quando nos colocamos como pesquisadora e pessoa, mãe e professora, pois, afinal, não dá para separar as personalidades de uma mesma pessoa, nem as dores e nem as alegrias e o ato de pesquisar acontece no movimento contínuo das existências, em suas paradas e recomeços.

Dessa forma, discutir relações de gênero é também possibilidade de refletir nossa própria experiência em meio às diferentes construções de feminilidades e masculinidades, atribuindo novos sentidos e repensando nossa própria forma de significar tais relações.

A constatação de que os participantes da pesquisa estão abertos a novos conhecimentos, reconhecem seus privilégios enquanto homens, se apropriam de conceitos básicos para a compreensão de gênero, sexualidade e masculinidades ainda revelam nos seus discursos um modelo patriarcal de masculinidade evidenciando que a desconstrução e rompimento dos valores hegemônicos da

masculinidade ainda percorrerá um longo caminho e a educação escolar tem muito a contribuir nesse caminho.

Os objetivos da pesquisa elencados inicialmente foram alcançados neste estudo e a roda de conversa confirmou seu potencial enquanto método de coleta de dados com jovens pela dinâmica do método. O fato de os estudantes terem falado abertamente sobre masculinidade surpreendeu e relaciono isso à questão de eles estarem entre eles, sem a presença de outros adultos ou outras mulheres além da pesquisadora. E também a relação de confiança que se estabeleceu, apesar do pouco contato entre nós, a ética prevalecia nas rodas de conversa, sem julgamento de valor das falas e com uma escuta com acolhimento.

Podemos perceber que cada estudante compreende as masculinidades a partir de suas próprias percepções de gênero e sexualidade construídas no ambiente escolar, na família e nas relações entre seus colegas. Eles demonstraram estar atentos às práticas e discursos sobre assédio sexual, as relações de gênero embora transitem entre um discurso de liberdade e aspectos conservadores, às vezes tentando romper com marcadores de gênero e sexualidade e em outros momentos buscando maneiras de permanecer numa expressão de padrões normativos.

As masculinidades se apresentam de diversas maneiras entre os estudantes, expressando pelas falas, jeito de sentar, de se comportar, a forma como se vestem, os objetos que usam no corpo e a forma que se relacionam entre si e com seu próprio corpo numa relação de aceitação e conflito. Embora tenha sido possível perceber que existem formas aceitáveis por eles sobre ser masculino, como “Andar na linha, respeitar as mulheres”, “Jogar bola, tem muitas coisas pra fazer sendo homem”, “Viver do jeito que eu gosto”.

Nesse sentido, desejamos que este estudo contribua para as discussões sobre gênero e sexualidade, e mais especificamente, sobre as masculinidades, em especial no contexto escolar. Que a educação escolar perceba os discursos e práticas presentes em seu ambiente, potencializando com estratégias de combate e prevenção a violências contra as mulheres, contra os dissidentes da masculinidade hegemônica e aquelas pessoas que não se adequam aos quesitos da heteronormatividade. Que assim como eu tomei minha realidade como ponto de partida-chegada, as pesquisas científicas sejam sempre engajadas e implicadas com a educação e investigue problemas reais do cotidiano educativo.

## ANEXOS



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV – JACOBINA  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – PPGED  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – MPED**

### Termo de assentimento

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Tu não é home, não?:O que a juventude pensa sobre masculinidades e gênero?Seus responsáveis permitiram que você participasse. Queremos saber como os estudantes do gênero masculino são inseridos nas discussões sobre o tema “Gênero e sexualidade nas atividades escolares” e analisar qual o conceito de masculinidade é construído pelos estudantes na escola.

Para isso, será usado as rodas de conversa como método de pesquisa. O uso do material é considerado seguro, mas pode acontecer incômodos ao falar sobre o tema, devido à exposição e falas, para isso será criado um ambiente seguro e tranquilo onde sua fala não será julgada por ninguém. Caso aconteça algo errado ou tenha alguma dúvida, você pode procurar a pesquisadora Marihen de Souza Nogueira pelo telefone:74-98108-4656. Mas têm coisas boas que podem acontecer durante a pesquisa como: compartilhar opiniões, aprender sobre o tema, contribuir para a elaboração de projetos sobre o tema masculinidades e ampliar as discussões sobre gênero e sexualidade na escola.Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir a qualquer momento.Você não terá nenhum gasto com a pesquisa.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças/adolescentes que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa, esta ficará disponível na plataforma Brasil e no site do MPED-Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da UNEB-Universidade do Estado da Bahia.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/HFA). As dúvidas com relação à assinatura deste Termo de assentimento ou os direitos do participantes da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3966-2044 ou e- mail: [cep@hfa.mil.br](mailto:cep@hfa.mil.br). Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar da pesquisa “Tu não é homem, não? O que a juventude pensa sobre Masculinidade e Gênero”. Entendi os benefícios e as coisas ruins que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Eu entendi a informação apresentada neste termo de assentimento. Eu receberei uma cópia assinada e datada deste termo de assentimento.

Jacobina-Bahia, \_\_\_\_de\_\_\_\_de 20\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) Pesquisador/a Responsável



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV – JACOBINA  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – PPGED  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – MPED**

**QUESTÕES NORTEADORAS**

**Roda de conversa 1**

- O que você precisa ser para ser considerado homem?
- O que você precisa esconder para ser considerado homem?
- O que gostaria de fazer sendo homem? Como gostaria de viver?

**Roda de conversa 2**

- Qual o lugar das mulheres na rede de afetos deles?
- Quem procuram quando desejam desabar, conversar?
- Quem eles admiram e se inspiram a ser o homem que são ou que desejam ser?

**Roda de conversa 3**

- Por quem o boneco sente atração física e afetiva? Homem ou mulher?
- Com quem ele se relaciona?
- Como ele aprende sobre sexualidade?
- Quais são as mudanças que acontecem no corpo do boneco? Se ele fosse uma mulher ele poderia ter esse mesmo comportamento?



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV – JACOBINA  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – PPGED  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – MPED**

**QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO**

**I – IDENTIFICAÇÃO**

1. Onde você reside atualmente? Informar município e estado.
2. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
3. Idade \_\_\_\_\_
4. Estado civil: ( ) casado(a) ( ) solteiro(a) ( ) viúvo(a) ( ) separado(a) ( ) divorciado(a) ( ) união estável
5. Procedência: ( ) Zona urbana ( ) Zona rural
6. Qual é a sua cor ou etnia? ( ) Preta ( ) Parda ( ) Branca ( ) Amarela ( ) Indígena
7. Possui filhos? ( ) Não ( ) Sim, quantos?
8. Portador de algum tipo de necessidade especial: ( ) Não ( ) Sim, qual?

**II- INFORMAÇÕES ECONÔMICAS**

9. Qual a ocupação do pai ou responsável?
10. Qual a ocupação da mãe ou responsável?
11. Você está trabalhando atualmente?  
( ) Não ( ) Sim, trabalho eventualmente ( ) Sim, trabalho em tempo parcial
12. Sua família é beneficiária de algum Programa Social do Governo, Federal, Estadual ou Municipal? ( ) Não ( ) Sim
13. Qual a renda mensal de toda a sua família? (somando todas as fontes de renda bruta)  
( ) Até meio salário mínimo ( ) De meio a um salário mínimo ( ) Mais de um até dois salários mínimos ( ) Mais de dois até três salários mínimos ( ) Mais de três até cinco

salários mínimos ( ) Mais de cinco até dez salários mínimos ( ) Mais de dez até vinte salários mínimos

### III- SEXUALIDADE

**14. Procurando ser sincero, selecione a opção que melhor classifique o seu ambiente familiar quanto ao nível da abertura para o diálogo sobre temas relacionados com a sexualidade:**

1[ ] muito fechado 2[ ] fechado 3[ ] nem fechado nem aberto 4[ ] aberto 5[ ] Muito aberto

**15. Procurando ser sincero, selecione a opção que melhor classifique a sua escola quanto à qualidade do diálogo sobre temas relacionados com a sexualidade:**

1[ ] muito mau 2[ ] mau 3[ ] nem mau nem bom 4[ ] bom 5[ ] Muito bom

Quanto a sua sexualidade, como você se identifica:

( ) hétero (atração sexual por pessoas do sexo oposto)

( ) homossexual (atração sexual por pessoas do mesmo sexo)

( ) bissexual ( atração sexual tanto de pessoas do mesmo sexo como por pessoas do sexo oposto)

( ) assexual (não sente atração sexual)

( ) pansexual (sente atração sexual pelas qualidades independente de sexo ou gênero)



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV – JACOBINA**  
**PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – PPGED**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – MPED**

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Termo de cessão de uso de imagem e/ou voz para fins de pesquisa

Eu, \_\_\_\_\_ participante da pesquisa, de forma livre e esclarecida, cedo o direito de uso das fotografias, vídeos e/ou voz adquiridos durante a realização do tratamento clínico ou durante sua participação em estudo/pesquisa, e autorizo a pesquisadora Marihen de Souza Nogueira, bem como a instituição a qual esteja vinculado, responsável pelo trabalho a:

1- utilizar e veicular as fotografias, vídeos e/ou voz obtidas durante a minha participação nesta pesquisa nas atividades da pesquisadora e na dissertação do mestrado da mestrandia no programa MPED-Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da UNEB-Universidade do Estado da Bahia campus Jacobina-Bahia com o objetivo de para fim de obtenção de grau acadêmico e/ou divulgação científica, garantido a ocultação de identidade (mantendo-se a confidencialidade e a privacidade das informações), inclusive, mas não restrito a ocultação da face e/ou dos olhos, quando possível;

2- utilizar as fotografias, vídeos e/ou voz na produção de quaisquer materiais acadêmicos, inclusive aulas e apresentações em congressos e eventos científicos, por meio oral (conferências) ou impresso (pôsteres ou painéis); na publicação de artigos científicos em meio impresso e/ou eletrônico para fins de divulgação, sem limitação de número de inserções e reproduções;

3- no caso de imagens, executar livremente a montagem das fotografias, realizando cortes e correções de brilho e/ou contrastes necessários, sem alterar a sua veracidade, utilizando-as exclusivamente para os fins previstos neste termo e responsabilizando-se pela guarda e pela utilização da obra final produzida;

4- no caso da voz, executar livremente a edição e montagem do trecho, realizando cortes e correções necessárias, assim como de gravações, sem alterar a sua veracidade, utilizando-as exclusivamente para os fins previstos neste termo e responsabilizando-se pela guarda e pela utilização da obra final produzida.

O participante declara que está ciente que não haverá pagamento financeiro de qualquer natureza neste ou em qualquer momento pela cessão das fotografias, dos vídeos e/ou da voz, e que está ciente que pode retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, salvo os materiais científicos já publicados.

É vedado a pesquisadora utilizar as fotografias, os vídeos e/ou a voz para fins comerciais ou com objetivos divergentes da pesquisa proposta, sob pena de responsabilização nos termos da legislação brasileira. A pesquisadora declara que o presente estudo/pesquisa será norteado pelos normativos éticos vigentes no Brasil.

O participante receberá uma cópia assinada e datada deste termo.

Jacobina-Bahia,        de        de 20 .

PESQUISADOR RESPONSÁVEL CPF:

PARTICIPANTE DO ESTUDO CPF:



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV – JACOBINA  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – PPGED  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – MPED**

**TERMO DE ANUÊNCIA**

À Senhora

Diretora do Colégio Estadual de Jacobina-Bahia / CEJA

Assunto: Autorização para pesquisa

Venho por meio desta, solicitar a Vossa Senhoria autorização institucional para realizar a pesquisa intitulada: “Tu não é homem, não? O que a juventude pensa sobre masculinidades e gênero”, que será desenvolvido pela pesquisadora Marihen de Souza Nogueira. Aproveito o ensejo para pedir autorização para que o nome desta instituição possa constar no relatório final bem como nas futuras publicações na forma de artigo científico.

Ressalto que os dados coletados serão mantidos sob absoluto sigilo de acordo com a Resolução CNS/Ministério da Saúde, nº 446, de 12 de dezembro de 2012 e nº 510, de 7 de abril de 2016, que tratam da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Saliento ainda que tais dados serão utilizados tão somente para a realização deste estudo.

Na certeza de contar com a colaboração institucional, agradeço antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Esta autorização está condicionada à aprovação prévia da referida pesquisa por um Comitê de Ética em Pesquisa. O descumprimento desse condicionamento assegura-nos o direito de retirar esta anuência a qualquer momento da pesquisa.

Jacobina-Bahia 16 de julho de 2024

Marihen de Souza Nogueira

Pesquisadora responsável

---

Diretora escolar

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. Coord. **Juventudes na Escola, Sentidos e Buscas: Por que frequentam?** / Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro, Júlio Jacobo Waiselfisz. Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015.

ABREU, Rachel Luiza Pulcino de. **“É Algo Socialmente Construído”: Gêneros e Sexualidades na Escola entre Percepções de Docentes e Estudantes**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2019.

ARAGÃO, E. M., Barros, M. E. B. de, & Oliveira, S. P. de. (2005). **Falando de Metodologia de Pesquisa**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 5 (2), 18–28. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/11175>

ARCARI, Caroline. Pipo e Fifi: **ensinando proteção contra violência sexual**. Ilustrações: Isabela Santos-5 ed. Curitiba: Ed Caqui, 2018.

ADICHIE. Chimamanda Ngozi. **Para Educar Crianças Feministas: um manifesto**. Tradução: Denise Bottmann. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ANASTASIOU, L. G. C; ALVES, L. P. **Estratégias de ensinagem. Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**, v. 3, p. 67-100, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Volume 1. Tradução Sérgio Milliet-3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BRASIL, Presidência da República, Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Secretaria da Educação Básica. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> . Acesso em: 13 dez. de 2022.

BAHIA. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. **Documento curricular referencial da Bahia para educação infantil e ensino fundamental**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari.

BOURDIEU, Pierre, **A dominação masculina** / Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena Kühner. - 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160p.

BOTTON, Fernando Bagiotto. As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. **Revista Vernáculo**. n. 19 e 20, 2007. Disponível em: <[As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica | Botton Revista Vernáculo \(ufpr.br\)](#)>. Acesso em: 07 de julho de 2024.

BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nádia. Revisão de Literatura e Revisão sistemática de literatura. **Revista de Educação do Vale dos Arinos RELVA**. Juara, MT, Brasil, v.3, n. 2, p.23-39, jul./ dez. 2016. Disponível em:< [REVISÃO DA LITERATURA E REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA | Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA \(unemat.br\)](#)>. Acesso em: 20. dez. 2022.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis. v. 21, n. 1, p. 241-282, Maio de 2013. Disponível em: <https://scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2013000100014&script=sciarttext&tlng=pt>. Acesso: 13. nov. de 2022.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

CORRÊA, S. de S., FERRI, C., & FERREIRA, J. C. (2015). **As abordagens pós-críticas em pesquisa educacional na perspectiva do "ator plural" de Bernard Lahire**. *REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA*, 7(13), 75–89. recuperado de <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/518>

COSTA, R. M. da. **Juventude, Violência e Masculinidade**: possibilidades para a compreensão do fenômeno da violência juvenil no Brasil contemporâneo. XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades, 2016. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br>. Acesso em 15 maio 2024

DAYRELL, J. **O jovem como sujeito social**. Revista. Brasileira. Educacional. 2003, n.24, p. 40-52. Disponível em: <http://www.scielo>. Acesso em: 23mar2016.  
DAMIANI, Magda Floriana et al. **Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica**. Cadernos de Educação, n. 45, p. 57-67, 2013.

FRANCA, Elisete Santana Da Cruz. **As relações de sociabilidade e as (re)interpretações de gênero e masculinidades de jovens no contexto escolar**. 2018. Tese (Doutorado Em Difusão Do Conhecimento IFBA - Senai/CIMATEC - LNCC - UNEB - UEMS). Instituição De Ensino: Universidade Federal Da Bahia, Salvador-Bahia, 2018.

FERREIRA, M. M. **Relações de Classe e Gênero na Escola: revisitando conceitos de igualdade, desigualdade, diferença, classe e gênero**, 2014. Disponível em: [Relações de Classe e Gênero na Escola: revisitando conceitos de igualdade, desigualdade, diferença, classe e gênero | Revista Tempos e Espaços em Educação \(ufs.br\)](#)

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**, 2019. Disponível em:

<http://www.iff.fiocruz.br/pdf/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf> Acesso em: 03/07/2024 .  
Fonte: Rede de Observatórios de Segurança).

FONTURA, Helena Amaral da et al. Tematização como possibilidade de interpretação de dados nas pesquisas qualitativas: contribuições teóricas e metodológicas. In: **Atêlie de Pesquisa: formação de professores(as)- pesquisadores(as) e métodos de pesquisa em educação**. Salvador: EDUNEB, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREITAS, José Rossicleiton de. **A construção das masculinidades de jovens em contexto escolar em uma comunidade de zona rural**. 2021. Dissertação (Mestrado profissional). Universidade Regional do Cariri, Crato, 2021.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano, 2002. (Pesquisa em Educação, v. 1).

FONTOURA, Helena Amaral da. **Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa**. In: FONTOURA, H. A. (Org.) Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa. Niterói: Intertexto, 2011, p. 61-82.

GOMES, N. L. (2002). **Educação e Identidade Negra**. *Aletria: Revista De Estudos De Literatura*, 9, 38–47. <https://doi.org/10.17851/2317-2096.9.38-47>

GROSSI, Miriam Pillar. **A revista estudos feministas faz 10 anos: uma breve história do feminismo no brasil**. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 12(N.E.): 264, setembro-dezembro/2004. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300023>>. Acesso em: 22. dez. 2022.

JHA, Sonora. **Como educar um filho feminista: maternidade, masculinidade e a criação de uma família**. Tradução: Giu Alonso. Rio de Janeiro: Agir, 2021.

JÚNIOR, Kléber Neves Marques. **Masculinidades bicha: trajetórias escolares das bichas no ensino médio**. Mestrado em Educação. UFP, 2022.

LOPES, Adilson; CASTELAN, Zelma; PESTANA; Vera. **A roda de conversa e a democratização da fala: conversando sobre educação de infância e dialogicidade**. Acervo Paulo Freire. Disponível em: < ([Microsoft Word - AdilsonLopes.ZelmaCastelan.V\351raPestana](#)) ([paulofreire.org](http://paulofreire.org))>. Acesso em: 15. dez. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.  
MEDRADO, B., & LYRA, J. (2008). **Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades**. *Revista Estudos Feministas*, 16 (3), 809-840.

MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Mazza, 2014.

MESSIAS, Franciele Reis. **Discursividades das psicólogas escolares do Sisal sobre performatividades de gênero e sexualidades**. Trabalho Final de Conclusão de Curso em Educação e Diversidade (Mestrado Profissional) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, 2022

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Orientação Sexual. Volume 10.2. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>>. Acesso em: 13 de dez. 2022.

MOURA, Adriana Borges Ferro; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. Reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. In: ARAÚJO, Raimundo Dutra de; ARAUJO, Francisco Antônio Machado. **Processos metodológicos na pesquisa em educação: dispositivos de produção e análise de dados em movimento**. Parnaíba, PI: Academia Editorial, 2020.

MUTTÃO, Melaine Duarte Ribeiro; LODI, Ana Claudia Balieiro. **Formação de professores e educação de surdos: revisão sistemática de teses e dissertações**. Psicologia Escolar e Educacional, SP, Número Especial. 2018: p. 49-56. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Paraíso, M. A. (2014). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In M. A. Paraíso & D. Meyer (Orgs.), **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação** (2a. ed., p. 25-48). Belo Horizonte, MG: Mazza.

PEREIRA, Erlândia Silva. Rodas de conversas dialógicas: o espaço da liberdade para dizer a palavra. In: DEL GLOBO, Juliano. **A psicologia frente ao contexto contemporâneo**. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

PEREIRA, Erlândia Silva. **A roda de conversa dialógica como pesquisa e intervenção: uma análise da mudança na compreensão da qualidade de vida**. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2018.494> .> Acesso em: 15. dez. 2022.

PEREIRA, Adriana Soares et al. **Metodologia da Pesquisa Científica**. 1. ed. – Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

PINHO, Maria José Souza; SANTOS, Joelma Ferreira dos; NOGUEIRA, Marihen de Souza. Masculinidades 136-140. In: Abecedário pedagógico sob rasura: educação e(m) diversidade/organização. Ana Lucia Gomes da Silva, Juliana Cristina Salvadori, Obdália Santana Ferraz Silva.- Salvador-BA, Jornal Editora Alecrim, 2023.

RIZZATTI, I. M.; MENDONÇA, A. P.; MATTOS, F.; RÔÇAS, G. SILVA, M. A. B. V. da; CAVALCANTI, R. J. S.; OLIVEIRA, R. R. **Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de**

**colaboradores.** ACTIO, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/actio>> Acesso em: 10. jul.2024

RODRIGUEZ, Shay de los Santos. Um breve ensaio sobre a masculinidade hegemônica. **Revista Diversidade e Educação.** v.7, n.2, p.276-291. Jul/Dez 2019. Disponível em:< [UM BREVE ENSAIO SOBRE A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA | Diversidade e Educação \(furg.br\)](https://www.furg.br/revista-diversidade-e-educacao)>. Acesso em: 20. dez. 2022.

ROCHA, Marisa Lopes da e AGUIAR, Katia Faria de. **Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises.** Psicol. cienc. prof. [online]. 2003, vol.23, n.4, pp.64-73.

SANTOS, Neide Pinto dos. **Juventudes e Masculinidades: Conversando sobre gênero com estudantes em uma escola pública no município de Feira de Santana-Ba.** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana-BA, 2019.

SANTOS, Caio César. **Como o conceito tradicional de masculinidade afeta os meninos?** Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17042/como-o-conceito-tradicional-demasculinidade-afeta-os-meninos> . Acesso em: 20 ago. 2020.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica.** Educação & Realidade. 20.(2). 71. 99. jul./dez. 1995. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em:<[http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen\\_categoria.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html)>. Acesso em: 15. dez. 2022.

SEFFNER, F.; SILVA, L. F. **“Mind the trap”: o menino, a escola e a folha de alface.** Educação (Porto Alegre), v. 39, n. 3, p. 393-403, set.-dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2016.3.22451>. Acesso em: 23.08.2023. 119

SEFFNER, F. **Sexualidade: isso é mesmo matéria escolar?** Rev. Teoria e Prática da Educação, v. 17, n. 2, p. 67-81, Maio/Agosto 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/tpe.v17i2.27750>. Acesso em: 24.08.2023.

SEFFNER, Fernando; PICCHETTI, Yara de Paula. **A cultura escolar produz gênero mesmo quando fala dele. In: Gênero, sexualidade e trajetórias de escolarização.** Org. Iolete Ribeiro da Silva, André Luís Machado das Neves e Fernanda Priscila Pereira Calegare.1. ed., Salvador, Ba. Devires, 2022.

SIMONE, Mainieri Paulon. A ANÁLISE DE IMPLICAÇÃO COMO FERRAMENTA NA PESQUISA-INTERVENÇÃO. Psicologia & Sociedade [en línea]. 2005, 17(3), 18-25[fecha de Consulta 23 de Agosto de 2024]. ISSN: 0102-7182. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326341003>

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. **Ateliês de Pesquisa: formação de professores (as) - pesquisadores(as) e métodos de pesquisa em educação /** Organizado por : Ana Lúcia Gomes da Silva;Váldina Gonçalves da Costa e Diego Carlos Pereira-Salvador: EDUNEB, 2020.197 p.

SILVA, Ana. Lúcia. G. da; DA SILVA, Fernando Macedo ; LEITE, DIEGO S. Profissão docente em contexto de diversidade: cartografias das pesquisas em gênero e sexualidade na Bahia. **Revista Nova Paideia**– Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa, v. 1, p. 43-55, 2019.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SALVADORI, Juliana Cristina; SILVA, Obdália Santana Ferraz (Orgs.). **Abecedário pedagógico sob rasuras**: educação e(em) diversidade. Salvador-BA: Jornal Editora Alecrim, 2023.

SILVA, Ana. Lúcia. G da.; SÁ, M. A. ÁVILA DOS S.; NUNES, J. B. A. A PESQUISA NOS MESTRADOS PROFISSIONAIS EM EDUCAÇÃO. **Interação - Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 20, n. 2, p. 143 - 161, 11 mar. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unis.edu.br/index.php/interacao/article/view/164>

SILVA, Jeronimo Jorge Cavalcanti; RODRIGUEZ, Victor Manuel Amar; SILVA, Zuleide Paiva da. (organizadores)- **Caminhos metodológicos da pesquisa aplicada em educação** Salvador: EDUFBA, 2022.312 p.

SILVA, Luciano Ferreira Da. **Mind The Trap: Construção de Masculinidades Juvenis e suas Implicações com o Desempenho Escolar**. 2018. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2018.

SOARES, Renata Da Rocha. **Relacionamentos Afetivo-Sexuais: Narrativas de Jovens Contemporâneos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Luterana Do Brasil, Canoas, 2019.

VIVEROS VIGOYA, Mara. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Trad. Alysson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018. 224 pp.

WANG, *May-Lin*; JABLONSKI, *Bernardo*; MAGALHÃES, *Andréa Seixas*. **Identities Masculinas: Limites e Possibilidades**. Psicologia em revista, v. 12, n. 19. 2007. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/243>  
Acesso em : 15 de maio de 2024

XIMENES, Priscilla de Andrade Silva; PEDRO, Luciana Guimarães; CORRÊA, Avani Maria de Campos. A pesquisa-formação sob diferentes perspectivas no campo do desenvolvimento profissional docente. **Ensino em revista**. Uberlândia, MG. v.29. p. 1-25. e. 010. 2022. Disponível em: < <http://doi.org/10.14393/ER-v29a2022-10>>. Acesso em: 20. nov. 2022.

WARSCHAUER, C. . **Rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação**. In: SCOZ, Beatriz; FELDMAN, Cláudia; GASPARIAN, M. Cecília; MALUF, M. Irene; MENDES, Mônica; BOMBONATTO, Quézia; SANTILLI, Sandra; PINTO, Silvia. (Org.). Psicopedagogia; contribuições para a educação pós-moderna. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004, v. , p. 13-23.

SOMBRA, Ana Quesado; LEONARDO, Geórgia de Mendonça Nunes. PAPÉIS SOCIAIS E DESIGUALDADE DE GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA. **Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 3–16, 2021. DOI: 10.36732/riep.v3i2.90. Disponível em: <https://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/90>. Acesso em: 10 ago. 2024.